

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo**APRESENTAÇÃO**

A Revista de Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no *site* da AATESP – www.aatesp.com.br. Foi criada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas de arteterapeutas associados e de autores de áreas afins orientados por um arteterapeuta associado, interessados na difusão e no aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e a reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e as suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: revista@aatesp.com.br

Editora:

Dra. Leila Nazareth AATESP 001/1203

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth AATESP 001/1203

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti AATESP 008/1203

Dra. Tatiana Fecchio AATESP 058/1105

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920

Dra. Ana Carmen Nogueira AATESP 200/0611

Conselho Consultivo:

Dra. Adriana Leopold AATESP 203/0611

Dra. Alessandra Giordano AATESP 025/1203

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares ABCA 0001/0301

Dra. Cristina Brandt Nunes AATESP 539/0919

Dra. Cristina Dias Allessandrini AATESP 015/1203

Dra. Eloisa Quadros Fagali AATESP 021/1203

Dra. Irene Gaeta Arcuri AATESP 043/0504

Dra. Lara Nassar Scalise AATESP 474/1218

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren AATESP 005/1203

Dra. Selma Ciornai AATESP 014/1203

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi AATESP 251/0113

Dr. Robson Xavier AAPB 009/2018

Dr. Sandro Leite AATESP 023/1203

Ms. Andréia Aparecida da Silva Pinto AATESP 229/0112

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande AATESP 100/0109
Ms. Dilaina Paula dos Santos AATESP 011/1203
Ms. Eliana Cecilia Ciasca AATESP 082/0907
Ms. Lídia Lacava AATESP 039/0504
Ms. Mailde Jerônimo Trípoli AATESP 070/0507
Ms. Marieli Cristine do Amaral Santos AATESP 157/0510
Ms. Rozelia Vasques Ortiz AATERGS 133/0916
Ms. Tania Cristina Freire AATESP 053/0305
Ms. Valéria G. C. Monteiro AATESP 340/061
Esp. Angelica Shigihara de Lima AATERGS 001/0603
Esp. Maria Angela Gaspari AATESP 138/0410
Esp. Mônica Guttmann AATESP 032/1203

Capa

Priscilla Tesser Reuter AATESP 506/0519
Caminho para Florescer e Ser - Colagem, a partir de desenho intuitivo do processo arteterapêutico.

Formatação, Editoração

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920
Esp. Joyce da Silva ABCA 169/0423

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e os julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos editores ou do conselho editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2023-2024

Diretora Gerente

Lara Nassar Scalise

1ª Diretora Adjunta

Dilaina Paula dos Santos

2º Diretor Adjunto

Sandro José da Silva Leite

1º Secretário

Marcos dos Reis Nogueira

2ª Secretária

Marcia Cristina de Aguiar

1ª Tesoureira

Camilla Dimitrov

2ª Tesoureira

Cristina de Barros Shiguereu

Conselho Fiscal

Bonna Graziella Straccialini Spadacini

Ligia Kohan Tarandach

Viviane Barbosa de Magalhães

Revista

Leila Nazareth

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Tatiana Fecchio

Gisela Dias

Joyce da Silva

Ana Carmen Nogueira

Sumário

EDITORIAL

A Arteterapia consolidando-se como uma prática de saúde e qualidade de vida 2
Leila Nazareth

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL

Diálogos com as expressões simbólicas no processo de individuação 4
Jéssica Valéria Alves Bezerra

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL

**Estudos sobre a arte aplicada ao âmbito psicoterapêutico e à subjetividade das
imagens 26**
Eveline Pereira Carrano

RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Obras de arte como agentes potencializadores de processos criativos e
autoconhecimento 44**
Paulette Vaisberg Gerecht

ESTUDO DE CASO

**A Arteterapia concebendo o trauma como fator no tratamento do transtorno bipolar:
um estudo de caso 73**
Berenice Queiroz da Costa, Sergio Henrique Gonçalves da Rocha

ESTUDO DE CASO

**Arte-reabilitação de funções cognitivas: um estudo de atenção e memória em adulto
com deficiência intelectual 93**
Iara Simonetti Racy, Ana Carmen Nogueira, Tania Cristina Freire

NORMAS DE PUBLICAÇÃO 112

EDITORIAL**A Arteterapia consolidando-se como uma prática de saúde e qualidade de vida**Leila Nazareth¹

Arteterapeutas leitores, a Revista de Arteterapia da AATESP traz, em seu novo número, uma pequena coleção de artigos. A expressão artística no trabalho arteterapêutico se faz presente em todos os artigos, destacando o papel catalisador de processos psíquicos. A criatividade, a expressão e a ampliação da percepção também são apresentadas como índices de melhora na qualidade de vida.

No primeiro artigo, **Diálogos com as expressões simbólicas no processo de individuação**, Jéssica Valéria Alves Bezerra apresenta um estudo de caso, abordando o processo de individuação de uma analisanda, JB, durante seu processo terapêutico – Psicologia analítica de Jung. Também são estudadas as contribuições das vivências artísticas a esse processo terapêutico advindas da participação da analisanda nas aulas de sua formação em Arteterapia. O objetivo geral foi, a partir de um estudo de caso, apresentar estágios da psique sob o enfoque da psicologia analítica de C. G. Jung, destacando as contribuições da arte para o processo de individuação da analisanda. Como resultado, a autora destaca que os recursos artísticos constituíram importante canal para a livre expressão da analisanda, possibilitando também o acesso a conteúdos alheios à sua consciência. Bezerra conclui que seu estudo contribui para a compreensão do papel da Arte na psicoterapia e na expansão da consciência, atuando como acesso a conteúdos inconscientes.

Na sequência, é apresentado o artigo de Eveline Pereira Carrano, **Estudos sobre a arte aplicada ao âmbito psicoterapêutico e a subjetividade das imagens**. Trata-se de artigo produzido a partir da tese de doutorado que defendeu na Universidad Del Salvador, em 2018. O estudo apresenta a subjetividade humana e sua expressão sob a forma de arte no *setting* terapêutico, analisando também teorias sobre elementos visuais, sua linguagem e expressão visual. Aborda, ainda, a análise semiótica da imagem na Arte, por meio de uma análise da obra **A criação do Sol, da Lua e das Plantas**, de Michelangelo Buonarroti, que se propôs a identificar a imagem como comunicação da subjetividade humana. Com isso,

¹ Editora da Revista de Arteterapia da AATESP, arteterapeuta AATESP 001/1203, doutora em Psicologia Social, psicóloga com formação em Psicoterapia Analítica de Jung, neuropsicologia e reabilitação neuropsicológica.

também foi possível demonstrar que a Arteterapia e a Psicologia Analítica de C. G. Jung favorecem a expressão da subjetividade humana, por meio do emprego de imagens.

Em seguida, encontramos o relato de experiência **Obras de Arte como agentes potencializadores de processos criativos e autoconhecimento**, de Paulette Vaisberg Gerecht. O estudo tem como proposta refletir sobre como as obras de arte podem se constituir como agentes potencializadores nos processos criativos e na ampliação da percepção, favorecendo a transformação em processos arteterapêuticos. O trabalho foi desenvolvido junto a um grupo de 5 mulheres com idades entre 39 e 61 anos. As atividades ocorreram em modo presencial e remoto, em virtude das limitações impostas pela pandemia de Covid-19. A proposta consistiu em apresentar obras de arte, que atuariam como indutoras do fluxo criativo do grupo. Na galeria, as participantes tiveram contato com as obras de arte propriamente ditas. Já no modo remoto, foram apresentados *slides* com imagens, que teriam a mesma função. Os resultados sugerem o maior uso de obras de arte no contexto arteterapêutico por seu papel sensibilizador e mobilizador da energia psíquica.

Como estudo de caso há o trabalho desenvolvido por Berenice Queiroz da Rocha e Sergio Henrique Gonçalves da Rocha, **A Arteterapia concebendo o trauma como fator no tratamento do transtorno bipolar: um estudo de caso**. Os autores apresentaram o processo de arteterapia no atendimento de uma mulher imigrante com diagnóstico de transtorno bipolar e comorbidade de transtorno do estresse pós-traumático (TEPT).

Encerrando o presente número, Lara Simonetti Racy, Ana Carmen Nogueira e Tania Cristina Freire apresentam o artigo **Arte-reabilitação de funções cognitivas: um estudo de atenção e memória em adulto com deficiência intelectual**. Esse estudo tem como base teórica a produção de Vygotsky, que postula que o desenvolvimento humano ocorre na interação entre os aspectos biológicos e o meio ambiente. O trabalho de arte-reabilitação foi desenvolvido junto a um adulto com deficiência intelectual não alfabetizado. As atividades abrangeram treino cognitivo, como leitura de calendário, além da releitura de obras da Tarsila do Amaral. Os resultados evidenciam a contribuição da Arte-reabilitação no processo de aprendizado e sugerem que novas propostas de intervenção podem levar ao fortalecimento da funcionalidade, bem como a uma melhor qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual.

Desejamos que esta leitura promova em cada arteterapeuta novos olhares e novas práticas em seu cotidiano. Esperamos também que desperte o desejo de compartilhar com a categoria suas descobertas, suas buscas. Por fim, desejamos que cada arteterapeuta possa trazer uma contribuição para a consolidação de nossa profissão. Para participar da Revista, siga as orientações no final do exemplar. Boa leitura a todos!

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL**Diálogos com as expressões simbólicas no processo de individuação**
Dialogues with symbolic expressions in the individuation processJéssica Valéria Alves Bezerra¹

Resumo: O objetivo geral do presente artigo é apresentar estágios da psique contextualizados à luz da Psicologia Analítica de Carl G. Jung (2017), evidenciando as contribuições da arte para o processo de individuação da analisanda. Os procedimentos metodológicos adotados incluem a apresentação de uma revisão de literatura narrativa e de um estudo de caso, realizado a partir das experiências da analisanda JB. A análise dos dados é crítica de conteúdo e a abordagem do problema é qualitativa. Os principais resultados obtidos foram no sentido de demonstrar como os recursos artísticos se mostraram importantes canais de livre expressão da analisanda, tendo-se, também, destacado a possibilidade de acessar conteúdos alheios a sua consciência a partir desta experiência. Por meio deste estudo, tornou-se evidente o valor da arte como uma ferramenta terapêutica no processo de individuação, permitindo que a analisanda explore aspectos mais profundos de sua psique e encontre sua própria identidade. A arte ofereceu um espaço seguro para a livre expressão de emoções, pensamentos e experiências, proporcionando uma jornada de autodescoberta e autoconhecimento. Dessa forma, o estudo contribui para a compreensão da importância da arte na psicoterapia e na expansão da consciência, mostrando como ela pode ser uma ponte para acessar conteúdos inconscientes e promover o crescimento pessoal. Ao reconhecer o potencial da arte como um instrumento de transformação e cura, os profissionais da área da saúde mental podem integrar essa abordagem em suas práticas terapêuticas, enriquecendo o processo de individuação e proporcionando aos pacientes uma jornada de autodescoberta e crescimento emocional.

Palavras-chave: Arteterapia; consciência; estágios da psique; Psicologia Analítica.

Abstract: The overall objective of this article is to present stages of the psyche contextualized in the light of Carl G. Jung's analytical psychology (2017), highlighting the contributions of art to the process of individuation of the analysand. The methodological procedures adopted include the presentation of a narrative literature review and a case study, based on the experiences of the analysand JB. The data analysis is critical in content, and the problem is approached qualitatively. The main results obtained demonstrate how artistic resources proved to be important channels of free expression for the analysand, also

¹ Graduação em Educação Artística - Música. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2004-2008); pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica (2015-2017); especialização Lato Sensu em Arteterapia (2020-2022). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8015935617146828>; e-mail: jbez.z@gmail.com.

highlighting the possibility of accessing contents beyond her consciousness through this experience. Through this study, the value of art as a therapeutic tool in the process of individuation became evident, allowing the analysand to explore deeper aspects of her psyche and find her own identity. Art provided a safe space for the free expression of emotions, thoughts, and experiences, offering a journey of self-discovery and self-awareness. In this way, the study contributes to the understanding of the importance of art in psychotherapy and the expansion of consciousness, showing how it can serve as a bridge to access unconscious contents and promote personal growth. By recognizing the potential of art as an instrument of transformation and healing, mental health professionals can integrate this approach into their therapeutic practices, enriching the process of individuation and providing patients with a journey of self-discovery and emotional growth.

Keywords: Art Therapy; conscience; stages of the psyche; analytical psychology.

Introdução

O processo de individuação ocorre na mente consciente e, embora não se possa afirmar quando se inicia precisamente, de acordo com Jung (2014) esse processo ocorre na segunda metade da vida (KAST, 2019). Para observar esse desenvolvimento humano do sujeito e/ou analisá-lo com mais especificidade, pode-se fazer uso da arte tal como Jung (2002) postulava. Entretanto, boa parte das pessoas sequer conhece a importância de individuar-se ou já ouviu falar acerca de Carl Gustav Jung (1875-1962²) e da Psicologia Analítica³. O fato é que a maioria das pessoas vive a vida com uma consciência mínima do Eu e do Si mesmo, e tem aspectos de suas vidas fragmentados, dissociados, vivendo às margens de sua potencialidade criativa. É preciso difundir o entendimento de que o processo de individuação, conforme Kast (2019), não é apenas um processo de integração, mas também de delimitação, de ganho crescente de autonomia e liberdade.

Diante disto, propõe-se o seguinte problema de pesquisa para o presente artigo: em que medida a arte pode contribuir para o processo de individuação de uma pessoa a partir da análise dos estágios da psique contextualizados à luz da Psicologia Analítica de Carl G.

² Carl Gustav Jung foi um proeminente psiquiatra suíço, fundador da Psicologia Analítica. Nascido em 1875, em Kesswil, na Suíça, ele se destacou por suas contribuições para o campo da Psicologia, incluindo a exploração do inconsciente coletivo, arquétipos e o processo de individuação. Após uma parceria com Sigmund Freud, Jung desenvolveu sua própria abordagem terapêutica, enfatizando o autoconhecimento e a integração dos aspectos inconscientes da personalidade. Sua obra influenciou amplamente as áreas de Psicologia, Filosofia, Religião e Antropologia. Jung faleceu em 1961, mas seu legado continua a ser estudado e debatido em todo o mundo (JUNG, 2017).

³ A Psicologia Analítica é uma abordagem psicológica desenvolvida por Carl Gustav Jung, que se concentra na exploração do inconsciente, incluindo o inconsciente coletivo e os arquétipos. Essa perspectiva busca compreender a natureza complexa da psique humana, considerando não apenas aspectos individuais, mas também elementos universais compartilhados pela humanidade ao longo da história. A Psicologia Analítica enfatiza o processo de individuação, que busca a integração dos aspectos inconscientes da personalidade para alcançar o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. Além disso, a abordagem valoriza a interpretação simbólica e a exploração dos sonhos, mitos e imagens como recursos importantes para a compreensão do psiquismo humano (JUNG, 2017).

Jung?

Assim, propõe-se como objetivo geral para este artigo, com base em um estudo de caso, apresentar estágios da psique por meio da Psicologia Analítica de Carl G. Jung (2002; 2017), evidenciando as contribuições da arte para o processo de individuação da analisanda.

Os conceitos expostos nesta pesquisa são considerados pilares de suas teorias e foram trabalhados ao longo de dois anos do curso em Arteterapia junguiana frequentado pela analisanda. A maioria dos relatos e materiais aqui expostos foi coletada a partir de suas vivências entre o período em que cursou a pós-graduação em Arteterapia, de outubro de 2020 a setembro de 2022. São experiências cuidadosamente selecionadas de sua vida, que contemplam alguns de seus poemas, sonhos, desenhos e também de suas pinturas, cuja abordagem tem como principal objetivo trazer reflexões e diálogos acerca do seu processo de individuação e da ampliação de sua consciência.

O poema, primeiro material utilizado para análise, entretanto, é anterior ao curso e foi escrito em 2007, tendo sido posto em estudo por sinalizar para a analisanda um claro chamado à individuação, mostrando-se relevante diante do problema que se propôs investigar.

Já os objetivos específicos que norteiam o presente trabalho são os seguintes: observar a trajetória de vivências de uma determinada pessoa (no caso, da analisanda JB) que possibilite a análise de suas expressões artísticas plasmadas em materiais concretos (sejam originadas do estado onírico ou vigília), e que manifestem conteúdos desconhecidos da psique, especialmente o desenvolvimento de sua individuação sob a visão da psicologia junguiana; abordar a importância dos sonhos para o entendimento dos conteúdos inconscientes presentes na psique da pessoa analisada que indicam, possivelmente, o direcionamento das suas atitudes passadas, atuais e futuras; dialogar com os materiais utilizados pela analisanda e com as suas expressões artísticas, como poemas, desenhos, pinturas etc., buscando trazer à luz parte do seu desenvolvimento pessoal e profissional e o vislumbre do contato com os aspectos mais profundos e desconhecidos de seu ser.

Os procedimentos metodológicos adotados incluem a apresentação de uma revisão de literatura narrativa e de um estudo de caso, realizado a partir das experiências da analisanda JB. A análise dos dados é crítica de conteúdo (BARDIN, 2011), e a abordagem do problema é qualitativa (MINAYO, 2010).

O presente trabalho foi organizado em seções para facilitar a abordagem da temática. A primeira parte versa sobre a fundamentação teórica e são apresentados alguns dos principais pilares conceituais da Psicologia junguiana. A segunda parte apresenta expressões simbólicas da analisanda (desenhos e esculturas), e seus respectivos diálogos em torno do material exposto. Por último, são mostradas as conclusões desta autora a

respeito de todo o levantamento feito das vivências e expressões artísticas da analisanda, somando-se às possíveis observações com relação ao seu desenvolvimento psíquico.

Procedimentos metodológicos

O artigo recorreu a duas metodologias: teórico-conceitual e estudo de caso de uma mulher com 51 anos de idade (analisanda JB), brasileira, professora de Artes em escola pública. A primeira metodologia consiste na realização de uma revisão de literatura narrativa, na qual se fez uso do método analítico de crítica de conteúdo, seguindo protocolo de Bardin (2011). As fontes adotadas para esta primeira parte foram artigos científicos, livros, dissertações e teses publicadas entre os anos de 2010 e 2023, com exceção de Andrade (2000), Bíblia Sagrada (1997), Boff (1998) e Jung (1994; 2002), por serem considerados clássicos sobre a tratativa das questões aqui pontuadas. A abordagem do problema é qualitativa.

Já a segunda metodologia versa sobre um estudo de caso da analisanda JB, analisando as potencialidades simbólicas e criativas dos materiais utilizados por ela em seu processo de individuação durante o período em que cursou a pós-graduação em Arteterapia, ou seja, de 2020 a 2022, exceto o primeiro material, que data de 30 de julho de 2007, faz-se necessário esclarecer que, por esta data, a analisanda contava com 36 anos. Contudo, ela não frequentava terapia nesta época, e seu poema, o primeiro trabalho apresentado neste artigo, foi posto em análise por ser achado pertinente ao que ela estava vivendo na época em que estava cursando Arteterapia e à proposta desta pesquisa. Assim, a análise do poema foi pensada como uma forma de compreender elementos da evolução da analisanda que comprovassem seu autoconhecimento/ampliação de sua consciência, dentro de um processo que já se estendia há cerca de 16 anos, mesmo inconscientemente. A apresentação dos produtos artísticos, sonhos e relatos no presente artigo foi autorizada pela analisanda.

O *Self* ou Si mesmo

Na psicologia junguiana, o *Self* é descrito como o arquétipo da totalidade e o centro regulador da psique. É um poder transpessoal, que transcende o ego e expressa a unidade da personalidade com o todo (JUNG, 1994). Jung, em seus escritos, descreveu que “o Si mesmo não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente” (JUNG, 1994). Para Jung (1994), o *Self* é o centro dessa totalidade, do mesmo modo que o “ego” é o centro da consciência. Em relação ao “Ego”, o autor o explicou como sendo um fator com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam, constituindo o centro do campo de consciência, ou seja, é o sujeito de todos os atos da consciência que está subordinado ao *Self* ou Si mesmo.

De acordo com Krempel (2022), o conceito de *Self* revela sua transcendentalidade, posto que abarca tanto o inconsciente como o consciente, na medida em que abrange tudo aquilo que pode ou não ser experienciado pelos seres humanos. Resumindo, o *Self* ou Si mesmo é o núcleo mais profundo da psique, e não pode ser captado em sua totalidade. Jung (1994) o equipara ao arquétipo do “Deus-homem interior”. Segundo ele, Deus é um conceito, uma ideia dotada de extremo valor psicológico, que existe dentro de cada um de nós, e faz referência à imagem psíquica da totalidade transcendente dos seres humanos.

Krempel (2022) afirmou que as experiências do *Self* possuem característica própria das revelações religiosas, e que essa era a razão pela qual Jung (2002) acreditava que havia semelhança entre o *Self*, enquanto realidade experimental e psicológica, e o conceito tradicional de uma divindade superior, ou mesmo de um Deus interior.

Em carta para uma tal senhorita Helène Kiener, datada de 15 de junho de 1955, Jung esclareceu a analogia entre o Si mesmo e Deus:

“Si mesmo” é algo que podemos verificar psicologicamente. Nós experimentamos “símbolos do Si mesmo”, que não se deixam distinguir dos “símbolos de Deus”. Não posso provar que o Si mesmo e Deus sejam idênticos, mesmo que na prática pareçam idênticos. Naturalmente, a individuação é em última análise um processo religioso que exige uma atitude religiosa correspondente – a vontade do eu submeter-se à vontade de Deus. Para não provocar mal-entendidos desnecessários, digo “Si mesmo” em vez de Deus. Empiricamente também é mais exato. (JUNG, 2002, p. 432)

Krempel (2022) também argumentou que o *Self*, por sua natureza arquetípica, é incognoscível, mas assegura que suas manifestações se dão a conhecer em mitos e lendas. Segundo o autor, o *Self* se apresenta em sonhos, mitos e contos de fadas muitas vezes como uma figura de rei ou herói, profeta ou salvador ou ainda sob a forma de um símbolo da totalidade, como o círculo, o quadrado, a quadratura círculo, a cruz, entre outros. Expõe ainda Krempel (2022) que, mesmo sendo representada por formas de um homem ou de uma mulher, de alguém mais jovem ou mais velho, a personificação do *Self* não está inteiramente contida no tempo, e o fato de manifestar-se sob roupagens de várias idades mostra que “Ele” não só nos acompanha por toda nossa vida, como também subsiste além do fluxo da vida de que temos consciência, sendo proveniente de uma dimensão atemporal.

Outro argumento defendido por Krempel (2022) foi a forma pela qual o *Self* se manifesta sugerindo onipotência. Conforme o autor, o *Self* pode se manifestar como um ser humano gigantesco e simbólico, que envolve e contém o cosmo inteiro. Nesse caso, quando uma imagem como esta surge nos sonhos de uma pessoa, pode se ter a esperança de uma solução criadora para o seu conflito, porque o aparecimento dessa imagem demonstra que o centro psíquico vital está ativado e é capaz de vencer suas dificuldades, pois todo o ser encontra-se em uma unidade. Outro apontamento sobre o *Self* ou Si mesmo, que Krempel

(2022) escreveu e se faz relevante expor, é a concepção de que quando uma pessoa segue as instruções do seu interior, sua vida tende a ser mais criativa.

Tomando tais apontamentos baseando-se em Hall (2020), tem-se que, ao longo da vida, o Si mesmo exerce uma pressão contínua sobre o ego, tanto para que enfrente a realidade, como para que participe do processo de individuação. Conforme o autor, o *Self* faz isso com ou sem o consentimento voluntário do ego, mas as compensações contra o ego relutante (pesadelos, acidentes, sintomas físicos etc.) costumam ser mais severas do que a relação complementar do inconsciente com um ego que está se esforçando ao máximo para participar conscientemente do processo de individuação.

O processo de individuação

Kast (2019, p. 13) descreveu o processo de individuação como “tornar-nos os seres humanos que realmente somos”. Para a autora, o processo de individuação é um processo de diferenciação em que a especificidade de cada ser humano, sua peculiaridade, deve ganhar expressão (KAST, 2021). Ela ainda afirma que:

Faz parte essencial desse processo, aceitar a Si mesmo, junto com todas as possibilidades implícitas, mas também todas as dificuldades – sendo que são precisamente as dificuldades um elemento essencial, elas perfazem em grande medida nosso modo de ser próprio. Aceitar a Si mesmo, junto com as possibilidades e dificuldades, é uma virtude fundamental que busca realização no processo de individuação. (KAST, 2019, p. 13)

De acordo com Stein (2017), o processo de individuação tem o seu início pelo conhecimento de Si mesmo, podendo ser contemplado como um processo dinâmico e permanente. Trata-se, a seu ver, de uma jornada que cada indivíduo percorre para tornar-se ele mesmo, inteiro, indivisível e distinto.

Para Hall (2020), a individuação é um processo pelo qual uma pessoa real tenta conscientemente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades individuais inatas de sua psique. Esse processo consiste na tentativa de aproximação do eu, a autopercepção de identidade, com o Si mesmo, uma concepção de um “eu” atemporal, que seria a síntese da totalidade do sujeito.

A partir desta concepção, Hall (2020) transpareceu o entendimento de que a meta da individuação enquanto fim a ser alcançado é “interrompida” pela morte. No entanto, o sentido desse processo se dá continuamente ao longo da vida, pois, nas palavras do autor, “enquanto houver vida há caminho a ser percorrido” (HALL, 2020, p. 23).

Posteriormente, Hall (2020) esclareceu que todos os seres humanos, no decurso de suas vidas, seguem uma jornada de individuação, que nada mais é do que o seu próprio percurso de vida. Isto abrange tudo o que ele viveu ou irá viver, quem ele é, o que já foi e o que irá se tornar. Não necessariamente, contudo, culmina em uma espécie de “evolução

pessoal” ou de “aperfeiçoamento da personalidade”. Dispõe ainda Hall (2020) sobre a possibilidade de se seguir o caminho da individuação e retroceder, já que o movimento é espiralado, podendo avançar, recuar, avançar para recuar ou recuar para avançar. Sobre esse movimento não linear, o autor esclareceu:

É difícil descrever um processo típico ou bem-sucedido de individuação, porque cada pessoa deve ser considerada um caso único de tal processo. Podem ser enunciadas certas “normas”, como comparar o processo usual de individuação com o curso do Sol – subindo para a claridade, como uma definição durante a primeira metade da vida, e declinando para a morte na segunda metade [...]. (HALL, 2020, p. 23)

Outro aspecto importante no processo de individuação foi citado por Kast (2019) ao destacar aspectos referentes à relação do indivíduo com seus semelhantes. Sobre isso, a autora argumentou que, se houver, ao longo do processo, uma integração dos aspectos que antes estavam dissociados e não podiam ser aceitos, a relação com os seus semelhantes também será melhorada. E prosseguiu assim em suas palavras: “Quem consegue se aceitar melhor com seus próprios defeitos também consegue aceitar melhor os outros e é mais simpático e criativo ao lidar com os problemas do cotidiano” (KAST, 2019, p. 68).

Kast (2019) também argumentou sobre as mudanças que um processo de individuação provoca em cada pessoa e, entre elas, mencionam “um efeito significativo na personalidade consciente” (KAST, 2019, p. 69). Utilizando-se das palavras de Jung, escreveu que “o fato de que essa mudança eleva a consciência que se tem da vida e a mantém fluindo nos leva a concluir que uma funcionalidade peculiar é inerente a essa mudança” (JUNG *apud* KAST, 2019, p. 69). Para concluir, a autora resumiu em uma frase o objetivo maior desse desenvolvimento do indivíduo, que é “[...] buscar vivacidade, experiência sensorial e capacidade de relacionamento. Nesse sentido, importantes experiências do processo de individuação se mostram em símbolos” (KAST, 2019, p. 69).

O símbolo

Conforme Kast (2019, p. 24), o termo “símbolo” tem origem na palavra grega *symbálein*, que significa “amontoar”, “juntar”. A autora igualmente argumentou que Jung entendia os símbolos como sendo representações de fantasias, e que, em sua opinião, toda a vida do indivíduo é descrita por meio dos símbolos.

No seu sentido etimológico, original e grego, símbolo significa “lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa reunir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe” (BOFF, 1998, p. 11).

De acordo com o dicionário de Chevalier e Gheerbrant (2020), o símbolo é descrito por Jung como sendo “[...] uma imagem apropriada para designar, da melhor maneira

possível, a natureza obscuramente pressentida do Espírito” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 22-23). Conforme os autores, a perspectiva de Jung, nessa linha de pensamento, seria a seguinte:

[...] o símbolo nada encerra, nada explica – remete para além de si próprio, em direção a um significado também nesse além, inatingível, obscuramente pressentido, e que nenhum vocábulo da linguagem que nós falamos poderia expressar de maneira satisfatória. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 23)

Diniz (2018) descreveu que “[...] para a Psicologia Analítica, todo e qualquer objeto pode se revestir de valor simbólico, seja ele natural, concreto ou abstrato” (DINIZ, 2018, p. 29). Essa autora também explicou que “[...] o símbolo traz para a consciência que o contempla o sentido oculto de uma situação concreta, possibilitando inúmeras percepções até então desconhecidas, alcançando dimensões que o racional não pode atingir” (DINIZ, 2018, p. 29).

Andrade (2000, p. 32), afirmou que “[...] o homem é um animal simbólico e assim, ao fazer uso do processo de simbolização advém-lhe a possibilidade de ascender e intuir o desconhecido, combinando símbolos e signos de uma maneira mais complexa, criando uma comunicação com o mundo e os seus semelhantes”. Em sua percepção, “[...] a vida mental é reconhecida como um processo simbólico” (ANDRADE, 2000, p. 28), de modo que, a seu ver, o simbolismo seria a chave para se entender o humano.

Chamado ao encontro do *Self*

Não se pode precisar o momento em que uma pessoa inicia a jornada para o encontro com seu próprio *Self*, visto que as pessoas seguem trilhas diferentes ao longo de suas vidas. Sabe-se também que a infância, a adolescência, a fase adulta e a velhice são períodos diferentes da vida de cada ser humano, e todos têm sua importância para o crescimento e amadurecimento do indivíduo. Contudo, provavelmente essa busca consciente em direção ao *Self*, como bem explicou Jung (1994), pode ocorrer entre a fase adulta e a velhice. De acordo com Jung (1994), o processo de individuação correspondia ao processo de desenvolvimento na segunda metade da vida. Para exemplificar esse argumento, a seguir, será exposto um poema escrito em 30 de julho de 2007 pela analisanda JB, ano em que ela tinha 36 anos e cursava Artes. Esse poema foi escolhido dentre os demais pela simbologia usada e pelo estado emocional em que ela se encontrava nesse período.

Demasiado humana

Ó Deus, que pequena me esculpistes; transitória!
Sou arte surreal, irracional, motivo de espanto!
Pois o meu arguir, inferior se faz ao pensamento,

Que mergulha num caos terrivelmente crônico.

De todos os meus pesares há um que me sufoca...
É o curso inflexível da rima desarmônica, catastrófica
Dos meus versos absurdos e abstrações retóricas.
Não me faço compreender, sou pura imagem teórica;

Contigo aprendi a engendrar símbolo, imagens pictóricas;
E fiz-me pertencer à categoria do cosmo, espaço infinito.
E me recolho a minha existência insignificante, transitória,
Pois sou demasiado humana, caniço pensante, fragilíssimo.

(JB, 2007, s/p)

A partir da leitura do poema escrito por JB, observa-se, no todo, a presença de algumas características que remetem a um pensamento pessimista, tendo em vista que, mesmo sem estar plenamente consciente, a analisanda mostrou, por meio de suas palavras poéticas, baixa autoestima e inconformidade com seu próprio eu, além de um estado de dualidade de visões sobre si mesma. Confirmando tais assertivas, veja-se a primeira frase de seu poema, na qual ela se coloca como uma pequena (inferior) escultura formada pelo seu criador (Deus), e que, por isso, se considera transitória: “Ó Deus, que pequena me esculpistes; transitória!” (JB, 2007, s/p)

Já na segunda frase, ela se nomeia como uma arte surreal. Ora, uma arte surrealista está pautada naquilo que está para além do real, que é mais que o real porque transcende a compreensão racional e relaciona-se com a mente inconsciente, com o imaginário e o absurdo. Aqui, pressupõe-se que ela se sentia incompreendida, tal como a arte surrealista o é por muitos expectadores. Veja-se: “Sou arte surreal, irracional, motivo de espanto!” (JB, 2007, s/p).

Nas frases seguintes, ela explicou o motivo (em sua visão) de se sentir incompreendida. A seu ver, ela não está no nível do seu pensamento (é inferior a este), razão pela qual sua psique mergulha em um caos de confusão e incompletude: “Pois o meu arguir, inferior se faz ao pensamento,/ Que mergulha num caos terrivelmente crônico.” (JB, 2007, s/p).

Na segunda parte do poema, JB se mostra inconformada com sua situação, sentindo-se sufocada pelo curso que suas palavras estão tomando. Em sua visão pessimista, sua rima e seus versos não possuem harmonia, traduzindo-se em abstrações retóricas absurdas, caminhando para o caos. Sob tal visão, considera-se uma imagem abstrata, sendo essa a razão pela qual ela não se faz compreender:

De todos os meus pesares há um que me sufoca...
É o curso inflexível da rima desarmônica, catastrófica
Dos meus versos absurdos e abstrações retóricas.

Não me faço compreender, sou pura imagem teórica; (JB, 2007, s/p).

Na terceira parte do poema, ela se volta para o seu Criador, lembrando-se das benesses que d'Ele recebeu, a saber, criações de símbolos e imagens. Aqui, subentende-se que a intimidade com o Criador (como mestre e aprendiz) a fez sentir-se como pertencente ao Cosmo: “Contigo aprendi a engendrar símbolos, imagens pictóricas;/ E fiz-me pertencer à categoria do cosmo, espaço infinito.” (JB, 2007, s/p).

Nas frases finais, entretanto, apesar de ela ter se colocado no mesmo patamar das estrelas e planetas (já que menciona o Cosmo), no momento seguinte, ela lembra que é mortal (seu corpo mortal), voltando a sua visão para a terra. Assim, novamente, põe-se como inferior e insignificante, por causa de suas limitações como ser humano: “E me recolho a minha existência insignificante, transitória,/ Pois sou demasiado humana, caniço pensante, fragilíssima.” (JB, 2007, s/p).

O poema escrito pela analisanda JB revela um processo de reflexão profunda sobre si mesma e sua relação com o mundo. Nele, é possível observar o conflito interno vivenciado por JB, oscilando entre sentimentos de inferioridade e uma busca por significado e pertencimento. Suas palavras poéticas expressam uma luta para compreender sua identidade e seu lugar no universo. Por meio da análise desse poema, é evidente a presença de questões relacionadas ao processo de individuação, no qual a analisanda busca encontrar sua verdadeira essência e desenvolver uma conexão mais profunda consigo mesma e com o mundo ao seu redor. A arte, nesse contexto, desempenha um papel significativo, permitindo à analisanda explorar seus sentimentos e suas emoções de maneira simbólica, transcendendo o racional e acessando o inconsciente. O estudo desses elementos artísticos em conjunto com a Psicologia Analítica de Jung enriquece nossa compreensão do processo de individuação e da complexidade da psique humana. Essa análise poética oferece uma perspectiva valiosa sobre o encontro com o *Self* e destaca a importância do trabalho terapêutico na jornada de autodescoberta e crescimento pessoal.

Sonho numinoso

De acordo com JB, o primeiro módulo do curso de pós-graduação em Arteterapia foi “Dinâmica da Psique em Psicologia Analítica”, tendo ocorrido nos dias 30 e 31 de outubro de 2020 de forma presencial. Por estar com sintomas de gripe, a analisanda não foi ao primeiro encontro com a turma, especialmente em razão do quadro pandêmico da Covid-19 que se vivenciava no momento.

A analisanda relatou que, no período entre o primeiro e o segundo módulo do curso, teve um sonho que lhe causou muita impressão, mas, como na época ninguém soube interpretar, por um algum tempo (questão de meses) este foi deixado de lado. Ela iniciou a

pós-graduação em Arteterapia em 30 de outubro de 2020, com o módulo “Dinâmica da Psique em Psicologia Analítica”, e no dia 27 de novembro participou do 2º Módulo (*on-line*) “Oficinas de criatividade e atendimento arte terapêutico” com a Dra. Cristina D. Allesandrini. O sonho ocorreu no período entre estes dois módulos, mais especificamente em 17 de novembro de 2020.

A seguir, veja o relato feito por JB do sonho . Ele se refere à Figura 1, que é um desenho feito pela analisanda para ilustrá-lo.

Sonhei que estava em uma casa, que aparentemente, era da família, apesar de que tudo era diferente. Havia muitas pessoas na casa, pessoas que eu não conhecia. Também havia muitas crianças e elas estavam agitadas querendo brincar, mas não havia espaço suficiente dentro da casa para elas se divertirem. Além disso, pensei que meu pai não deixaria que elas fizessem barulho e algazarras. Propus saírem para brincar no quintal. O quintal também era diferente, não era tão grande e era cimentado. Havia outras pessoas no quintal com as crianças.

De repente vejo uma águia branca, linda! Perfeita! E parecia ser mansa. Estava pousada em um muro baixo e eu quis interagir com ela e até pensei em tirar uma selfie. Mas, ao abraçar a águia, ela olha para mim e começa a falar comigo. Me surpreendi, claro! E chamei a atenção de todos para ver a águia falando. Mas além da surpresa, veio a frustração, pois a águia falava em outro idioma (inglês) o qual eu entendo muito pouco. Fiquei mais atenta para tentar entender as palavras da águia, mas não tive muita compreensão de tudo que ela me disse. Apenas entendi que ela vinha de muito longe, de um tempo muito distante, talvez do tempo de Salomão ou do templo de Salomão, não posso afirmar com certeza. Entendi que ela era secular, pois atravessa os séculos e provavelmente, mas não estou certa disso, ela buscava o caminho de volta à casa. Me entristeci um pouco porque não podia entendê-la completamente e porque não podia ajudá-la.

Logo em seguida, para minha surpresa, a águia se transformou em um homem que estava vestido e sujo como um mendigo. Não sabia o porquê dessa transformação, mas fiquei um pouco decepcionada com o ocorrido, pois aquela águia era muito bonita e impressionante. Quando tentei balbuciar algumas palavras em inglês, tentando dizer que não sabia como ajudá-lo, que sentia muito, o mendigo se transformou, ou melhor, se transfigurou em um magnífico ser luminoso, cuja luz resplandeceu todo o ambiente e me encheu de calor. Nesse momento pude ver

algumas características de seu rosto e escutei quando me disse: Não se preocupe! Nesse exato momento, eu acordei (JB, 2020, s/p).



Figura 1. Tirinha representado o sonho com uma águia branca, desenhado por JB em 17 de novembro de 2020.

Segundo JB, a interpretação desse sonho esteve sob uma névoa até o dia em que decidiu levá-lo à terapia. Foi então que, com a ajuda dos diálogos com a terapêutica, que aquela fase de mistério e escuridão foi se esvaindo, podendo, enfim, dar-se como concluída. A interpretação dada está pautada na visão da Psicologia Analítica, porém não exclui outras interpretações ou, mesmo, outras amplificações em torno do conteúdo do sonho: “Sonhei que estava em uma casa, que aparentemente, era da família, apesar de que tudo era diferente. Havia muitas pessoas na casa, pessoas que eu não conhecia.” (JB, 2020, s/p).

Sobre isso, remeta-se a Chevalier e Gheerbrant (2020), segundo quem a casa é a imagem do universo, do Cosmo; a “grande casa familiar” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 247) representa a totalidade do Grande Corpo Vivo do Universo, podendo, também, representar o “ser interior” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 248). Assim, pode-se inferir que a casa representou a psique da própria sonhadora (JB). Essas pessoas desconhecidas podem estar relacionadas a uma alusão aos arquétipos ou aos complexos desconhecidos por ela, que habitam em sua psique:

Também havia muitas crianças e elas estavam agitadas querendo brincar, mas não havia espaço suficiente dentro da casa para elas se divertirem. Além disso, pensei que meu pai não deixaria que elas fizessem barulho e algazarras. Propus saírem para brincar no quintal. O quintal também era diferente, não era tão grande e era cimentado. Havia outras pessoas no quintal com as crianças. (JB, 2020, s/p).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), a infância é símbolo de inocência, de simplicidade natural e de espontaneidade. Sobre isso, Jung (1994) dá importante contribuição com o seu constructo sobre a criança interior, que, para o autor,

[...] expressa a totalidade do ser humano. Ela é tudo o que é abandonado, exposto e ao mesmo tempo, o divinamente poderoso, o começo insignificante e incerto e o fim triunfante. A “eterna criança” no homem é uma experiência indescritível [...] um imponderável que constitui o valor ou desvalor último de uma personalidade (JUNG, 1994, p. 181).

Nessa parte do sonho, observam-se muitos elementos que apontam para uma dualidade ou oposição: criança *versus* adulto; crianças barulhentas *versus* pai severo; espaço insuficiente dentro de casa *versus* quintal pequeno e cimentado (porém, ao ar livre). São elementos simbólicos que indicam repressão e insatisfação da analisanda.

Por outro lado, há que se considerar, ainda, que sonhar fazendo menção a um pai rígido também pode estar fazendo referência a um complexo paterno que a psique de JB trouxe desde a infância. E, novamente, JB faz menção à presença de outras pessoas no quintal com as crianças, que pode sugerir a existência de outros elementos desconhecidos na sua psique, que estão à margem de sua consciência.

Agora, observe o seguinte trecho: “De repente vejo uma águia branca, linda! Perfeita! E parecia ser mansa. Estava pousada em um muro baixo e eu quis interagir com ela e até pensei em tirar uma *selfie*.” (JB, 2020, s/p).

De acordo com Carvalho (2014), a águia é considerada um animal Psicopompo (do grego *psychopompós*, união das palavras *psyché* que significa alma e *pompós*, guia. Trata-se de uma figura que possui a função de guia nas ocasiões de iniciação e transição, sendo também apresentada como uma ave mediadora entre os reinos divino e espiritual. Na visão dos alquimistas, essa ave mítica está associada aos elementos ar e mercúrio, simbolizando a renovação e o nascimento. Sendo branca, conforme Urrutigaray (2011), pode estar representando a pureza, a inocência e a verdade. O fato de ela ser mansa e estar pousada em um muro baixo deixa transparecer a impressão de que ela queria aproximar-se e estabelecer uma comunicação. A analisanda, por sua vez, sente a necessidade de interagir com a águia, e, como descreve, até pensa em tirar uma *selfie*:

Mas ao abraçar a águia, ela olha para mim e começa a falar comigo. Me surpreendi, claro! E chamei a atenção de todos para ver a águia falando. Mas além da surpresa, veio a frustração, pois a águia falava em outro idioma (inglês) o qual eu entendo muito pouco. Fiquei mais atenta para tentar entender as palavras da águia, mas não tive muita compreensão de tudo que ela me disse. (JB, 2020, s/p).

Nessa etapa do sonho, JB abraça a águia sem medo, mas fica surpresa pela ave falar com ela (no idioma dos humanos), frustrando-se logo em seguida porque a águia estava se comunicando em inglês (um idioma no qual JB tinha pouca fluência). Com isso, observa-se que a comunicação entre a sonhadora e a águia sofreu uma interferência por causa do idioma, e, possivelmente, algumas palavras foram perdidas durante essa pequena conversação, apesar do esforço que a sonhadora fez para compreendê-las:

Apenas entendi que ela vinha de muito longe, de um tempo muito distante, talvez do tempo de Salomão ou do templo de Salomão, não posso afirmar com certeza. Entendi que ela era secular, pois atravessa os séculos e provavelmente, mas não estou certa disso, ela buscava o caminho de volta à casa. Me entristeci um pouco porque não podia entendê-la completamente e porque não podia ajudá-la. (JB, 2020, s/p).

No sonho de JB, foi dito que a águia desejava retornar à casa. Esta casa estaria simbolizando a própria analisanda? A águia aqui poderia estar indicando o início de uma mudança, renovação ou nascimento? Veja o trecho do seu relato que faz menção a isso:

Logo em seguida, para minha surpresa, a águia se transformou em um homem que estava vestido e sujo como um mendigo. Não sabia o porquê dessa transformação, mas fiquei um pouco decepcionada com o ocorrido, pois aquela águia era muito bonita e impressionante. Quando tentei balbuciar algumas palavras em inglês, tentando dizer que não sabia com ajudá-lo, que sentia muito, o mendigo se transformou, ou melhor, se transfigurou em um magnífico ser luminoso, cuja luz resplandeceu todo o ambiente e me encheu de calor. Nesse momento pude ver algumas características de seu rosto e escutei quando me disse: Não se preocupe! Nesse exato momento, eu acordei. (JB, 2020, s/p).

Nessa parte do sonho, observa-se, mais uma vez, a dualidade de elementos: águia (bela, nobre, limpa) *versus* mendigo (feio, plebeu, sujo). A surpresa e frustração sentida pela analisanda pode denotar, em certa medida, um distanciamento do *animus*, um arquétipo presente em toda mulher, que, no contexto do sonho, vestido de mendigo, pode estar sinalizando um pedido para ocupar um espaço mais presente em sua vida. Ademais, as transformações ocorridas no sonho (águia – mendigo – ser luminoso) podem estar fazendo referência às transformações alquímicas que ocorreriam no processo de individuação da sonhadora durante sua trajetória no curso de Arteterapia. O ser luminoso, cuja luz resplandeceu todo o ambiente e a encheu de calor (o ápice e o desfecho transcendente do sonho), cuja frase final foi “Não se preocupe!”, ameniza o problema em questão (não entender o idioma do ser e não poder ajudá-lo), e traz para a sonhadora a certeza de que tudo seria resolvido.

Modelagem com argila

A peça de argila apresentada no presente artigo foi criada pela analisanda em uma oficina dirigida durante a aula do módulo V, em 9 de abril de 2021, ministrada pela Profª Liana Santos de Souza.

Segundo JB, antes de realmente construir sua peça final, todos os participantes foram orientados nessa primeira etapa a conhecer o material que iriam trabalhar: a orientação era para pegar na argila, sentir sua temperatura e perceber sua umidade. Em seguida, foi solicitado que todos enrolassem a argila, fizessem bolas, rolinhos, placas.

Também foi pedido que amassassem a argila, a beliscassem, batessem nela, construíssem objetos e depois os destruíssem; em outro momento, foi solicitado que descrevessem as sensações que sentiram ao conhecer e manusear a argila, comentando sobre impressões, percepções e sentimentos despertados durante o processo. Essas etapas ocorreram no primeiro dia da oficina.

No segundo dia da oficina com argila, os participantes foram convidados a observar a peça, dialogar internamente com ela e construir um objeto criativo a partir desse diálogo. Após a construção da peça, pediu-se, ainda, que cada aluno-participante descrevesse a sua percepção. Essa etapa ocorreu no segundo dia do módulo V, em 10 de abril de 2021.

A experiência da analisanda com a argila na aula do dia 10 de abril foi assim por ela descrita:

Na oficina criativa eu escolhi fazer um bebê [Figura 2] no útero de sua mãe ou um bebê em processo de formação. Eu queria aproveitar a ideia que eu tive na aula anterior, pois aquela sensação tinha sido muito forte. Queria repeti-la e sentir as mesmas sensações. Para mim, esse bebê representou o nascimento dos meus objetivos de vida; acredito também que representa o nascimento de uma consciência mais elevada. E as impressões que eu tive dessa vivência foram as melhores possíveis: esperança, vida nova, pureza, de início. Esse momento esteve recheado com bons sentimentos. A palavra que escolhi para descrever esse processo foi “Nascimento”. (JB, 2021, s/p).



Figura 2. “Nascimento”. Peça esculpida em argila por JB em 10 de abril de 2021.

A argila foi uma das primeiras matérias-primas a ser usada pelo homem para criar, sendo apropriado afirmar que o homem na Pré-história a utilizava para dar voz a si mesmo ao expressar seus desejos e necessidades nos objetos que fazia. Tratava-se, pois, de um canal para comunicação com os outros e com o mundo. A argila também nos remete ao

início da existência humana (Gn 2:4-25) (BÍBLIA SAGRADA, 1997) e à matéria-prima por meio da qual são criadas inúmeras possibilidades, pois em si carrega o potencial de rearranjar-se, de metamorfosear-se.

A própria argila é uma metamorfose, na medida em que resulta da alteração celular sofrida pela rocha. Assim, ela, em sua essência, remete à transformação das coisas, dos elementos, do ser. Também pode ser contemplada como um símbolo de transição, terra transformada pelas águas, conforme Rosa (2012).

De acordo com o relato da analisanda, ela utilizou a argila para fazer um bebê no útero de sua mãe, ou um bebê em processo de formação. Ora, um nascituro é aquele que irá nascer, que foi gerado e não nasceu ainda. É considerado sinônimo de feto. Em outras palavras, nascituro é o ser já concebido e que, embora esteja pronto para nascer, ainda está no ventre materno. De acordo com as próprias palavras de JB, aquele bebê em formação representaria o nascimento dos seus objetivos de vida, bem como de uma consciência mais elevada que estava por vir a partir de vivências e estudo no curso de Arteterapia.

A pintura terapêutica

Segundo relatou a analisanda, as duas semanas anteriores à aula do módulo XII do curso de Arteterapia, Linguagem corporal e Música foram muito corridas e estressantes. O trabalho somado às outras demandas a deixaram fatigada e estressada, tanto que sentia todo o seu corpo doer não tendo tempo para se recuperar fisicamente, nem psicologicamente. Na sexta-feira, dia 8 de outubro de 2021, na aula de Expressão Musical, seu estresse chegou ao nível máximo por causa de problemas técnicos na saída de som do programa Meet. Além disso, o uso dos audíofones só contribuiu para aumentar o seu estresse e nervosismo, pois havia muitos sons de instrumentos e músicas sendo tocadas simultaneamente, de modo que terminou sua aula com muita dor de cabeça e enjoada.

Na tarde do sábado, dia 9, JB estava se sentindo melhor e decidiu estar presente na aula, mas procurou não olhar muito para a tela e nem usar os audíofones. Como a saída de som não estava funcionando, ficou apenas escutando os demais participantes. Seu nível de concentração ainda estava afetado, o que dificultou a sua participação nas atividades práticas da aula. Um relaxamento foi possível somente quando lhe foi concedida a oportunidade de se expressar por meio das tintas e do papel, ocasião em que fez a pintura retratada na Figura 3.



Figura 3. Aves e plantas aquáticas em pintura feita por JB em 9 de outubro de 2021.

Para a pintura, foi utilizado um papel A4, com gramatura 40, pincéis e tinta guache nas diversas tonalidades de verde e azul, tendo estas servido para a formação das plantas e das águas; laranja, para os 7 nenúfares; e, marrom, vermelho e branco, para a galinha-d'água.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (2020), os significados simbólicos da água são bem abrangentes, podendo, entretanto, serem reduzidos a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. De acordo com os autores, a água é símbolo da matéria-prima, o início primordial do ser, simbolizando, também, o feminino, a fertilidade e a vida. Já o pássaro simboliza o espiritual, o imaterial, a alma, e o nenúfar a abundância e fertilidade, ligado à terra e à água, à vegetação e ao mundo subterrâneo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020).

Considerado o relato de JB sobre suas condições físicas e psicológicas nesse período, a expressão aqui exposta será analisada sob a vertente da necessidade urgente, mesmo inconsciente, de um equilíbrio físico e psíquico que a autora da imagem manifestava. Dito isso, é importante lembrar que, no seu relato, ela deixou claro que só relaxou (mental e fisicamente) quando teve a oportunidade de se expressar artisticamente, por meio do uso das tintas e do papel, fazendo-nos compreender que toda a tensão e o estresse que sentia no momento foram descarregados, por assim dizer, em sua expressão artística.

Ao observar a imagem com mais atenção, é possível notar que a ave (galinha-d'água) está olhando para o lago à espera de algum movimento. Esse movimento poderia indicar que algum peixe estaria nadando ali, o que demonstra que a ave estava ali para se alimentar, sendo o peixe o alimento disponível naquele momento. Em análise, quando perguntada sobre essa ave em sua expressão, ela respondeu que “o alimento

precisa ser pescado para que ela possa continuar a viver sua vida com saúde” (JB).

Sob outra perspectiva, a cor que mais se destaca na sua pintura é o verde das plantas sobre as águas do lago. A cor verde, de acordo com Urrutigaray (2011, p. 137), representa a “natureza [...], e equilibra as emoções, é a cor do repouso, da meditação, que tranquiliza o espírito, combatendo a fadiga visual”. O autor escreve ainda que, no campo da Psicologia, o verde é a cor da esperança e de vida nova, da energia, do crescimento e da juventude. É a cor que proporciona maior autocontrole e determinação.

Imagem prognóstica

Essa expressão espontânea surgiu como complemento de uma das tarefas finais requisitadas no módulo XII. A proposta era ouvir e apreciar três músicas selecionadas pela professora, consistindo a atividade relacionada em escrever/falar sobre o sentimento ou as sensações que surgissem nos alunos-participantes a partir dessa escuta. Apesar de feita a apreciação das canções selecionadas, apenas uma música foi incluída neste artigo, por ser mais significativa e, de acordo com a concepção de JB, ter lhe causado mais impacto.

Assim, a imagem incluída na Figura 4 foi feita a partir da escuta da música “Anxiety”, de Samantha Bounkeua, e, sua intenção, segundo JB, foi passar a sensação de ansiedade.



Imagem 4. Célula sanguínea estressada, pintada por JB em 15 de outubro de 2021.

Destaque-se, contudo, que não fora requerida uma expressão artística para a tarefa final requisitada no módulo XII. Era preciso tão somente apreciar a música e falar sobre ela, sendo isto o suficiente para concluir a atividade. Entretanto, JB decidiu fazer o desenho em complementação por acreditar que a pintura garantiria ao seu trabalho maior expressividade. O desenho de uma célula (sanguínea) estressada, ou sendo perturbada por fatores externos, de acordo com a analisanda, surgiu em sua mente ao ser exposta aos sons da música por alguns minutos.

A célula é a menor unidade estrutural e funcional básica do ser vivo, sendo considerada a menor porção de uma matéria viva. Tudo que possa ocorrer na totalidade do corpo, ocorre primeiramente na célula (KARAS; HERMEL, 2021). JB, ao representar o que estava ouvindo por meio da imagem de uma célula, mergulhou no interior de si mesma e deixou transparecer os seus conteúdos psíquicos inconscientes, tendo, possivelmente, revelado o que estava ocorrendo em tempo real com o seu corpo (ao que parece), ou ter feito um prognóstico sobre sua condição de saúde futura. A propósito, JB foi diagnosticada com uma doença autoimune chamada PTI (Púrpura Trombocitopênica Idiopática) em junho de 2022, e desde então tem estado em tratamento visando sua recuperação, o que mudou toda sua rotina de vida.

Considerações finais

No processo arteterapêutico de JB, durante o curso de formação em Arteterapia, várias vivências foram utilizadas para explorar e trabalhar aspectos profundos de sua psique à luz da Psicologia Analítica de Carl G. Jung. O objetivo geral do estudo de caso foi contextualizar estágios da psique e destacar as contribuições da arte para o processo de individuação de JB.

O processo arteterapêutico de JB, no período em que cursou a especialização em Arteterapia, apresentou uma intrincada intersecção entre suas vivências artísticas e sua jornada de autodescoberta. O poema escrito por JB emergiu como uma peça central nesse processo, revelando aspectos profundos de sua psique relativos a dualidades e conflitos internos relacionados à sua autoestima, identidade e busca por significado. Através da análise do poema, tornou-se evidente como a arte se tornou uma ferramenta poderosa para que ela explorasse e expressasse seus sentimentos e suas emoções de maneira simbólica. Isso abriu caminho para o processo de individuação, permitindo que ela mergulhasse mais fundo em sua própria psique.

Além disso, o poema serviu como um portal para as complexidades internas de JB, expondo dualidades e conflitos que estavam enraizados em questões cruciais de autoestima, identidade e busca por significado. Através da análise minuciosa do texto, os

elementos simbólicos e metafóricos nele contidos foram decifrados, proporcionando uma janela para a compreensão de seus sentimentos e emoções mais profundos.

Aqui reside a essência da Arteterapia: a capacidade da arte de atuar como um veículo de expressão que transcende as limitações da linguagem verbal. O poema de JB permitiu que ela articulasse o inarticulável, comunicando o que muitas vezes não pode ser traduzido em palavras. Essa expressão simbólica proporcionou um espaço seguro para explorar territórios emocionais complexos e muitas vezes conflitantes.

Ao fazê-lo, JB embarcou em uma jornada de individuação, um processo intrincado de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal descrito por Carl Jung. Através da arte, ela pôde não apenas dar voz às suas emoções, mas também visualizar suas lutas internas. Essa visualização simbólica permitiu que JB se distanciasse de suas questões, observando-as de uma perspectiva mais ampla.

À medida que JB continuou seu curso de Arteterapia, essas vivências artísticas não se isolaram, mas se entrelaçaram de maneira profunda e significativa. O sonho com a águia, a modelagem em argila e a pintura terapêutica também contribuíram para a exploração de sua psique. O sonho com a águia, por exemplo, simbolizou sua busca por transcendência e sabedoria, complementando o tema da individuação presente em seu poema. Esse sonho apontou para seu anseio de conexão com seu eu mais profundo e o desejo de compreender seu caminho de individuação. A transformação da águia em diferentes formas ao longo do sonho refletiu em seu processo de autoconhecimento, evolução e aceitação que ela estava experimentando.

A modelagem em argila permitiu a JB materializar o símbolo do nascimento, representando o nascimento de seus objetivos de vida e de uma consciência mais elevada. A experiência com a argila, como matéria-prima transformadora, espelhou o próprio processo de metamorfose que ela estava passando em sua jornada de autodescoberta. Assim, pode-se afirmar que a modelagem em argila representou um renascimento, simbolizando o nascimento de seus objetivos de vida e de uma consciência mais elevada. Essa experiência prática permitiu a JB moldar e dar forma a suas aspirações, trazendo-as à vida tangível, espelhando o próprio processo de transformação que ela estava passando.

Na pintura terapêutica, JB retratou aves e plantas aquáticas, símbolos de vida, fertilidade e equilíbrio, funcionando como uma espécie de plataforma para representar visualmente sua busca por equilíbrio e fertilidade, simbolizadas pelas aves e plantas aquáticas. Isso não apenas lhe permitiu liberar o estresse acumulado, mas também encontrar um momento de tranquilidade e equilíbrio, em meio às complexidades da vida cotidiana.

Por todo o exposto, e de um modo geral, pode-se afirmar que, ao longo de seu percurso no curso de Arteterapia, JB encontrou na arte uma maneira valiosa de acessar seu

mundo interior, expressar seus conflitos e emoções, e assim facilitar seu processo de crescimento pessoal e individuação. A abordagem da Psicologia Analítica e o uso da arte como terapia se mostraram complementares e enriquecedores para essa jornada de autodescoberta.

Acredita-se que o estudo de caso de JB destacou a importância da arte como uma linguagem simbólica que pode revelar aspectos profundos da psique humana. Através da expressão artística, ela conseguiu explorar e integrar aspectos de si mesma, facilitando seu processo de individuação e crescimento pessoal. Essa experiência demonstra como as experiências artísticas mediadas pelo processo arteterapêutico vivido no curso de formação em Arteterapia podem ser uma ferramenta poderosa na jornada terapêutica e no desenvolvimento pessoal, enriquecendo nossa compreensão da complexidade da psique humana.

Data de recebimento: 23.03.2024

Data primeiro aceite: 20.11.2023

Data segundo aceite: 20.11.2023

Referências Bibliográficas

ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Fecomex, Liga Bíblica Brasileira, 1997.

BOFF, L. **O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARVALHO, A. L. Entre Cristo e os homens, entre o bem e o mal: novas interpretações sobre a “Guirlanda de flores e frutos com o retrato de Guilherme III de Orange” (ca. 1665) de Jan Davidsz de Heem. *In: Encontro de História da Arte*, n. 10, p. 13-22, 2014.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 34. ed. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

DINIZ, L. **Arte: linguagem da alma: arteterapia e psicologia junguiana**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2018.

HALL, J. A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2020.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Seminários sobre Psicologia Analítica (1925) Carl Gustav Jung**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KARAS, M. B.; SANTO HERMEL, E. E. **A célula no ensino de biologia: papel do livro didático e concepções de ensino**. Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática, v. 4, n. 2, 2021.

KAST, V. **Jung e a psicologia profunda: um guia de orientação prática**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Cultrix, 2019.

_____. **O caminho para Si mesmo**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

JB. **Anotações pessoais**. 2021.

JB. **Anotações pessoais**. 2020.

JB. **Anotações pessoais**. 2007.

KREMPEL, P. **Tipos psicológicos, polaridade e energia psíquica: a Psicologia Analítica e seus conceitos interligados**. São Paulo: Dialética, 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

ROSA, M. C. A. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Escala, 2012.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. 5. ed. Trad. Álvaro Cabral; Revisão técnica Mareia Tabone. São Paulo: Cultrix, 2017.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens** / Maria Cristina Urrutigaray. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL**Estudos sobre a arte aplicada ao âmbito psicoterapêutico e à subjetividade das imagens****Studies on art applied to the psychotherapeutic field and the subjectivity of images**Eveline Pereira Carrano¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre a subjetividade humana e seus modos de comunicação por meio das imagens no âmbito da Arteterapia e da Psicoterapia. O trabalho buscou observar o uso da arte no *setting* terapêutico, bem como analisar as teorias sobre os elementos visuais, sua linguagem e expressão visual e, ainda, considerar a análise semiótica da imagem na arte. Partindo da obra de Michelangelo Buonarroti, – “A criação do Sol, da Lua e das Plantas”, o estudo teve como foco central, além da identificação da imagem como meio de comunicação da subjetividade humana, a demonstração de que a Arteterapia e a Psicologia Analítica de C. G. Jung são espaços que permitem que a subjetividade humana se expresse e se comunique através das imagens. Este trabalho apresenta parte dos resultados da tese de doutorado em Psicologia, na Universidad Del Salvador, defendida em 2018.

Palavras-chave: análise semiótica; Arteterapia; imagem; subjetividade; psicoterapia .

Abstract: This article presents a study on human subjectivity and its modes of communication through images within the scope of Art Therapy and Psychotherapy. The work sought to observe the use of art in the therapeutic setting, as well as analyze theories about visual elements, their language and visual expression, and also consider the semiotic analysis of the image in art. Starting from the work of Michelangelo Buonarroti, – “The creation of the Sun, the Moon and the Plants”, the study had as its central focus, in addition to identifying the image as a way of communicating human subjectivity, the demonstration that Art Therapy and Psychology C. G. Jung's Analytics are spaces that allow human subjectivity to express itself and communicate through images. This work presents part of the results of the doctoral thesis in Psychology, at the Universidad Del Salvador, defended in 2018.

Keywords: image; subjectivity; psychotherapy; art therapy; semiotic analysis.

¹ Doutora em Psicologia clínica (USAL-AR); psicóloga (CRP 5/8017); arteterapeuta (AARJ, 010/0399); arte educadora (UNIVERSIDADE BENNETT); pós-graduada em Arteterapia (UNIRIO-RJ), Terapia de Família (AVM-RJ) e Psicoterapia Junguiana e o Imaginário no Barro (PUC-RJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4572998403423024>. Filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AARJ nº 10/0399. E-mail: eveline.carrano@gmail.com; eveline.arteterapia@gmail.com.

Introdução

Considerando a imagem como reflexo e expressão das emoções e do imaginário social do homem desde tempos imemoriais, e tendo como base a relação histórica do uso da arte no contexto terapêutico, este artigo, na busca de entender a analogia entre a arte, a linguagem visual e a imagem plástica, realiza uma análise e estudos rigorosos desses temas na teoria da arte. Para este fim, lança mão de bibliografia especializada na linguagem visual da Arte e História da Arte, principalmente nas publicações de Huyghe, R. (1986), Ostrower, F. (1983), (1987) e Gombrich, E. H. (1999).

No que se refere ao contexto terapêutico, foi feito um estudo teórico sobre a subjetividade e as relações da arte no *setting* terapêutico, na busca de articular as ideias principais dos referidos estudos conjuntamente com o respaldo teórico da Psicologia Analítica de C. G. Jung (1984), (1997), (2001), (2004a) e (2004b), para embasar teoricamente a Arteterapia como uma modalidade terapêutica eficiente, ao integrar diferentes saberes teóricos com a teoria da arte para, por meio da análise da imagem e do olhar teórico da análise semiótica, ter uma compreensão maior da subjetividade humana, identificando as emoções manifestadas nas mesmas.

A Arteterapia propicia o estabelecimento de um espaço terapêutico rico e criativo, onde a subjetividade humana flui, pelos mais inusitados caminhos, por meio da expressão plástica, ao configurar a imagem. A História da Arte, por meio de seu relato temporal e visual, revela-se como um produtivo cenário, rico de conteúdos e expressões da subjetividade e do imaginário social, que podem ser vistos e estudados como um registro imagético das emoções humanas e uma narrativa visual expressiva da história da subjetividade humana e do artista que a retrata.

Na análise semiótica da imagem, percebe-se que a obra, além de possibilitar a expressão da subjetividade do artista, também desperta emoções no espectador, sugerindo que a obra de arte pode atuar no fluir das emoções, tanto do artista que a produz como de quem a contempla. Assim, as modalidades artísticas, em suas diversas manifestações, se tornam facilitadoras da liberação e da percepção de conteúdos subjetivos que, ao emergirem, liberam um canal de acesso ao mundo interior, o inconsciente, reduto das emoções, muitas vezes reprimidas, aonde somente a palavra não chega.

Para a arte, o que está na alma toma uma forma, torna-se uma realidade visível; pela arte, a realidade visível, até então exclusivamente física, toma um sentido humano, adquire uma alma. Maravilhoso e fecundo intercâmbio donde nasce uma terceira realidade, que é simultaneamente o homem e o mundo, que participa de ambos e os une, levando-os ao mesmo tempo ao grau superior da existência, o da beleza. Cumriu-se um milagre. (HUYGHE, 1986, p. 40–41)

Estudos sobre como ocorre o elo entre a comunicação dos conteúdos emocionais,

expressos nas mais diferentes abordagens terapêuticas, com a comunicação afetiva, contida nas imagens e expressas nas obras realizadas durante o processo arteterapêutico, foram a principal motivação para a observação da subjetividade humana realizada por meio da arte. Assim, fica perceptível que a utilização da Arte na terapia, como expressão artística, facilita a comunicação desses conteúdos emocionais.

Na tese, o teor subjetivo contido nas imagens encontra, nos elementos visuais, importantes e mobilizadores significados, que dão identidade expressiva à obra e vão influenciar na compreensão e na leitura da imagem. A mobilização de sentimentos e emoções ainda não acessados e a conexão direta com o inconsciente do paciente, começam a tomar forma e conteúdo, o que leva a novas e criativas produções no contexto arteterapêutico.

Com base nas publicações e palestras da Dra. Lucia Santaella (2016), e em seus estudos sobre Semiótica Aplicada, demonstrou-se, por meio da análise semiótica da imagem “A criação do Sol, da Lua e Plantas” de Michelangelo Buonarroti, o papel da Arte como expressão da subjetividade humana, transpondo os resultados obtidos para as relações possíveis entre a Arte e a Arteterapia, como comunicação da subjetividade humana por meio da imagem.

A investigação da imagem no processo arteterapêutico permite a análise semiótica através da compreensão de uma importante “linguagem e expressão” visual. Os resultados obtidos podem servir de apoio para psicólogos que trabalham com a arte, bem como para outras atividades terapêuticas, com o uso da arte. Ao deter-se perante a imagem produzida num contexto terapêutico, é necessário observar os seus elementos visuais, ricos de conteúdos subjetivos. Deter-se perante a obra, observar, se relacionar com cada detalhe, olhar sem interpretar.

A pergunta que transpassou por toda a tese foi: “Pode a subjetividade humana, através das imagens, encontrar na Arteterapia e na Psicoterapia um meio para que a sua comunicação se realize? Para tanto, foram realizadas buscas por bases teóricas para validar as relações propostas entre: **imagem, subjetividade, análise semiótica e Arteterapia.**

Considerou-se a imagem como um meio fértil para que a comunicação da subjetividade humana ocorra, abrindo um espaço imagético sutil com amplas possibilidades terapêuticas. Ressalta-se a importância da busca de um olhar diferenciado, ao se deter para observar com cuidado as imagens, permitindo-se ao olhar “passear pela imagem”, por meio de seus elementos visuais, seguindo seus signos e símbolos, e encontrar os conteúdos subjetivos nela impressos, como reflexos e expressão do imaginário social, num momento histórico específico. Percebe-se, assim, como a imagem pode se transformar num potente e importante registro da história afetiva e emocional do homem, em diferentes contextos sociais.

Como meta, alguns objetivos foram delimitados, entre eles os objetivos específicos: investigar e demonstrar como a arte, por meio das imagens, vem construindo, ao longo da história da arte, um relato da subjetividade do homem. Foi realizado um corte temporal, detendo-se no período do Renascimento, que aqui será relatado, e na Arte Moderna, encontrado somente na tese. Confirmando a imagem como um meio de comunicação visual da subjetividade humana, é possível estabelecer um paralelismo com a Psicologia Analítica de C. G. Jung.

Por meio da análise dos dados obtidos, a procura foi legitimar a Arteterapia como uma modalidade terapêutica eficiente, considerando que a arte se tem feito presente, nos momentos mais singulares, deixando as evidências de que as imagens produzidas pelo homem, desde os tempos primordiais, expressam sua subjetividade.

O objetivo geral de refletir sobre o papel da arte como expressão da subjetividade humana e da imaginação histórica e social do homem, foi alcançado, assim como a identificação na bibliografia especializada em História da Arte e na análise de imagens, a expressão da subjetividade humana, que pode servir como base para fundamentar a Arteterapia.

Todo o processo de pesquisa e escrita da tese foi de grande relevância, na medida em que, aos poucos, foi sendo confirmada a minha motivação para a elaboração do estudo como validação para o uso da arte no processo arteterapêutico. O foco norteador da tese foi perceber e identificar as relações entre Arte, Psicologia Analítica e Arteterapia, como eficiente meio onde a comunicação da subjetividade humana possa fluir por meio da imagem, materializada no processo arteterapêutico.

O ponto inicial e motivacional para a abordagem deste tema foram os retornos e as fecundas elaborações expressas durante o uso da arte no processo arteterapêutico, plenos de conteúdos subjetivos. Durante mais de vinte anos de práticas arteterapêuticas com pacientes e alunos foi observado como o uso da arte, na terapia e na expressão artística, permite que conteúdos emocionais afluam e, ao aflorar, advenha por intermédio da imagem, a sua comunicação. Fato muitas vezes referendado pelos criantes.

Ao fazer uso da arte no *setting* terapêutico, um canal de comunicação se abre, permitindo que conteúdos imagéticos efetuem uma conexão direta com o inconsciente do criante, proporcionando o acionamento de sentimentos e emoções que acessam territórios mais profundos do inconsciente, denominados por C. G. Jung como arquétipos ou inconsciente coletivo. Assim, durante o ato criativo, o artista/criante, transmite caracteres e acontecimentos ativos em seu imaginário, atrelados ao seu momento histórico e cultural, permitindo que a imagem seja mensageira de conteúdos subjetivos, plenos de emoções e sentimentos.

Método

Para a elaboração da pesquisa foram realizados relevantes estudos e investigações conceituais baseados em bibliografias especializadas e artigos digitais referendados, envolvendo **imagem, subjetividade e Arteterapia**, buscando relacionar os conceitos teóricos com o atendimento terapêutico com o uso da arte, pela expressão da subjetividade. Eixo central da investigação: análise semiótica da imagem.

O *approach* desta proposta foi a busca do elo entre a teoria e o uso da expressividade da arte através da análise semiótica e a Psicologia Analítica de C. G. Jung, para basear teoricamente a prática arteterapêutica. Ficou evidente que a subjetividade na arte se encontra em diversas representações, por parte do artista e do espectador.

Com base neste tema, foi realizada pesquisa sobre o Estado da Arte e não foram encontrados estudos acadêmicos como este. A subjetividade e a imagem já constituíram objetos de diversas pesquisas acadêmicas, com diferentes abordagens efetuadas por outros pesquisadores, porém não com o uso da análise semiótica, que é o foco da tese.

Desenvolvimento

Ao estudar a História da Arte, fica evidente como ela se apropria da imagem e através dela faz uma significativa narrativa visual das experiências que a humanidade vem cultivando e transmitindo ao longo dos tempos, desde os mais primitivos. A Arte representa um expressivo relato imagético da biografia e das captações dos legados que a humanidade vem acumulando e registrando, nos mais distintos suportes, durante milênios. Tudo fruto da expressão e comunicação visual subjetiva dos artistas, elaborada a partir de suas vivências, referendando seus tempos históricos e convivências sociais.

A imagem revelou-se porta-voz dos conteúdos afetivos e emocionais de uma sociedade que, por intermédio de sutis pinceladas, representou existências que influenciaram a expressão plástica singular, semelhante às expressões dos criantes/pacientes em processos arteterapêuticos, que tiveram a oportunidade de transformar em imagens suas mais distintas emoções, aprendendo a reconhecer medos e alegrias, fruto das expressões criativas, ricas de conteúdos afetivos. Assim, conseguiram transmutar em imagens suas subjetividades, representando o seu tempo e a expressão de seu imaginário pessoal e social.

A Arte, como catalisadora de conhecimento, informação e prazer, naturalmente se apropria do poder transformador e subjetivo das imagens, empregando-os em sua magnitude como meio de comunicação visual de angústias e desejos humanos, em um espaço interno e sutil, sem tempo lógico, mas pleno de uma dimensão simbólica em que tudo é possível.

Posto que as imagens permitem a entrada em um universo subjetivo – o

inconsciente—, onde habitam as emoções humanas, surge a questão a ser respondida no trabalho de pesquisa da tese: Pode a subjetividade humana, por meio de imagens, encontrar na Arteterapia e na Psicoterapia um meio para que a sua comunicação se realize?

Desde os primórdios dos tempos, a humanidade, assim que aprendeu o uso e domínio dos instrumentos e pigmentos, faz uso da arte e da imagem para se expressar. Os desenhos e pinturas rupestres são considerados os mais antigos registros imagéticos do ser humano, como um potente meio de comunicação. Mesmo que de forma simples, mas espontânea, expressava-se como um pequeno relato linear, onde a linha ganha vida e desenha nas paredes aventuras a serem vividas ou já experimentadas.

São encontrados nos livros de História da Arte comentários demonstrando que, desde a pré-história, passando pela antiguidade, até os tempos contemporâneos, os indivíduos conquistaram e experimentaram, com bastante propriedade, por meio de pinturas, desenhos e esculturas, recursos expressivos singulares que permitiram, e ainda permitem, variadas formas de expressões plásticas.

Esses estudiosos afirmam que essas representações visuais relatam fatos e episódios referentes a crenças, ritos, temores, valores e a futuras atividades de caça ou guerra, do homem, que foram sendo plasmadas em imagens, como registro do seu cotidiano, por meio das mais encantadoras formas artísticas, ricas de signos e carga simbólica.

A história da arte faz um relato da subjetividade e das emoções humanas, memória viva do imaginário social, transmitidas por meio das mãos dos distintos artistas que, para além de seu tempo, influenciaram novas gerações de artistas.

Segundo Gombrich (1999), tratando-se de artes, estamos continuamente em plena aprendizagem, existindo sempre coisas a serem aprendidas. Para ele:

As grandes obras artísticas parecem ter um aspecto diferente cada vez que nos colocamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um mundo excitante, com suas próprias e estranhas leis, suas próprias aventuras. Ninguém deve pensar que sabe tudo a respeito delas, pois ninguém sabe. Talvez nada exista de mais importante que isso: que para nos deleitarmos com essas obras, devemos ter um espírito leve, pronto a captar todo e qualquer indício sugestivo e a reagir a todas as harmonias ocultas; sobretudo, um espírito que não esteja atravancado de palavras altissonantes e frases feitas. (p. 36)

Torna-se necessário esvaziar a mente e apurar o olhar que passeia livremente sobre a imagem, captando seus conteúdos subjetivos que, ao serem plasmados, refletem, como espelhos, os diferentes contextos históricos e sociais.

Assim, entendendo que a existência humana está plena de experiências carregadas de conteúdos singulares e considerando a subjetividade, a essência do ser humano, é entender que nela, e por meio dela, o homem se constitui. Ao se constituir, contextualiza um

mundo subjetivo interno onde emoções, percepções, pensamentos e sentimentos tomam um lugar expressivo singular.

Conexas e plenas de conteúdos subjetivos, as experiências trazem uma carga afetiva intrínseca ao social, cheias de crenças e valores culturais, meio pelos quais os costumes, as perspectivas, as criações, os afetos, a fé, as vivências, dentre outras, são responsáveis pela constituição do imaginário social, tanto pessoal quanto coletivo.

A subjetividade, como conceito, varia e é qualificada conforme a análise individual, cabendo uma compreensão particular do sujeito, que é subjetivo. Fica, assim, relacionada à uma percepção, opinião e sentimento individual, sofrendo influência diretamente do que foi experimentado, vivido e elaborado pelo sujeito, subjugado e à mercê de seus interesses e escolhas pessoais.

Ao ser realizada a pesquisa sobre dados históricos que relatam a origem da Arteterapia, foi necessário focar na contextualização histórica do uso espontâneo da arte nos bastidores de hospitais psiquiátricos e, até sua chegada ao contexto das psicoterapias, um longo período ocupou essa trajetória.

Um elo foi sendo tecido a partir de estudos e pesquisas elaborados por renomados psiquiatras, estudiosos da arte e autores referendados, que provocaram o despertar do interesse de médicos e pacientes para o poder da arte como expressão dos conteúdos internos, convidando a olhar para a arte produzida nesses espaços, tão rica de significados latentes e simbólicos, que expressavam conteúdos subjetivos dos pacientes internados em hospitais psiquiátricos, do final do século XVIII e início do século XIX.

Verificou-se, assim, que a Arteterapia é uma modalidade terapêutica que se utiliza da arte e de seus recursos visuais e expressivos, dentro de um contexto clínico específico e baseia-se no reconhecimento do ser humano como singular, em pleno desenvolvimento bio-psico-social e espiritual em constante evolução.

Enquadra-se em um conceito de saúde integrativa, que o sujeito é visto de uma forma holística, como um ser único e indivisível, sendo, portanto, levado a um maior e melhor conhecimento de si mesmo por meio do olhar para a imagem, expressa em suas produções plásticas, produzidas durante o processo arteterapêutico. Entenda-se por saúde, um estado dinâmico e de equilíbrio do sujeito tanto físico, mental, como espiritual, não vinculado somente à doença.

A Arteterapia, na busca por integrar e validar conceitos e técnicas da arte com funções terapêuticas e seus constructos teóricos, aponta para um novo caminhar, por um fecundo campo no qual a criatividade floresce no encontro entre o fazer arte e a terapia, possibilitando um novo olhar para os recursos subjetivos dentro deste processo terapêutico.

Assim, a comunicação na arte ocorre pela sua linguagem visual, representada pela expressão plástica e a materialidade da imagem, com grande carga e representação. Por

meio do conhecimento dos elementos visuais básicos, a leitura da imagem se forma. Portanto, é fundamental para o arteterapeuta perceber e dominar a teoria desses elementos que compõem a imagem, facilitando a compreensão dessa linguagem. Esses elementos são muito expressivos, funcionando de modo semelhante com o alfabeto gramatical.

Essa linguagem, que tem uma organização e identidade expressiva e peculiar, é conhecida como alfabeto visual em arte, uma espécie de codificação, que se traduz pelos elementos visuais que a compõem, como: o ponto, a linha, a forma, a superfície, a cor, a luz, o volume e a textura, entre outros. Também fazem parte da leitura da imagem: a composição, através da semelhança e do contraste; a tensão espacial, através do ritmo, dentre outros fatores, que funcionam como marcas gráficas constitutivas do contexto formal e que, juntos ou isolados, irão transmitir uma mensagem visual.

Os elementos visuais que compõem a obra e, sobretudo, a forma como são concebidos, são especiais por representarem de forma singular um ato criativo que acontece dentro de um contexto expressivo único, em um determinado momento e contexto fecundo, em que a arte é elaborada. Eles apresentam propriedades essenciais que ajudam a compreensão e a leitura das mensagens contidas na imagem em contexto formal.

Esse conhecimento ajudou muito no processo semiótico, já que a Semiótica, como doutrina teórica que estuda os signos, suas características e seus modos de representar a realidade, por intermédio da compreensão dos meios pelos quais acontece a comunicação do homem, neste caso, foi usada a imagem. Semiótica facilitando uma nova forma de apreender e entender o mundo.

Tendo como base a Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839–1914), filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático, nascido nos Estados Unidos da América, foram realizados diversos estudos com foco na leitura da imagem e no processo semiótico (SANTAELLA, 2016).

Pierce buscou embasar sua teoria na filosofia e, portanto, também encontrou fundamentos na Fenomenologia. De acordo com este pensador, a Fenomenologia é a descrição e análise das experiências do homem, sendo o fenômeno, sobretudo o que o homem percebe do mundo, real ou imaginário, apreendido pela mente. Por meio da semiótica, é possível interpretar o mundo de uma maneira própria: a dos signos.

A Semiótica é a ciência dos signos e, é por meio deles, que se pode compreender todas as formas de comunicação existentes.

O signo é o elemento mais básico e central da Semiótica. É algo que remete a outra coisa. Um signo é, portanto, um representante, ou seja, aquilo que representa, que está no lugar do objeto por ele representado. A relação do signo com o objeto se dá por meio de uma contemplação estética e de diferentes formas, uma vez que abrange dados próprios ao sentir, somado ao esforço interpretativo implícito na observação de um objeto, além da

intenção de compreensão dos signos.

A função essencial do signo é representar a realidade. É tudo o que nos remete a algo, e que é percebido por nossos sentidos. O signo é capturado pela mente, que o interpreta e, a partir dele, cria um interpretante. Este, por sua vez, é e se relaciona com um novo signo. Assim, forma-se uma cadeia. Uma coisa que recorda a outra. O signo representa outra coisa na relação do signo com o objeto. O signo tem um grau de interpretabilidade. Tem algo nele mesmo que o torna apto.

A relação signo–objeto permite contextualizar o signo e estudar a situação a que se refere. O processo de simbiose equivale ao processo do pensamento.

Segundo a Semiótica, a imagem já traz em si conteúdos interpretativos, porém, é necessário um intérprete para que se faça a ligação com o que vai acontecer a partir do momento em que a observa. Este modo de ver é decisivo para o significado da imagem.

Ao terminar o ato criativo da sua obra, o artista ocupa o lugar de intérprete dela, já que, agora, ele a observa. Sua obra está envolta por um momento inigualável, cujo resultado é irrepetível, mesmo que o artista pretenda fazer uma série de reproduções, cada ato criativo é único.

São necessários procedimentos fenomenológicos, como a contemplação estética, que se dá por meio da combinação de três categorias, em três etapas simultâneas, estabelecendo uma relação entre o signo e o objeto que o representa. São elas: primeiridade (contemplar), secundidade (discriminar) e terceiridade (generalizar). A primeiridade possui qualidades que representam o objeto, buscando a aproximação do observado consigo mesmo, o que leva ao despertar de impressões sensoriais e abstratas, uma vez que traz à memória alguma coisa que implica em um sentimento não cognitivo. É fundamental estarmos atentos à impressão e à sensação da realidade que a imagem transmite. A primeiridade refere-se a um olhar contemplativo.

Para ajudar na compreensão da primeiridade é fundamental entender como os elementos se organizam na composição. Conhecer sua forma e força pictórica é essencial para entender o que a imagem comunica, qual é a mensagem subjetiva que pretende transmitir. Isto porque a imagem tem um significado que lhe é peculiar e traz, em seus elementos, afetos, emoções, percepções e pensamentos.

Os eixos plásticos, como as linhas, as formas, as cores, a composição, a textura, a luz, a sombra, o volume, o movimento, os contrastes e o espaço são uma força expressiva que chega à composição da obra. É por meio desses elementos, que a imagem plasma mensagens e se faz reconhecer como um meio eficiente de comunicação visual.

A secundidade faz referência ao índice e à causa, que podem ser considerados como pistas ou tipos de representação indicial. Esta categoria diz respeito à existência singular do fenômeno, pois está vinculada ao signo de uma forma direta. Portanto, refere-se

à particularidade do fenômeno no aqui e no agora. Faz alusão ao olhar observacional.

A terceiridade está relacionada ao símbolo e à convenção, por seu caráter mais geral. Ou seja, está ligada ao objeto e seu significado. Orienta no sentido de uma compreensão mais profunda e pode levar à uma conclusão sobre a representação e o significado da realidade. É o interpretante que viabiliza a terceiridade. Ou seja, esta categoria só se realiza se o receptor compreende a intenção do artista.

A semiótica só nos permite mapear o campo das linguagens nos vários aspectos gerais que os constituem. Devido a esta generalidade, para uma análise afinada, a aplicação semiótica recorre ao diálogo com teorias mais específicas dos processos de signos que estão sendo examinados. Para analisar pinturas, é necessário ter um conhecimento de história e teorias da arte. (SANTAELLA, 2016, p. 6)

Na tese, foi realizada uma profunda análise semiótica da obra: “A Criação do Sol, Lua e Plantas”, obra de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, pintada no teto da Capela Sistina, localizada no Vaticano, Itália, explorando os procedimentos básicos para sua aplicação, sugeridos por Lucia Santaella, especialista nos escritos de Charles Sanders Peirce, um dos fundadores da semiótica moderna, seguindo a lógica triádica do signo e seus efeitos interpretativos, que são: os qualisignos, os sinsignos e os legsignos.



Figura 1. Michelangelo – “A criação do Sol, da Lua e das Plantas”. Fonte: picryl.com²

Para que algo realize a função de signo, é necessário que haja três propriedades formais: qualidade, existência e caráter de lei. No que diz respeito à qualidade, o qualisigno tem um poder de sugestão. A qualidade de um é o que representa o outro. A qualidade já é uma propriedade formal quando sugere algo, dado que faz um chamado aos sentidos, ao

² Disponível em:

<<https://picryl.com/media/michelangelo-creation-of-the-sun-moon-and-plants-01-b33a52?zoom=true>>. Acesso em: 20 maio 2024.

sensorio e ao sensível, pois é um determinante. Então, como signo estético, possui uma natureza qualisigno.

Quanto à existência, o sinsigno, só pelo fato de existir, já ocupa seu lugar no tempo e espaço, no aqui e no agora. É um existente relacionado a outro existente, no qual ele se conecta. É particular, porque trará o objeto em um momento e espaço determinado. Por conseguinte, é um índice.

Com relação ao caráter de lei, o legsigno, por ser uma abstração, faz parte de um sistema estabelecido que permite entender o signo, bastando que ele represente outra coisa, um objeto do signo, e que provoque uma reação em alguém, o intérprete. É algo singular que vai representar algo coletivo, geral, ou seja, o símbolo. As regras interpretativas para a produção do interpretante estão incluídas no próprio signo.

O Signo é triático

1. O signo – Representamen, é o representante de algo de fora, o objeto.
2. O objeto – é a coisa propriamente dita. Foi utilizado para captar a imagem que o representa.
3. O interpretante – é o que se cria na mente de quem vê o signo. É o significado do que vemos. É o efeito que o signo causa.

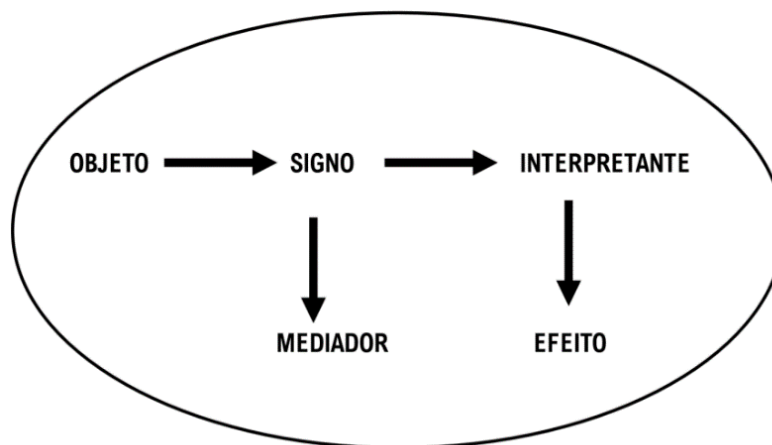


Figura 2. Objeto interpretante. Fonte: própria.

Já a compreensão da imagem feita pelo interpretante, o efeito interpretativo, que ocorre em uma mente real, só é possível por meio de uma análise semiótica detalhada do signo, acontecendo durante um caminho semiótico realizado pelo intérprete, no qual ele pode alcançar a terceiridade por meio de um contato mais profundo com seus processos cognitivos ou deter-se só no olhar contemplativo da primeiridade.

Um bom exemplo de como esse processo acontece é quando o quadro, com a pintura: *La Trahison des Images* – René Magritte (1929), está contido em uma fotografia, de

uma pessoa olhando essa pintura. Analisando essa fotografia temos o signo, que é a pintura do objeto externo a ela – que é um cachimbo, que se encontra do lado de fora da imagem e que foi usado como modelo pelo artista na hora da pintura. Na mente da pessoa que observa, o interpretante, vai acontecer o efeito interpretativo.

Para que um caminho semiótico aconteça é necessário, além da pessoa parar e contemplar a imagem, deixar-se envolver apenas pelos elementos visuais que a compõem, apurando seu olhar. Deixar-se contagiar e contactar com seus conhecimentos, apurando os sentidos e encontrando pistas, que vão trazer novos *insights* para entender a imagem e seu significado, e a possível intenção e expressão do artista. Percorrendo esse caminho semiótico, chega-se à terceiridade.

Perfil do artista e contexto histórico e social da obra: “Criação do Sol, da Lua e Plantas”



Figura 3. Retrato de Michelangelo. Fonte: picryl.com³

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, foi um expoente artista renascentista, que viveu as mudanças no olhar da arte para o homem e a religião do século XVI. Quando a arte ainda trabalhava para satisfazer às exigências e ditames do clero, ao mesmo tempo em que o artista, sem deixar-se subjugar, buscava sua própria identidade expressiva.

³ Disponível em:

<<https://picryl.com/media/michelangelo-creation-of-the-sun-moon-and-plants-01-b33a52?zoom=true>>. Acesso em: 20 Maio 2024.



Figura 4. Michelangelo Buonarroti – visão parcial do teto da Capela Sistina – 1508/12, os componentes principais do afresco, são nove cenas do livro bíblico do Gênesis. Fonte: <https://cdn.creazilla.com>⁴.

Análise dos processos de signo da obra de Michelangelo Buonarroti – análise semiótica e os efeitos interpretativos. O interpretante, o efeito que o signo é capaz de produzir na mente intérprete, tem três níveis de realização presentes na obra prontos para serem decifrados:

- 1) *O interpretante imediato (abstrato) – primeiridade;*
- 2) *O interpretante dinâmico (efeitos) – secundidade; e*
- 3) *O interpretante final – terceiridade.*

É importante destacar que **estamos fazendo a análise de uma cópia e não da imagem original da obra** “A criação do Sol, da Lua e Plantas”, pintada magistralmente por Michelangelo no teto da Capela Sistina, para ser analisada como representante do Renascimento, por ser parte importante da produção plástica desse momento histórico.

Esta pintura é um afresco realizado no teto e não nas paredes, portanto seu tamanho é muito maior. Ao trocar de suporte, da parede pela fotografia, alguns qualisignos se perdem, como por exemplo: a textura, o gesto, a dimensão, que são sempre uma escolha do artista.

⁴ Disponível em: <<https://cdn.creazilla.com/illustrations/6758326/cappella-sistina-volta-02-illustration-md.jpeg>>. Acesso em: 20 maio 2024.



Figura 5. Teto da Capela Sistina com Afresco de Michelangelo. Fonte: <https://upload.wikimedia.org>⁵

O interpretante imediato (abstrato): Primeiridade – qualisigno = "disponibilidade contemplativa, deixar abertos os poros do olhar; com simplicidade e candidez, impregnar-se das cores, linhas, superfícies, formas, luzes, complementaridades e contrastes; demorar-se tanto quanto seja possível sobre o domínio do puro sensível." (SANTAELLA, 2016, p. 86).

Isto é, deixar-se banhar pela imagem como um todo, observando seus detalhes mais sutis: os qualisignos.

Buscar uma nova maneira de olhar a imagem, permanecendo somente no plano do sensório e do sensível, observando apenas as qualidades da imagem. Estabelecer contato com a exuberância da cor, com os contrastes das linhas retas e curvas, suaves ou marcadas, com as texturas, com as formas, com os contrastes, com as figuras e com os fundos, com o gesto e com o movimento desta obra.

O Interpretante dinâmico (efeitos), refere-se à Secundidade – ao sinsigno. São os efeitos que o signo é capaz de produzir em uma mente intérprete, que se subdividem em três efeitos diferentes.

1) *O efeito emocional, como qualisigno.* Que qualidade de emoção e/ou sentimento vai proporcionar ao intérprete?

2) *O efeito energético – a energia da ação.* Aceitar o convite para entrar na cena, para perceber e entender o que está acontecendo na imagem. Nessa pintura, na tentativa da representação do exato momento em que Deus se retira da cena, após terminar o ato de criação dos luminares, Michelangelo, por meio da sugestão de um

⁵ Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Chapelle_sistine.jpg>. Acesso em: 20 maio 2024.

sutil movimento de rotação, semelhante ao de um carrossel girando, apresenta o afastamento e o abandono da obra terminada, ao virar as costas para o observador atento, sutilmente arranjado na sua obra, por meio das duas figuras representativas de Deus.

3) *O efeito lógico* – neste momento é necessário que o intérprete possua uma certa compreensão da obra e que já a tenha processado intelectualmente, baseado em sua experiência cultural, com seus conhecimentos da história da arte e do livro do Gênesis. Elementos que têm relação com o símbolo e a convenção por seu caráter mais geral. Assim, esta obra foi criada para ser vista como a representação do gênesis e, aqui, é analisada observando os dados da relação de Michelangelo com o Papa Júlio II, com o clero, com a igreja católica e com os conceitos religiosos da época em que foi elaborada: o alto Renascimento.

O interpretante final – terceiridade. O interpretante final acaba por ficar em aberto, ele se refere a um devir, a todo tipo de interpretação que ainda está por vir, está ligado ao futuro, ao que ela ainda vai despertar de beleza, gratificação e entusiasmo em novos observadores. “O interpretante final... este se refere ao resultado interpretativo ao qual todo intérprete está destinado a chegar, se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe” (SANTAELLA, 2016, p. 134).

Considerações finais

Considerando a proposta inicial contida na pesquisa da tese, percebe-se que o foco e o estudo realizado concentraram-se em três abordagens principais: a semiótica, a imagem e a subjetividade. E, para encontrar respaldo teórico satisfatório, em uma perspectiva acadêmica, metodológica e consistente, a Arteterapia procura embasar respostas subjetivas que ocorrem com o uso da arte e da imagem.

Uma das propostas da tese é aproximar a Psicoterapia da linguagem artística, comum a todo ser humano. Assim, encontramos na história da arte um surpreendente registro imagético e temporal, pertinente a cada momento histórico e social, da subjetividade do indivíduo ao longo dos tempos, tanto do artista que a produz, como do receptor que a observa.

A tese buscou, na primeira etapa, realizar um profundo e meticuloso estudo da manifestação da subjetividade nos diferentes períodos da história da arte, o que foi cumprido até um determinado momento. Mas, avaliando a extensão da proposta e o tempo que levaria para concluir tal estudo, foi essencial reavaliar o projeto inicial e a realização de dois cortes na linha do tempo da história da arte, que permitiram otimizar a finalização da mesma.

Para tal, foram escolhidos dois períodos de diferentes tempos históricos: o

Renascimento e a Arte Moderna.

O do Renascimento, na Itália, especificamente com a seleção da obra de Michelangelo Buonarroti, e o da Arte Moderna, no Brasil, com a escolha da obra de Anita Malfatti. Porém, para este artigo, o foco foi a obra de Michelangelo Buonarroti.

Os estudos realizados nos diferentes períodos apontam para a importância de se dar continuidade ao trabalho em futuras pesquisas, pois existe um enorme arsenal imagético, repleto de conteúdos subjetivos a serem explorados e compartilhados com os profissionais que trabalham com a criatividade e com o processo terapêutico. Percebe-se que, ao longo da história, os artistas criaram um lindo e fecundo “Memoir of Colors”, cuidadosamente catalogado por diversos pesquisadores/historiadores e por diversos teóricos da arte.

Entre os teóricos e pesquisadores ligados à psiquiatria e à psicologia que valorizaram e pesquisaram as obras de pacientes psiquiátricos internados em hospitais de seus países, a tese revela um destaque especial para Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra austríaco, encantado por obras de arte; C. G. Jung, psiquiatra suíço, que fez uso da arte em seus atendimentos; Hans Prinzhorn, psiquiatra e historiador da arte alemã e Nise da Silveira, psiquiatra brasileira.

Outros renomados estudiosos também usaram e valorizaram a arte em seus “territórios sagrados”, fazendo e transformando seus consultórios, clínicas e ateliers em santuários onde a expressão artística de quem estava em sofrimento psíquico ganhasse “voz”, por meio do uso da arte como expressão do imaginário sofrido e reprimido, revelando-se grandes obras.

No lidar com a arte, a expressão e a configuração de imagens, por meio do ato criativo, permitem a entrada no universo subjetivo do homem – o inconsciente, onde habitam as emoções humanas. O desenho, a pintura, a escultura, a música, a dança e outras demonstrações artísticas permitem o acesso a este hábitat e o consequente contato com o subjetivo. Observa-se a arte abrindo portas de acesso ao mundo interior das emoções.

Assim, a imagem guarda segredos subjetivos das emoções humanas, cabendo ao arteterapeuta ser um guia atento, ajudando o seu criante/paciente a desvelar esses segredos por meio da leitura da imagem e da análise e compreensão de seus signos (estudo semiótico).

Para isto, arteterapeutas e criantes/pacientes precisam abrir “os poros do olhar” (SANTAELLA, 2016), tornando-se sensíveis ao fenômeno, envolvendo-se com as cores, as linhas, o movimento, as texturas, os contrastes e as formas, dentre outros elementos visuais da arte. Também devem buscar os indícios e as pistas a serem seguidas, ampliando seus conhecimentos artísticos e, assim, encontrar nas imagens, seus conteúdos simbólicos, os caminhos propostos pela análise semiótica.

Como conclusão, percebeu-se que, por intermédio do processo da Arteterapia,

algumas portas de comunicação com o inconsciente são abertas, permitindo acesso direto, rápido e eficiente a conteúdos mais reprimidos. Utilizando somente palavras, esse percurso fica mais longo, ou muitas vezes inacessível, pois a palavra é um recurso de maior domínio do sujeito e o imagético revela maior subjetividade.

Há que chegar, portanto, à conclusão de que a arte, embora sofra a influência daquele que a produz e daquele que a circunda, constitui apesar de tudo um mundo à parte; e este mundo tem leis próprias as quais obedece: são irreduzíveis. No concerto das manifestações humanas, a arte é como um instrumento que não se pode separar dos demais; apesar de tudo, tem o seu papel próprio na orquestra: não tem apenas a partitura que lhe compete, mas também os seus efeitos. Ainda mais: tem a sua estrutura original: obedece às suas regras autônomas. (HUYGHE, 1986, p. 23–24).

A Arte, em toda a sua trajetória, como acompanhante da expressão humana, tem demonstrado ser um instrumento facilitador e acessível para que emoções e sentimentos ganhem expressão. No ato criativo, os elementos visuais funcionarão como porta-voz de conteúdos subjetivos plasmados nas imagens, produzidas tanto pelos artistas como também pelos criantes/clientes.

A atividade artística, em um contexto terapêutico específico, abre portas criativas para acessar o inconsciente e trazer novas respostas subjetivas, que é a proposta da Arteterapia.

Data de recebimento: 24.10.2022

Data primeiro aceite: 18.07.2023

Data segundo aceite: 20.05.2024

Referências Bibliográficas

FARIA, E. P. C. **Estudio sobre el arte aplicado al ámbito psicoterapéutico: la subetividad a través de las imágenes.** 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidad Del Salvador, 2019.

GOMBRICH, E. H.. **A História da Arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1999.

JUNG, C. G.. **A Natureza da Psique.** Volume VIII/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1984

_____. **A Vida Simbólica: escritos diversos.** Volume XVIII/1. Petrópolis,RJ: Editora Vozes, 1997.

_____. **Memórias sonhos e reflexões.** 21ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 2001.

_____. **A Prática da Psicoterapia, contribuições ao problema da psicoterapia e à**

psicologia da transferência. 9. edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004^a.

_____. **Fundamentos de psicologia analítica.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004b.

HUYGHE, R. **O Poder da Imagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **O Sentido e Destino da arte (I).** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

OSTROWER, F. **O Universo da Arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

_____. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Thomson Learning, 2016.

RELATO DE EXPERIÊNCIA**Obras de arte como agentes potencializadores de processos criativos e autoconhecimento****Works of art as potentiating agents of creative processes and self-knowledge**Paulette Vaisberg Gerecht¹

“A arte existe porque a vida não basta.”
Ferreira Gullar

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre como as obras de arte podem atuar enquanto agentes potencializadores nos processos criativos e na ampliação da percepção humana, propiciando caminhos de transformação por meio da Arteterapia. O trabalho baseou-se em um projeto de práticas arteterapêuticas, no qual obras de arte foram utilizadas com o intuito de atuarem como veículos sensibilizadores na elaboração dos processos criativos das participantes. Trabalhou-se com um grupo constituído por cinco mulheres com idades que variaram entre 39 e 61 anos. Por força das circunstâncias, devido à pandemia, o projeto desenvolveu-se em dois *settings* distintos. O modo presencial se deu no espaço de uma galeria de arte, território prolífico em manifestações artísticas, que foram utilizadas para atuarem como indutoras do fluxo criativo. No modo remoto, as obras de arte da galeria foram substituídas por imagens compartilhadas virtualmente na forma de slides que, com o mesmo propósito, serviram como ponto de partida para o desenvolvimento dos processos arteterapêuticos. As respostas frente às experiências propostas sugerem a amplitude de significados, sempre renováveis, que as obras de arte podem despertar no observador, possibilitando a ativação de processos criativos, movimentando a energia psíquica.

Palavras-chave: Arteterapia; criatividade; arte; símbolo; saúde mental.

Abstract: This article proposes a reflection on how works of art can act as potentiating agents in the creative processes and in the expansion of human perception, providing paths of transformation through Art Therapy. This present work was based on a project of art therapeutic practices, in which works of art were used with the intention of acting as sensitizing vehicles in the elaboration of the participants' creative processes. We worked with a group consisting of five women aged between 39 and 61 years. By force of circumstances, due to the pandemic, the project was developed in two different settings. The face-to-face mode took place in the space of an art gallery, a prolific territory in artistic manifestations, which were used to act as inductors of the creative flow. In remote mode, the works of art in

¹ Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo; artista plástica e arteterapeuta (AATESP 579/1119) com especialização em Psicologia Analítica com ênfase em Mitologia, Contos de Fada e Arte; *email:* pauletteger@gmail.com.

the gallery were replaced by images shared virtually in the form of slides, which, with the same purpose, served as a starting point for the development of art therapy processes. The responses to the proposed experiences suggest the range of meanings, always renewable, that works of art can awaken in the observer, enabling the activation of creative processes, moving psychic energy.

Keywords: Art therapy; creativity; art; symbol; mental health.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre como a obra de arte pode atuar enquanto um agente potencializador nos processos criativos e na ampliação da percepção de si mesmo, ou seja, proporcionar caminhos de transformação conduzidos pela Arteterapia, tendo a fruição da obra de arte como um ponto de partida no processo arteterapêutico.

Inicialmente, vamos fazer algumas considerações a respeito das obras de arte, tendo em vista que as questões da natureza humana são a matéria-prima da arte. Conforme Ostrower (2001), tanto na expressão visual, como na dança, na música e na arquitetura, a forma, compreendida como linguagem da arte, “ultrapassa fronteiras geográficas, fronteiras culturais e se comunica por ser algo não verbal”. A autora entende que, pelo seu aspecto expressivo, “todas as formas, em última instância, referem-se às experiências mais fundamentais de nossa vida, que são experiências do espaço e do tempo”.

Ostrower (2013, p. 229-230) afirma que “ao nos depararmos com a justeza de formas expressivas numa obra de arte, como que encontramos uma resposta para nós mesmos. Resolvemos nossas tensões por um instante que seja”. Ainda, em suas palavras, “por esse instante de empatia podemos irmanar-nos aos grandes artistas, a um *Leonardo da Vinci*, um *Rembrandt*, um *Goya*, um *Cézanne* e ao lado deles entender a vida”. Para a autora, trata-se de “uma experiência das mais profundas”. Ela vem acompanhada de um sentimento de ampliação do nosso ser, de plena expansão da vida, de fortalecimento e transcendência”. Ela afirma que ao desfrutarmos de uma obra de arte, “sentimos que crescemos e aprofundamos nosso potencial de ser”. Nesse sentido, vale a pena refletir um pouco acerca do processo criativo e de como as obras de arte se constituem.

Sobre o processo criativo, Colonnese (2018, p. 23) afirma que este “é definido por Jung como um complexo autônomo, um processo que impulsiona a consciência do artista de forma impositiva, levando-o, muitas vezes, a ser surpreendido ante sua própria criação”. Esse aspecto autônomo da obra, no entanto, não exime a consciência do artista de sua participação no processo; a consciência justamente é necessária para reconhecer e dar forma ao impulso proveniente do complexo criativo, que trará a intensa participação do inconsciente.

Jung (OC vol. XV §157-110) nos conta que “o artista é o portador e plasmador da

alma inconsciente e ativa da humanidade”, (...) “sente que sua obra é maior do que ele, e exerce um domínio tal, que ele nada lhe pode impor”. A esse respeito, Saldanha (2010, p. 187-188) enfatiza que “a autêntica obra de arte, porém, é uma produção impessoal”, pois, em busca das imagens primordiais, (...) “o artista mergulha nas profundezas da psique através do processo de criação artística.”

Segundo o artista plástico Fingermann (2007, p.41; 58), “o pintor é uma espécie de mágico, (...) e através de falsas sombras, ilusórias perspectivas, enganosas evocações, nos faz ver o que está ausente. (...) Com a pintura, o desconhecido se aproxima de nós. A pintura faz ver o ver”. Para o autor, “... o dizer da pintura não se esgota com o assunto. O tema é um artifício. Há um transbordamento do tema, que faz da pintura uma espécie de enigma”.

Por que buscar “ver o que está ausente” e fazer “ver o ver” na obra de arte são ações importantes? Ao lançarmos um olhar para a contemporaneidade, podemos perceber que nela há um chamado para a velocidade. A velocidade do mundo está tão acelerada que, mais do que nunca, a introspecção e a autoconexão se fazem necessárias. Fingermann (2007, p. 27) nos fala que “no mundo de urgências em que vivemos o homem vaga entre a desordem das lembranças e as urgências da vida”; ele completa que “a arte é uma forma de resistência a essa aceleração, uma espécie de pausa, de acostamento que fazemos nos caminhos, nas estradas, para ver a paisagem que, de outra forma, passaria incessantemente”. Nesse contexto, observa-se que os sentidos humanos estão sendo negligenciados pela correria do dia a dia. Preocupadas com os apelos do mundo exterior, muitas pessoas perdem a conexão com seu mundo interno e não param para ver, ouvir ou sentir.

Diante disso, ao oportunizar a apreciação da obra de arte, abrimos espaço para essa pausa interna, podendo, então, acessar nossos sentidos. A arte passa a ser essa dimensão em que o tempo se expande, trazendo um espaço para a reflexão e para a ativação do sensível.

Por esse motivo, a proposta do projeto arteterapêutico, que norteou a série de experiências que serviram de base para este estudo, foi utilizar a obra de arte como veículo sensibilizador para que, por meio do contato do observador com a criação artística, novos mundos, repletos de símbolos, pudessem ser descortinados, despertando a imaginação, as reflexões e os novos olhares. Philippini (2013, p. 18) pontua que “o símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, permitindo ao indivíduo entrar em contato com níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser e crescer com essas descobertas”. Entendemos que a autora quer nos dizer que, ao mergulhar em tais mundos, ativando o próprio processo criativo, o indivíduo poderá resgatar imagens do inconsciente e, por meio da própria expressão, transformar-se, ressignificando conflitos pessoais.

Segundo Carvalho (2012, p. 71-72), “a criatividade é um ato de confiança no inconsciente. (...) Para a psicologia analítica é um processo de abrir espaço para que as fantasias e imagens do inconsciente possam se apresentar”. Porém, para que os conteúdos do inconsciente surjam na consciência e se transformem em produto criativo, ou seja, para que esse ato de criatividade de fato ocorra, será necessária a intermediação do ego que deverá disponibilizar esse espaço para o inconsciente, suportar a tensão decorrente desse ato e se abrir para o desconhecido.

Sobre ativar o próprio processo criativo, May (1975, p. 17) nos fala: “quando estudamos um quadro — o que é necessário para realmente vê-lo, especialmente em se tratando de arte moderna — experimentamos um novo momento de sensibilidade”. Nesse sentido, ele entende que “o contato com o quadro desperta em nós uma nova visão, algo de especial nasce no nosso íntimo”; ele reforça essa ideia quando afirma que “a apreciação da música ou da pintura ou de outros trabalhos criativos é um ato de criatividade da nossa parte”.

Corroborando as ideias de May, Tarkovski (1998 *apud* MAIA, 2010, p. 179) afirma que “ao se emocionar com uma obra prima, uma pessoa começa a ouvir em si própria aquele mesmo chamado da verdade que levou o artista a criá-la”. Tarkovski (*op. Cit.*) enfatiza que “quando se estabelece uma ligação entre a obra e seu espectador, este vivencia uma comoção espiritual sublime e purificadora. É neste momento de descoberta de si mesmo que nos transformamos”.

Posto isso, conforme May (1975), ao se observar uma obra de arte, cria-se uma oportunidade para o exercício da criatividade. E, por meio desse exercício que já se inicia no próprio ato de observar a obra, o indivíduo abrirá espaços para o afloramento de fantasias e de imagens do inconsciente; isso poderá evocar sensações, sentimentos, memórias e emoções. As imagens advindas do exercício de imaginação que é desperto pela obra de arte poderão ser materializadas por meio de atividades expressivas as quais, segundo Philippini (2013, p. 16), “são utilizadas com o propósito de revitalizar áreas desusadas, núcleos bloqueados, resgatando a possibilidade do livre fluir da energia psíquica”.

Portanto, por meio da obra de arte, uma conexão viva entre o artista e o espectador poderá constituir-se. Entende-se que, da mesma maneira que a obra de arte irrompe impulsionada pelo complexo criativo que se manifesta por meio do artista, o observador, ao entrar em contato com as imagens arquetípicas projetadas na obra, poderá conectar-se com algo que habita as camadas mais profundas de sua própria psique, aquelas camadas que integram o inconsciente pessoal e coletivo.

Jung (2014, OC vol. IX/1 §88) afirma que “o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos”; enquanto que “os conteúdos do

inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade”. Silveira (1975, p. 72) entende que os arquétipos que povoam o inconsciente coletivo são “fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens”, ou seja, esse conceito “indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo o tempo e em todo lugar”.

A respeito dessas estruturas psíquicas arquetípicas recorrentes ao longo do tempo, em todas as culturas, May (1975, p. 41) nos diz que o artista “tem o poder de revelar o sentido básico de qualquer época, precisamente porque a essência da arte é o encontro vivo e vigoroso do artista com o seu mundo”, ou seja, a autêntica obra de arte é a manifestação de uma linguagem universal, permeada por imagens arquetípicas que são atemporais.

Desse modo, o espectador da obra de arte, ao fruí-la, poderá ser capturado de alguma maneira pela imagem, de tal forma que esta possa acessar nele memórias relacionadas com a sua ancestralidade (inconsciente coletivo), pois o artista, segundo Jung (OC, vol. XV, §161), consegue tocar as regiões profundas da alma, “onde todos os seres vibram em uníssono e onde, portanto, a sensibilidade e a ação do indivíduo abarcam toda a humanidade”. Da mesma maneira, o espectador poderá acessar memórias relacionadas com conteúdos reprimidos ou latentes de sua própria história de vida (inconsciente pessoal). Isso acontece quando o indivíduo é atravessado pela imagem e se projeta nela, ocorrendo um reconhecimento dos seus próprios conteúdos, ou seja, a obra de arte será reelaborada a partir das condições subjetivas do indivíduo, pois, ao simples ato de observá-la, sua psique faz projeções; ela cria imagens espontâneas e projeções o tempo todo. Lembrando que, para Jung (OC, vol. XI/5, §889), “todo processo psíquico é uma imagem e um imaginar”. Quanto às projeções, Jung (OC, vol. VI, §881) explica que “projeção significa transferir para o objeto um processo subjetivo. (...) A projeção é, portanto, um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado, de certa forma, ao objeto”. Neste caso, estamos nos referindo ao que Jung denomina de projeção ativa, que é o componente essencial do ato de empatia; segundo o autor (OC, vol. VI, §882), “a empatia, como um todo, é um processo de introjeção porque serve para levar o objeto a uma íntima relação com o sujeito”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Colonnese (2018, p. 24) reitera que “a obra de arte, desatrelada em algum grau da personalidade de seu criador e revivificada em seu receptor, tem a característica de ser sempre aberta a novas significações, sempre passível de ser vista de um modo diferente do de outrora”, isto é, a obra de arte é algo que sempre poderá ser vivenciada como uma experiência temporal-espacial particular e individual; ela vai refletir aquilo que for capturado pela psique do espectador naquele contexto, dependendo, portanto, de sua subjetividade, de sua cultura e do espírito da época em que ele se insere.

Posto isso, diante do alcance e da profundidade que a linguagem de formas, que é própria da arte, pode atingir na psique, extrapolando a dimensão lógica e racional, a obra de arte pode possibilitar ao espectador acessar um universo imagético e arquetípico cuja complexidade é, em grande parte, inexprimível de forma verbal; podendo, portanto, entrar em ressonância, por meio de projeções, com as necessidades profundas e essenciais de seu mundo interno. Ostrower (1983, p. 60) reforça essa ideia ao afirmar que, quando apreciamos uma obra de arte, “entendemos, sem uma palavra, que alguma coisa nos está sendo transmitida, às vezes alguma coisa que queremos escutar com muita atenção”. Ela acrescenta que “diante das obras de arte fazemos nossas sínteses. São atos de compreensão que cada um faz dentro de si e com sua própria bússola, de acordo com a personalidade de cada um”.

Sobre a linguagem de formas a qual Ostrower (1983, p. 59) se refere, ela segue afirmando que “ao intuir as coisas, relacionando-as e procurando reconhecer certos significados, não fazemos uso de palavras e sim de configurações”. Não se trata, portanto, de um processo meramente lógico, pois este se dá em um nível profundo, fora do alcance racional. Conforme a autora, “condensando a experiência de vida, as formas artísticas incorporam verdades que ultrapassam o mero raciocínio e que palavras descritivas seriam inadequadas para penetrarem. (...) As formas condensam sem reduzir ou simplificar; ao diferenciarem, elas ordenam” (2013, p. 242-244).

Ostrower (2013) salienta que há uma “universalidade-especificidade” nos conteúdos de arte que repercutem de forma imediata nos níveis perceptivos, emocionais e intelectuais, permitindo sempre novas interpretações das complexidades desses conteúdos, uma vez que são “sínteses do geral e do particular”. Por seu caráter autônomo, universal e aberto às infinitas possibilidades de significados, a obra de arte pode sensibilizar e provocar o observador, despertando nele toda sorte de reflexões conscientes, mas, principalmente, acessando as mais remotas instâncias do inconsciente, propiciando a ativação de seu próprio processo criativo.

Metodologia

O projeto arteterapêutico que deu origem a este artigo baseia-se na busca do autoconhecimento mediante o exercício de processos criativos, tendo as obras de arte como agentes sensibilizadores das participantes dos encontros. Foram propostas 34 sessões, cada uma com 90 minutos de duração. Os encontros eram compostos por quatro etapas baseadas na Metodologia das Oficinas Criativas de Alessandrini (1996, p. 39-43), a saber:

- a) “Sensibilização” - Momento em que o participante inicia uma relação diferenciada com o mundo, colocando-se em um estado de maior percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor. Faz respirações profundas para auxiliar na focalização da

atenção na consciência; esse momento de sensibilização se dá por meio do contato visual com a obra de arte;

b) “Expressão livre” – Experiência vivida por intermédio de uma linguagem não verbal, utilizando-se de técnicas e materiais artísticos;

c) “Transposição de linguagem” – Após parar para olhar a expressão feita e elaborar a imagem produzida, propõe-se uma transposição dessa expressão para outra linguagem, por vezes uma escrita criativa, com o intuito de uma conscientização e percepção em relação aos símbolos que emergiram em suas expressões;

d) “Avaliação” - Reflexão conjunta com o grupo sobre todo o processo.

O desenvolvimento do projeto deu-se em dois momentos distintos, presencial e remoto. No modo presencial, a proposta previa utilizar o espaço privilegiado de uma galeria de arte, com seu rico material repleto de manifestações criativas. Os artistas utilizados como referência foram aqueles oferecidos pela própria galeria, seguindo seu cronograma de exposições (figuras 1 e 2). Nessa fase foram utilizadas as obras de *Doris Hahlweg*, *Júlio Barreto*, *Kiyoko Kozawa*, *Arnaldo Paoliello*, *Mariza Mainieri* e *Ricardo Sanzi*.

O grupo que participou do projeto era constituído por cinco mulheres com idades entre 39 e 61 anos. Entretanto, a partir do 9º encontro, devido à pandemia, tivemos que prosseguir com o trabalho de forma remota. A participante S, residente fora do Brasil, juntou-se ao grupo apenas a partir do 14º encontro. As imagens apresentadas têm a autorização das participantes.



Figura 1. O grupo em atividade. Acervo da autora.



Figura 2. A escolha da obra. Acervo da autora.

O formato remoto ocorreu como consequência do isolamento imposto pelo período de pandemia, momento em que foi necessário repensar e abordar temas como: o isolamento social, o medo da doença e da morte, as incertezas econômicas, a reinserção no mercado de trabalho e o estranhamento diante da falta de sentido da situação pandêmica. Essas questões foram essenciais para manter as integrantes em conexão com o projeto, sendo que a ideia inicial foi proporcionar suporte e acolhimento, trabalhando para a manutenção do vínculo com o grupo.

Procurou-se manter o propósito do projeto criando um *setting* arteterapêutico virtual impregnado de obras de arte. *Slides* passaram a ser os veículos para compartilhar artistas e suas obras nas plataformas virtuais. Nessa etapa, foram utilizadas obras de arte de vários artistas, dos mais diversos períodos e procedências, constando entre eles: Henri Moore; Kimi Nii; Georgia O’Keeffe; Pablo Picasso; Artur Bordalo; Renée Magritte; Paul Klee; Max Ernst; Cândido Portinari; Rembrandt Van Rijn; Tarsila do Amaral; Henri Matisse; William Turner.

Relato de experiências

O Ateliê Galeria Priscila Mainieri, galeria de arte na qual se desenvolveram os encontros arteterapêuticos, possui um perfil voltado para as artes visuais contemporâneas, tendo a missão de apoiar, promover e comercializar trabalhos de artistas que exercem a prática constante e consistente do grafismo, manifestado em múltiplas formas de expressão; pintura, desenho, aquarela, tipografia, fotografia, colagem, *stencil* e gravura são as muitas linguagens com as quais trabalha. Oferece exposições, palestras, debates e cursos

frequentes ministrados por profissionais reconhecidos.

A seguir, compartilharemos algumas das experiências que ocorreram no âmbito da nossa proposta. Por se tratar de um estudo qualitativo e com a intenção de acompanhar o desenvolvimento do projeto por meio de uma análise um pouco mais detalhada, optamos por aprofundar aqui somente algumas sessões. Então, fizemos um recorte que contempla apenas quatro encontros, dois presenciais e dois remotos, nos quais destacamos a participação da integrante F, doravante designada por uma letra maiúscula aleatória. As demais participantes do grupo terão seus processos descritos de forma sintética, um pouco mais adiante.

Trabalhando com o acervo da galeria

Inicialmente, propôs-se que cada uma das integrantes do grupo selecionasse a obra de arte com a qual mais se identificasse. A intenção foi propiciar a elas um resgate de imagens do inconsciente que pudesse manifestar-se, espontaneamente, por meio de projeções. Refletindo sobre a escolha, cada uma desenvolveu sua própria pintura em tela com tinta guache, a partir da qual emergiram sentimentos e novas percepções.

Ao utilizar a técnica da pintura, procurou-se propiciar um espaço para o livre fluir das emoções. Conforme Carrano e Requião (2013, p. 99), “podemos utilizar as tintas para explorar o mundo dos sentimentos e das emoções, por meio de sua fluidez e de suas cores.” Pois o ato de pintar expande-se “tanto na superfície que está sendo pintada, como na psique de quem está pintando”. (...) “A fluidez e a expansão das tintas favorecem a liberação, o soltar-se, a ultrapassar limites e barreiras internas”.

Nesse contexto, a experiência da integrante F deu-se a partir da escolha da obra de Júlio Barreto (Figura 3), que inspirou sua expressão. Ao entrar em contato com a pintura, F captou alguns símbolos que se relacionavam com suas próprias buscas.

Baseando-se em Ott (*apud* CARRARO e REQUIÃO, 2013, p. 55), foi solicitado, como proposta para leitura da pintura escolhida, que ela descrevesse o que estava vendo, o que eventualmente estaria acontecendo na pintura e o que ela sentia ao observá-la. Segundo F, a obra remeteu-lhe ao Grafite e ao *Pop Art*. Prestou atenção nos elementos, notando uma mulher de costas que estava se movimentando à frente, determinada. Notou a presença sutil de várias chaves no quadro. Em suas palavras: “é uma mulher que tem a chave do destino dela, ela está indo, ela tem um caminho. As chaves de vários formatos indicam a saída... Ela está sozinha, mas não está só... Ela tem vontade própria e caminha livre e leve. As cores vivas do fundo me dizem que ali há energia positiva, pulsante... Às vezes estamos meio perdidos num oceano de coisas e não enxergamos a saída, que é um pouco como eu me sinto... Isso representa que a chavinha do tesouro está aí, a gente tem que ir lá buscar”.

Com seu olhar, F encontrou símbolos da sua própria história. Vimos que ela projetou

na obra, de forma inconsciente, tudo aquilo que almejava para si naquele momento, acessando seu processo criativo. Reforçando esse entendimento, buscamos o conhecimento de Ostrower (s/d), que diz que “quando fruímos de uma obra de arte, *não* olhamos para ela apenas com os olhos, mas com todo o nosso ser”, ou seja, acionamos todos os nossos sentidos nesse processo.

No seu trabalho, F utilizou diversas técnicas para criar texturas de forma bastante intuitiva. Aplicando tinta por meio do contato de uma chave com a superfície da tela, como se fosse um carimbo, acabou por situá-la bem no centro iluminado de um círculo, integrado por cores quentes e vivas (figura 4) que, segundo ela, se assemelhou a um mandala.

Conforme Jung (OC, vol. IX/1, §713), “a palavra sânscrita mandala significa ‘círculo’ no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e na psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente ou dançadas”.



Figura 3. Obra de Júlio Barreto. Acervo da autora.



Figura 4. A chave ficou no lugar perfeito. Acervo da autora.

Artistas da exposição coletiva *Kairós* e o conjunto de suas obras

Neste outro encontro presencial, foi proposto para as integrantes do grupo que elegessem um artista dentre os diversos participantes de uma exposição coletiva temporária denominada *Kairós* (Figuras 5 e 6). Observando o conjunto da obra do artista escolhido, elas deveriam fazer uma livre associação de palavras, traduzindo os sentimentos despertados por tal conjunto, utilizando, a partir daí, a técnica da escrita criativa aplicada à Arteterapia.

A escrita criativa possibilita a interação entre o campo simbólico de imagens e as palavras, podendo promover um acesso gradual a conteúdos inconscientes. Philippini (2018, p. 110;111;115) considera que “a ‘escrita criativa’ tem uma importante função no processo arteterapêutico: escrever para compreender a si mesmo, pois as palavras guardam em sua essência imagens diversas, que podem surgir em associações livres, produtos da singularidade e da subjetividade de cada um”. A autora cita a escritora Clarice Lispector: “A palavra é uma isca para pegar aquilo que é ‘não-palavra’”.

A partir dos sentimentos e imagens despertados pela escrita, foi solicitado que fizessem uma aquarela, incluindo a utilização de lápis aquareláveis, permitindo a passagem gradual das linhas para as manchas, possibilitando, segundo Carrano e Requião (2013, p. 74), “o contraste entre o controle gráfico da linha para a suavidade tonal das manchas”.

Aproveitando o tema da exposição, foram introduzidos os conceitos filosóficos de *Chronos* e *Kairós*. De acordo com Rusconi (2003), podemos dizer que *Kairós* é o tempo oportuno; o tempo que não pode ser medido, o tempo livre do peso das cargas e da ansiedade das coisas; é a forma qualitativa do tempo. Enquanto que *Chronos* é o tempo que se pode medir; é o tempo cronológico; é a designação formal de um espaço de tempo.

Nessa vivência, tal temática, traduzida por meio da poética de cada um dos artistas, acabou por configurar-se como uma espécie de ponte para que as participantes acessassem experiências por elas vividas em tempos passados.

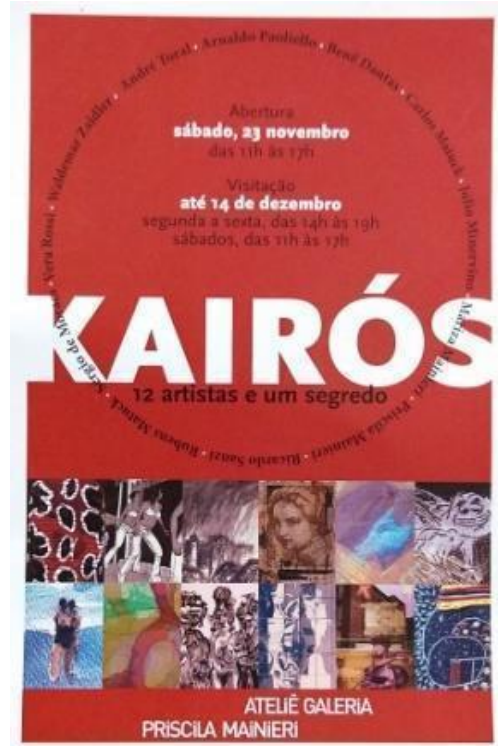


Figura 5. Flyer da exposição *Kairós*. Acervo da autora.



Figura 6. Exposição *Kairós*. Acervo da autora.

A participante F optou pelo conjunto das pinturas de Ricardo Sanzi (figura 7), por meio das quais, mensagens implícitas de seu inconsciente poderiam ser evocadas. Algumas imagens da obra desse artista puderam ser capturadas pela observadora, de modo a despertar nela algo que entrou em ressonância com suas necessidades internas daquele momento.

Em sua livre associação realizada a partir desse conjunto de pinturas, F resgatou as seguintes palavras: “caos urbano; tempestade; escuridão; labirinto; portas abertas; luz; segurando o destino; pessoas só; solidão; luz da vida; vida”. Lembramos que, para Jung, o termo **associação livre** “designa um dos múltiplos modos em que elementos psíquicos diferentes podem entrar em relação entre si”; de tal forma que, “cada elemento recebe sua significação não apenas pelo fato de estar em estreita e evidente relação com algum outro elemento, mas também porque evoca uma relação por assim dizer ‘virtual’ com outros elementos que não estão ainda explicitamente vizinhos”. (PIERI, 2022, p. 58).

O conjunto de palavras mencionadas por F pode ter evocado imagens arquetípicas simbólicas, as quais ela transpôs para uma linguagem plástica por meio da aquarela. Ela notou que algumas das palavras que lhe ocorreram eram antagônicas, ficando em dúvida se eram divergentes ou complementares. Acabou por compará-las com luz e sombra, integrando-as em sua expressão. Na aquarela (figura 8), utilizou cores complementares, informando que “há uma luz quase no meio e que todos os demais traçados, em cores complementares, estão interligados criando uma conexão com o todo”. Nessa fala, ela nos remete ao que Jung nos ensina sobre os mandalas individuais, que “utilizam uma quantidade ilimitada de temas e alusões simbólicas”. Segundo ele (OC, vol. IX/1, §717), o objeto dos mandalas “é o *si-mesmo* em oposição ao *Eu*, que é apenas o ponto de referência da consciência, enquanto o *si-mesmo* inclui a totalidade da psique de um modo geral, ou seja, o consciente e o inconsciente”. Ele nos fala que os mandalas podem ter um efeito terapêutico sobre quem os faz, já que podem representar “tentativas muito ousadas de ver e reunir opostos aparentemente irreconciliáveis e de vencer divisões que pareciam intransponíveis” (OC, vol. IX/1, §718).



Figura 7. A obra de Ricardo Sanzi. Acervo da autora.



Figura 8. Conexão com o todo. Acervo da autora.

A seguir apresentaremos dois dos trabalhos que foram realizados de modo remoto.

Garota na Frente do Espelho – Pablo Picasso

O quadro de Picasso, **Garota na Frente do Espelho**² de 1932, foi apresentado ao grupo, em tela compartilhada, por suas características peculiares; uma figura feminina olha para si mesma através de um espelho, porém a imagem representada no espelho é diferente da imagem da mulher que está se olhando. Nosso intuito foi propor uma reflexão

² Disponível em: <<https://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/girl-in-front-of-mirror-1932>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

sobre as máscaras que usamos socialmente, sobre as imagens que temos de nós mesmos e sobre as múltiplas facetas que nos compõem.

Conforme Galesco (2016, s/n), “o arquétipo do espelho sempre esteve presente na arte, seja na Grécia Antiga, no mito de Narciso ou na Idade Média, onde a Igreja Católica alertava contra os malefícios de seu uso, pois o espelho estava intimamente ligado ao pecado da vaidade”.

Utilizando a imagem da pintura de Picasso como referência, solicitamos que as participantes fizessem alguns recortes de revistas, selecionando imagens com as quais mais se identificassem. Em seguida, pedimos que fizessem uma colagem procurando expressar como estavam se vendo naquele momento.

Ceia (2009, s/n) nos conta que “Picasso e Braque foram os primeiros cultores plásticos da colagem, inaugurando uma nova estética da fragmentariedade e da surpresa, explorando todas as possibilidades do cubismo”. Picasso foi introduzido ao grupo como co-fundador do Cubismo juntamente com Georges Braque, tendo sido um dos difusores da colagem como uma técnica artística.

Sobre a aplicabilidade dessa técnica na Arteterapia, Carrano e Requião (2013, p. 34) consideram que as atividades com colagem podem ser “propostas organizadoras e estruturantes”. (...) A colagem estimula a imaginação ao criar um espaço de elaboração e significação das imagens”, sendo que isso fica mais evidente nas atividades em que são utilizadas figuras de revistas, pois as mesmas encerram “imagens carregadas de significados subjetivos, que irão fazer um apelo direto à emoção e ao sensível”.

Tomando uma distância reflexiva, F falou sobre seu processo, procurando trazer uma compreensão de suas questões internas; ela nomeou sua colagem de **Pedaços de mim**. Usou a palavra **união** para expressar a busca de quem ela mesma é: “procurei trazer na colagem uma união de todos os meus aspectos, pedaços de mim, aquilo que me compõe” (figura 9). F descreveu um lado mais introspectivo, um lado sombra, outro mais feliz, despojado, rebelde, seus momentos de relaxamento, de dor, pois acha que tem um pouquinho de tudo. “Temos várias facetas; acho que o conhecimento de quem somos para poder lidar com tudo isso é muito importante.”

Como resultado de suas reflexões, F fez uma associação com as múltiplas facetas que nos compõem como seres humanos, facetas essas que, muitas vezes, parecem antagônicas ou dissonantes, mas que se constituem em um todo e que se complementam. Percebeu que mesmo aqueles sentimentos mais intensos e sombrios precisam ser acolhidos e compreendidos como partes integrantes de uma mesma essência. Essa complexa estrutura deve ser entendida como algo dinâmico, que se movimenta constantemente, pondo as diferentes facetas em evidência, de acordo com cada momento de vida. “Somos a união de tudo isso”.



Figura 9. Pedacos de mim. Acervo da autora.

Isto não é um Cachimbo – René Magritte

Elaborando a falta de sentido da realidade...

A obra **A Traição das Imagens ou Isto não é um Cachimbo**³, de 1929, de autoria do expoente do Surrealismo belga, René Magritte, foi apresentada ao grupo em *slide*.

Por ser verossímil com o objeto original, o cachimbo, a imagem nos faz crer que ela é o próprio objeto, porém, ela é apenas uma imagem, por isso o título, **Isto não é um cachimbo**. Além disso, Magritte associa a imagem do objeto com as palavras que a representam (**Ceci n'est pas une pipe**) no idioma francês, o que não passa de um código para designar a imagem do cachimbo (cf. DORIGO, 2022).

A partir dessa obra emblemática que traz a discussão sobre a falta de relação que há entre as palavras, as imagens, e o mundo real, propôs-se uma reflexão sobre a falta de sentido do momento pandêmico que era, então, vivenciado em toda sua potência. A representação simbólica da realidade – a imagem do cachimbo – deve ser vista de uma forma subjetiva, muito individual; por mais realista que pareça a pintura, ela é apenas uma representação muito pessoal que o artista faz daquilo que está vendo, percebendo e

³ Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte/the-treachery-of-images-this-is-not-a-pipe-1948>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

sentindo, sendo que cada qual irá vislumbrá-la à sua maneira, conforme seu próprio mundo interno. Ela sempre será apenas uma representação imagética da realidade.

Nessa sessão, utilizando o recurso dessa imagem, que pode ter vários sentidos, a proposta foi solicitar às participantes que trabalhassem a partir do símbolo do próprio nome, fazendo uma associação criativa com as letras, formando novas palavras, até que estas constituíssem uma frase ou uma pequena estória. Em seguida, elas deveriam fazer uma transposição de linguagem dessa escrita para um desenho. Não era relevante que a estória tivesse coerência. O que importava era garimpar os símbolos que fizessem sentido para cada uma delas.

A participante F escreveu algumas frases que evocavam pensamentos profundos e sensíveis, conectados com seu momento atual. Aqui destacamos duas delas: “O céu de Ícaro tem mais poesia do que o céu de Galileu” (frase que ela trouxe da memória da música da banda **Paralamas do Sucesso**). Essa primeira frase sugeria um estímulo para que ela pudesse se lançar em busca de novas experiências, pois, aparentemente, F encontrava-se num impasse, em estado de observação das coisas, sem ação.

A outra frase, que originou a produção da sua imagem, foi: “O amor é como o farol do mirante a guiar a viagem de volta para o lar”, simbolizando, para ela, a preocupação e a fé em relação à saúde de seu esposo; essa frase também se referia ao retorno idealizado a uma rotina normal, pós-pandêmica. Sua expressão plástica (figura 10) era rica em símbolos tais como: o farol, a rosa, o coração pulsante navegando no oceano, o rosto e as mãos em prece; ela foi *Circum-ambulada* com a participação ativa do grupo, trazendo vários *insights* a todas as participantes. Conforme Philippini (2018, p. 17), *Circum-ambulação* é “o conjunto de ações realizadas, movimentando-se em volta de um eixo constituído pelo símbolo, para permitir o livre trânsito dos conteúdos inconscientes rumo à consciência, até que sejam compreendidos.” O trabalho dinâmico da equipe mostrou-se enriquecedor, fortalecendo os vínculos de amizade, cumplicidade e sororidade.



Figura 10. O Mirante do Farol. Acervo da autora.

O desenvolvimento do processo arteterapêutico, iniciado no *setting* da galeria de arte, prosseguiu no ambiente virtual sem perder a vitalidade das produções que foram renovadas a cada encontro, sempre sob a proposta de uma nova obra de arte.

Compreensões arteterapêuticas individuais

Agora, vamos acompanhar, de forma sintética, como foi o desenvolvimento do processo arteterapêutico para cada uma das participantes do grupo, que serão identificadas por letras maiúsculas aleatórias a fim de preservar suas identidades.

F

A integrante do grupo F, cuja participação foi destacada nos quatro encontros anteriormente descritos, iniciou no grupo surpreendendo-se com o surgimento de um símbolo de metamorfose em sua primeira expressão. Dizendo-se “perdida num oceano de coisas”, vislumbrava a chave que iria indicar o caminho. Tinha a percepção de que, a despeito da importância da família em sua vida, a ausência de objetivos pessoais lhe tornava incompleta enquanto ser humano.

F havia tido uma posição de destaque em seu meio profissional, porém, após o nascimento do filho, acabou sofrendo um revés e perdendo o emprego. Ela decidiu dedicar-se integralmente aos cuidados de seu filho para acompanhá-lo durante sua alfabetização. Desde então, nunca mais conseguiu retomar sua carreira, o que se tornou um grande motivo de frustração para ela.

Na sessão em que compartilhamos algumas obras Impressionistas e propusemos uma atividade expressiva com pintura, ela produziu uma imagem na qual representou uma

cachoeira, onde praticava esportes radicais quando era mais jovem. Nessa oportunidade, mesmo alegando dificuldades técnicas para realizar sua expressão, ela conseguiu resgatar momentos de sua vida em que foi extremamente corajosa e destemida; momentos em que pôde entrar em contato com sua força interior para lutar por seus sonhos, ganhar o mundo.

F sempre demonstrou ter consciência da importância do autoconhecimento para seu crescimento pessoal. Sensível, inteligente, articulada, ela indicava ser uma pessoa bastante racional, com dificuldades de entrar em contato com suas emoções mais profundas.

Nos últimos encontros, nossos esforços foram dirigidos no sentido de criar oportunidades pelas quais ela pudesse entregar-se ao processo, evitando que seu lado mais racional a restringisse. Propusemos atividades com tinta, à base de muita água, estimulando o livre fluxo das emoções para que ela pudesse se soltar, elaborando novos caminhos por meio de processos mais profundos e inconscientes (figura 11).

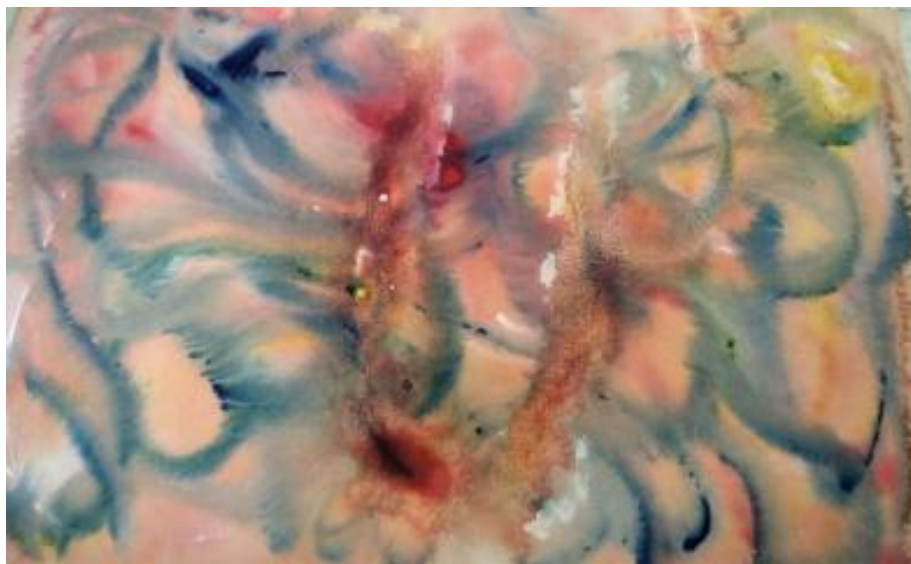


Figura 11. Fluidez na expressão. Acervo da autora.

Naquele momento, ficou claro para F que sair do posto de observação e mover-se em busca da experiência, por mais singela que esta pudesse ser, seria mais importante do que descobrir seu grande propósito de vida, pois este seria desvelado ao caminhar e não por meio da reflexão idealizada e distante, meramente contemplativa.

S

A participante S entrou no grupo já em andamento, no 14º encontro. Sentia-se uma observadora, vivendo em paralelo com a realidade vigente em seu país, uma vez que residia fora do Brasil; sentia-se esquecida, à margem, pois tinha dificuldades concretas de

reintegrar-se à vida cotidiana após quarentena.

S foi bem acolhida e adaptou-se muito bem ao grupo. Aos poucos foi conseguindo acessar um rico espaço interior, trazendo símbolos e boas lembranças que a ajudavam a fortalecer-se e a voltar-se de novas maneiras para seus conflitos.

Sofrendo com sua instabilidade emocional, ela foi conseguindo, aos poucos, conquistar um maior equilíbrio. Com seu bordão “a vida é como ela é”, S pôde elaborar uma maior aceitação dos fatos da vida, reconhecer suas próprias polaridades, aceitando-as, podendo lidar, inclusive, com seus aspectos mais sombrios. Essa percepção de seus pontos mais difíceis e contraditórios ficou patente quando apresentamos uma sequência de autorretratos ao grupo, com destaque para aqueles realizados pelo mestre holandês *Rembrandt Van Rijn* e propusemos que cada uma delas fizesse seu autorretrato, buscando expressar como estavam se vendo naquele momento do processo arteterapêutico (figuras 12,13 e 14).



Figura 12. Diferentes facetas. Acervo da autora.



Figura 13. Olhar alerta. Acervo da autora.



Figura 14. Olhar meigo. Acervo da autora.

S contribuiu bastante para a evolução do grupo como um todo, compartilhando suas experiências e a importância de sonhar. Ela pôde legitimar suas forças para não mais se deixar abalar tanto por perturbações externas, sentindo sua estrutura psíquica mais forte e estável. Há 35 anos residindo fora do Brasil, ela se sentia, frequentemente, como “um peixe fora da água” no país que escolheu para morar. Com a evolução do seu processo, ela

passou a desfrutar um agradável senso de pertencimento, investindo mais em seu autocuidado. Aos poucos, ela conseguiu se reintegrar-se ao mercado de trabalho.

B

A participante B iniciou sua atuação trazendo uma grande alegria de viver ao grupo; sempre sorrindo, parecia estar de bem com a vida. Falando rápido, dizia que, apesar de aparentar calma e tranquilidade, possuía “meteoros dentro de si”. Ela afirmou ter na família seu grande alicerce.

Alegando dificuldades em se expressar plasticamente, B dizia sentir-se mais confortável com as atividades escritas. Sempre envolvida em muito trabalho, afirmava almejar o equilíbrio para poder vivenciar a doçura da vida. Seu uso da cor sempre foi muito pessoal, destacando-se como um importante elemento em sua expressão.

B sofria com sua constante preocupação em realizar suas tarefas corretamente. Havia certo perfeccionismo permeando tudo o ela que fazia.

Aos poucos, ela foi deixando de incomodar-se com o fato de não gostar de sua expressão plástica, passando a ter prazer em realizá-la. Foi se permitindo experimentações, trabalhando criativamente com as cores, adquirindo soltura e fluidez. Começou a dar-se conta de que poderia configurar determinadas situações de diferentes maneiras, ampliando sua capacidade de enxergar a resolução de problemas.

Em meados do processo arteterapêutico, B deu um grande passo ao enfrentar, com humor e criatividade, as dificuldades que dizia ter com a prática do desenho e com seu próprio nível de autoexigência e perfeccionismo. A persistência foi sua grande aliada. Após momentos de dificuldades no 20º encontro, quando trabalhamos a partir de pinturas Impressionistas, posteriormente, em sua casa, ela produziu uma nova expressão plástica e acabou por realizar seu sonho de ter aulas de desenho com o próprio filho, ampliando, assim, seus canais de troca e comunicação com ele. Escreveu uma linda crônica sobre o que aconteceu e fez questão de compartilhar seu texto com o grupo, comemorando seus progressos e a aceitação de suas limitações.

Ao final de todo o percurso, B conquistou a calma e a persistência necessárias para permitir que o fluxo criativo acontecesse, acolhendo suas dificuldades com leveza e resiliência: “Aos poucos, a gente ganha confiança, prepara nossa nova moldura, põe vida na própria janela; e o que parecia estar cinza não está mais. (...) Não me preocupei com o acerto, com o desenho bonito e sim como poderia expressar de forma alegre, diferente, só com as cores” (figura 15).



Figura 15. Olhar meigo. Acervo da autora.

Um forte sentimento de autoaceitação ficou patente; ela conseguiu vislumbrar com muita satisfação seu processo de transformação desde o início de sua participação no grupo.

T

A participante T descreveu-se como uma pessoa tímida e como alguém que era solicitada o tempo inteiro pela família. Notou-se que ela precisava se valorizar e criar o seu próprio espaço. Seu sonho era poder morar em sua casa de praia, levando uma vida simples e bucólica, projeto este que ainda não tinha sido viabilizado devido às demandas familiares.

Na atividade com argila, que foi proposta após a apresentação de imagens de alguns trabalhos da ceramista japonesa, radicada no Brasil, *Kimi Nii*, ao deparar-se com as dificuldades de manejo do material, T refletiu sobre romper com algo que não servia mais para “liberar apegos que só trazem mágoas”. Sua resiliência e sua capacidade de ressignificação fortaleceram-se quando ela concluiu: “O sol faz brotar vida nova por entre as rachaduras que se fazem no barro” (figura 16).

O fato de *Kimi Nii* ter incorporado o efeito de um soco, desfechado pelo seu filho pequeno em uma de suas peças, provocou muitas reflexões no grupo.



Figura 16. O sol faz brotar vida nova por entre as rachaduras... Acervo da autora.

Conforme os encontros iam sucedendo, T conseguia entrar em contato com seus sentimentos de raiva e de solidão, acolhendo-os e enxergando a vida como uma travessia repleta de altos e baixos. Ela observou que começou a se fechar após os acidentes vasculares cerebrais que acometeram seu marido, pois ele passou a ter comportamentos repetitivos, com grande alteração de humor, o que a incomodava muito. Aos poucos, começou a ter consciência de que ele não tinha culpa, procurando lidar com estas questões de forma mais criativa e tolerante. Percebeu, então, que passou a lidar melhor com as dificuldades do esposo, na mesma medida em que conseguiu tornar-se mais tolerante consigo própria.

T passou a não se incomodar mais com as críticas alheias com as quais tanto sofria; procurou “afastar-se dessas pessoas”, conseguindo viver do seu jeito, de forma muito mais suave, sem cobranças, entendendo que “cada um pensa de um jeito” e que está tudo bem.

Em sua autoavaliação, T compreendeu que passou a ter mais contato com as pessoas e também com seus próprios sentimentos. Teve oportunidades de ampliar seu aprendizado (ela é portadora de um déficit de aprendizagem que nunca foi reconhecido por seus pais) e seu autoconhecimento. Começou a sentir melhora na sua memória e passou a ter mais atenção consigo própria; sentiu-se feliz por poder desfrutar de momentos só dela.

T percebeu a expansão de seu universo interior, relatando ter descoberto novas maneiras de se ver, de ver o mundo. Além disso, percebeu que havia um novo olhar de seus

familiares em relação a ela. Passou a realizar uma adaptação criativa às circunstâncias da vida. Deu-se conta de que “o certinho” não era possível, aprendendo a aceitar “o torto”, “o manchado” e o “sem sentido”, referindo-se também à condição de saúde de seu esposo, onde “nada mais era perfeito”. Declarou estar seguindo em busca de metas simples e da leveza que tanto almeja ter na vida.

Suas máximas foram: “Renascer todos os dias; aprender todos os dias; reciclar os pensamentos todos os dias”.

M

A participante M mudou-se de cidade buscando se reencontrar, deixando para trás sua família de origem e um casamento de nove anos. M sentia-se “livre por não estar fixa”, mas também “insegura por não poder fixar sua energia em lugar nenhum”. Portanto, “estava em processo”, sem saber exatamente o que queria para si.

Logo no início dos encontros do grupo, ela se queixava por seu ganho de peso, por ter desfeito um namoro e se questionava sobre a necessidade de definir um caminho, uma vez que possuía vários interesses acontecendo em paralelo.

M teve dificuldades em lidar com a argila. O tridimensional não se sustentava para ela, tirando-a de sua zona de conforto. Ela não conseguiu adaptar-se às limitações do material, lutando contra suas impossibilidades plásticas. Essa inadequação lhe trouxe muita raiva; “raiva da vida”, cujas limitações ela não conseguia elaborar. Foi “um processo muito forte, com muita raiva contida; ficou muita coisa para pensar”. Como lidar com as limitações e com toda essa raiva?

Nos trabalhos seguintes ela se deparou com confusão, fragmentação e desordem. Em dado momento de seu processo, conseguiu ressignificar tudo isso.

Por volta do 12º encontro, M já conseguia se ver de outras formas. Fazendo um retrospecto, ela escreveu: “reconheci e aceitei meu deserto. Cuidei da terra, plantei; agora, vejo as flores que habitam em mim”. Ela passou a apresentar uma evolução significativa quando pôde abrir mão de uma ideia preconcebida, deixando o controle da situação de lado, obtendo uma nova configuração, mais compatível com a sua realidade. Conseguiu, de forma criativa, manter seu trabalho tridimensional autoportante e estruturado, demonstrando flexibilidade e aceitação.

A certa altura, M comparou seu momento de vida atual com suas vivências passadas, refletindo se ainda estava fugindo de si mesma ou se já estava, de fato, vislumbrando a possibilidade de fixar raízes, acolhendo-se e voltando-se com respeito e carinho para si própria. Na verdade, ainda não sabia se permaneceria em sua atual cidade ou se alçaria a novos voos em busca de outras possibilidades.

Além disso, seu receio de sentir a perda de controle ainda permanecia presente em

suas expressões. Havia nela uma dificuldade de encontrar um equilíbrio entre doar demais ou nada doar em seus vínculos afetivos. Finalmente compreendeu a necessidade de deixar a energia fluir com mais naturalidade e leveza em seus relacionamentos, sem querer controlar o fluxo dos afetos envolvidos.

Por ocasião do encontro no qual trabalhamos o resgate de memórias da infância, a partir das imagens de algumas obras do artista brasileiro Cândido Portinari, M conseguiu relacionar suas dificuldades nos vínculos afetivos com seus conflitos paternos; estas passavam pela falta de confiança nos homens como pessoas capazes de amar.

Ficou patente, para ela, a questão de que cabe ao ser humano transformar suas relações com seus conflitos e ressignificá-los, ao invés de justificar suas mazelas com eles.

No 29º encontro, trabalhamos a partir das imagens de algumas colagens do artista francês Henri Matisse. M resgatou algumas memórias da sua adolescência e viu a barreira que lhe acompanhou por tanto tempo transformar-se na ponte do desenvolvimento para a vida adulta. Ao virar o seu trabalho em outra posição, ela se deu conta de que era um jardim e que a barreira, que inicialmente havia ali, tinha se transformado em uma ponte (figuras 17 e 18). Segundo ela, embora “tenha odiado sua adolescência”, na qual vivenciou sentimentos de estranheza e de não pertencimento, terminou por concluir que foi muito bom, porque a desafiou a ir além de seus próprios limites.



Figura 17. Barreira. Acervo da autora.



Figura 18. Ponte para o jardim. Acervo da autora.

Vivenciando seu processo de transformação, M passou a sentir-se livre e amada por si mesma. Segundo ela, “assumi a plenitude do feminino e suas próprias fragilidades”; percebendo-se “alguém em construção”, tornou-se mais orientada em seu mundo interior, projetando menos suas expectativas nos outros. Sentindo-se mais realizada em seu trabalho, mudou-se para um novo endereço, onde passou a morar sozinha pela primeira vez em sua vida.

Considerações finais

Pudemos perceber, no decorrer das sessões realizadas com o grupo, como conteúdos que antes eram latentes foram se transformando e revelando de maneira vívida e prazerosa para cada uma das cinco participantes.

Ao longo de todo o processo arteterapêutico foi possível observar o caráter vivo e aberto da obra de arte. Ela cumpriu seu papel enquanto agente revelador de aspectos inconscientes da psique, atuando de maneira transcendente, estabelecendo um diálogo entre o consciente e o inconsciente, permitindo que novas percepções surgissem à consciência.

Entendemos que a arte integra e condensa conteúdos que conectam o ser humano à sua própria natureza, evidenciando uma riqueza de significados que se renovam

continuamente. Ela ultrapassa o tempo e o espaço nos quais foi concebida, na medida em que é portadora de uma vasta gama de símbolos, que são manifestações de arquétipos imemoriais; constitui-se, portanto, em uma fonte inesgotável de chaves de acesso para o inconsciente. Sua aplicabilidade na Arteterapia demonstrou ser muito potente, na medida em que, por meio do resgate de imagens do inconsciente, cumpriu a função de ativar o processo criativo das participantes, possibilitando, assim, caminhos de transformação.

Por sua riqueza inexaurível de significados, trabalhar com a obra de arte enquanto agente sensibilizador, dentro do contexto arteterapêutico, constitui uma ferramenta prolífera que poderá ser ainda mais investigada e explorada pelos arteterapeutas.

Data de recebimento: 02.06.2023

Data primeiro aceite: 04.10.2023

Data segundo aceite: 13.11.2023

Referências Bibliográficas

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CARRANO, E; REQUIÃO, M. H. **Materiais de arte: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CARVALHO, O. V. **Criatividade e abertura de espaço: um estudo junguiano**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC, 2012.

CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/colagem#:~:text=Picasso%20e%20Braque%20foram%20os,todas%20as%20possibilidades%20do%20cubismo>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

COLONESE, L. R. **Jung e arte: a obra em contínuo devir**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo USP, SP, 2018.

DORIGO, A. **Curso Temas da Arte nº 42 – O Surrealismo de Magritte**. Plataforma Hotmart. Conteúdo disponível por assinatura.

RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

FINGERMANN, S. **Elogio ao silêncio e alguns escritos sobre pintura**. São Paulo: BEI Comunicação, 2007.

GALESCO, W. **OBRA DE ARTE DA SEMANA: O mistério da “Mulher no Espelho” de Pablo**

Picasso, 2016. Disponível em:

<<https://artrianon.com/2016/09/13/obra-de-arte-da-semana-o-misterio-da-mulher-no-espelho-de-pablo-picasso/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JUNG, C. G. **O Espírito na arte e na ciência**. O.C vol. XV. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O.C vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Psicologia e religião oriental**. O.C vol. XI/5. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Tipos Psicológicos**. O.C Vol. VI. Petrópolis-: Vozes, 2013.

MAIA, D. O uso da arte como um recurso expressivo na clínica psicológica. *In*: SPACCAQUERCHE, M. E. B. (org.). **Encontros de Psicologia Analítica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 177–185.

MAY, R. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

_____. **Programa Educação pela Arte, Instituto Ayrton Senna**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NKmLqTOpGj0&t=370s>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Instituto Fayga Ostrower: A Intuição, a Criação e a Beleza**. s/d Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3X-1_mB7UTY&t=474s. Acesso em: 11 fev. 2020.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

_____. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Editora Paulus, 2022.

SALDANHA, V. P. C. Vincent Van Gogh, um pintor em busca da luminosidade. *In*: SPACCAQUERCHE, M. E. B. (org.). **Encontros de Psicologia Analítica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 187–188.

SILVEIRA, N. **Jung Vida e Obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor/Paz e Terra, 1975.

ESTUDO DE CASO**A Arteterapia concebendo o trauma como fator no tratamento do transtorno bipolar: um estudo de caso****Art Therapy conceiving trauma as an agent in the treatment of bipolar disorder: a case study**Berenice Queiroz da Costa¹Sergio Henrique Gonçalves da Rocha²

Resumo: O artigo versa sobre danos à saúde mental fomentados pelo trauma, sendo o transtorno bipolar, o objeto de análise do estudo de caso, realizado durante o estágio do curso de pós-graduação em Arteterapia, realizado em Florianópolis, compreendendo que contextos sociais e históricos pontuados por questões traumáticas expõem-se em impactar a saúde mental do indivíduo, agravando doenças e transtornos que ao afetá-lo, incidem em si e seus contextos. A pesquisa trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, buscou estruturar-se em análises bibliográficas, objetivando corroborar com questões manifestadas pelo transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), em detrimento do transtorno bipolar. O trauma, evidenciado na pesquisa, discorreu como elemento recorrente nos processos de análise terapêutica, dispondo da Arteterapia para sua compreensão durante as sessões realizadas entre os anos de 2022 e 2023. Isto posto, concebe-se como cerne da pesquisa um maior investimento nos tratamentos arteterapêuticos, com pessoas afetadas pelo trauma, promovendo um entendimento entre as demandas trazidas pelo sujeito e a exposição de suas projeções, valendo-se de recursos que avancem no processo de cura em articulações no tratamento de pessoas com bipolaridade.

Palavras-chave: Arteterapia; saúde mental; transtorno bipolar; trauma.

Abstract: The article addresses mental health damage fostered by trauma, with Bipolar Disorder being the subject of analysis in the case study conducted during the art therapy internship in a Postgraduate program in Florianópolis, understanding that social and historical contexts punctuated by traumatic issues expose themselves to impacting the individual's

¹ Técnica em *Design* de Interiores – Centro de Artes e Design; bacharela em Artes Visuais e Pedagogia – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; pós-graduada em Arteterapia – Faculdade CENSUPEG; mestranda em Educação linha ECO – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora de cerâmica no SCFV de São José com crianças e adolescentes com vulnerabilidade social, Educação Infantil; *designer* de interiores; artista visual. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0147863853195022>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: UBAAT/ACAT No registro – 194/0822; e-mail para contato: berenicecostaster@gmail.com.

² Pedagogo – Universidade Federal do Paraná; especialista em História da Arte – Centro Universitário Claretiano; arteterapeuta – INCOPORAR-TE – Rio de Janeiro; Psicólogo – Centro Universitário OPET – Curitiba; professor supervisor de estágio em Arteterapia (em andamento); orientador de trabalho de conclusão de curso – Faculdade Censupeg – Joinville - SC; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3704284849595044>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: APAT 025/0517; e-mail para contato: s.henrique.rocha@gmail.com.

mental health, exacerbating diseases and disorders that, by affecting the individual, also impact their surroundings. This research is a case study with a qualitative approach, aimed to structure itself through bibliographic analyses, aiming to corroborate issues manifested by Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD), in contrast to bipolar disorder. The trauma, highlighted in the research, emerged as a recurring element in therapeutic analysis processes, with art therapy being employed to comprehend it during sessions held between 2022 and 2023. Therefore, the research envisions a greater investment in art therapeutic treatments for individuals affected by trauma, promoting an understanding between the subjects' demands and the expression of their projections, utilizing resources that advance the healing process in the treatment of individuals with bipolar disorder.

Keywords: Art Therapy; mental health; bipolar disorder; trauma.

Introdução

É como se a pele fosse um pergaminho que pode ser reescrito e conservam a escrita, os traços as marcas anteriores. Marca que muitas vezes são silenciosas, desconexas, que atuam como sintomas por não encontrarem as suas próprias palavras. (KAIUCA, 2008, p. 5)

Denise Kaiuca (2008), em suas palavras, conduz uma reflexão sobre o tema, sugerindo uma análise do que foi observado durante o período de estágio supervisionado. Para este estudo foi adotado para a paciente o nome fictício de Isabel, atendendo ao Código de Ética dos Arteterapeutas conforme União Brasileira de Associações de Arteterapia - UBAAT, no intento de ser preservada a sua identidade. Em apreciação se tem como precedente considerar que os registros constituídos durante o processo trouxeram reverberações prudentes de decorrências traumáticas vividas por Isabel, desestruturando a sua saúde mental, colocando em evidência o que lhe confere o componente genético, mais precisamente o transtorno bipolar, relatado neste artigo.

Sobre a pesquisa, consideraram-se as questões no que se refere à Arteterapia como fomentadora no tratamento de danos advindos do trauma, como transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e sua complexidade, tendo como objeto de estudo os enigmas do transtorno bipolar. Para tanto, o trauma se coloca em evidência no decorrer do processo, apontando o seu impacto ao penetrar a vida do sujeito, tendo em consideração que não seja este o único a ser afetado.

Isabel, uma mulher negra, migrante e mãe monoparental, expõe as suas privações e seus obstáculos sobre como convive com a doença do transtorno bipolar desde a adolescência e as dificuldades que enfrenta para se manter no trabalho, nos estudos e nos relacionamentos afetivos, além de ter que conter os pensamentos negativos e contrários que lhe atravessam, para dar conta de tudo que a vida lhe exige cotidianamente como pessoa

“saudável”. Segundo Conti (2022, p. 33), o trauma torna o indivíduo submisso às suas manobras, refutando expectativas futuras. Habitando na invisibilidade, o trauma se torna visível na sua infância, nas cicatrizes e nas marcas, desequilibrando e paralisando, protestando e emudecendo, e, logo depois, na sua adolescência se depara com a doença sem tratamento no seu país de origem: o transtorno bipolar.

Sem condições de tratamento para saúde mental, com o corpo e a mente acometidos pelo TEPT e transtorno bipolar, trazendo maiores prejuízos e sofrimentos seguidos de vergonha, medo, depressão e humilhações, Isabel se vê obrigada a deslocar-se de seu país de origem. Sobre a depressão, quando existe um avanço no quadro depressivo de acordo com Tung (2007, p. 136-137), o prejuízo econômico é significativo, decorrente, sobretudo, da dificuldade de permanecer no emprego, ocasionando ainda mais desestruturação à pessoa com transtorno bipolar, sendo estendida aos seus familiares, bem como aos que o cercam.

A Arteterapia além da comunicação verbal, propõe uma comunicação não verbal, oportunizando ao indivíduo momentos de entrega em suas projeções imagéticas, desprovidas de atenção estética. Como facilitadora de diálogos internos entre o consciente e o inconsciente, a Arteterapia buscou compreender os conflitos excitados pelo trauma e suas demandas, silenciosas e veladas. Promotora no processo de cura do TEPT, a Arteterapia pode contribuir no tratamento do transtorno de bipolaridade tendo em vista a sua complexidade? Com esse questionamento, objetivaram-se alguns aspectos, como: assimilar questões emocionais advindas do trauma; promover uma análise sobre as demandas surgidas das projeções imagéticas; classificar elementos de sua memória afetiva benéficos para sua autoestima; compreender os atributos da Arteterapia no tratamento de pessoas com transtorno de bipolaridade em decorrência do trauma, possibilitando, assim, a ampliação de repertórios e o conhecimento sobre o assunto.

Os traumas vividos por Isabel, como: exclusão na escola e dos/as amigos/as por conta da sua pele com descame, ausência paterna forçada por conflitos da guerra civil, mudança brusca de padrão de vida, ausência da mãe durante o dia devido ao trabalho para sustentar a família e olhares opressores sobre sua família que agora não tinha o pai, dilatavam fissuras em seu estado emocional que se tornava cada vez mais abalado diante de seus traumas físicos e psicológicos.

O trabalho arteterapêutico, em sua prática projetiva, dispõe de diferentes materialidades, no intuito de causar uma percepção espontânea sobre elas mesmas e ao sujeito e, dialogando com a sua concretude, exerce uma conexão interna, deixando emergir o seu universo consciente e inconsciente. Durante as vivências, foi possível perceber, de maneira simbólica que, nos processos terapêuticos como aponta Kast (1997, p. 13), o imaginário acessa as nossas memórias, tornando possível que se projete por meio de

imagens os mais profundos sentimentos, concedendo que seus significados desponhem durante o processo e atentem para uma possível mudança.

No decorrer dos atendimentos, tencionou-se compreender as questões evidenciadas por Isabel mediante suas projeções imagéticas, como forma de compreender suas demandas, sucedendo ao despojamento de memórias penosas e ocultas bem como longas narrativas silenciadas pela vergonha. Conforme foram avançando os atendimentos, os manejos com as materialidades foram se tornando mais prazerosos e os relatos mais conscientes sobre o que foi proposto.

Desenvolvimento

1. O trauma metamorfoseando a vida

O trauma, vilão e silencioso, vem tomando proporções assustadoras ao que Conti (2022) chama de “vírus invisível”. Como aponta Conti (2022), atroz, o trauma age na clandestinidade, paralisando e sequestrando a tranquilidade do indivíduo que imprime em si uma falsa identidade para sobreviver ao convívio social, pois imerso e afetado pelo trauma, manifesta suas emoções diante de estímulos involuntários.

Em conformidade com a Associação Americana de Psiquiatria – APA (2022), sobre as Características Diagnósticas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), confere que:

A característica essencial do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é o desenvolvimento de sintomas característicos após a exposição a um ou mais eventos traumáticos. A apresentação clínica do TEPT varia. (...) Por fim, alguns indivíduos apresentam combinações destes padrões de sintomas (APA, 2022, p. 306, tradução livre).

Para tanto, é prudente enunciar que o TEPT se apresenta a partir de eventos traumáticos com critérios distintos, podendo a esses ser atribuídos os recorrentes lapsos de memórias, trazendo à tona o momento vivido ou um esforço para o seu apagamento, causando prejuízo ao desenvolvimento emocional do indivíduo. Além disso, a falta de confiança sobre o outro, o isolamento ou distanciamento social, a negação ao deleite, o comportamento colérico contra o outro e contra si mesmo, a dificuldade de controle emocional, a falta de foco, as tribulações no que diz respeito à sonolência, como também o afastamento de si e do seu entorno, são os eventos certificados pelo APA (2022).

Com tais características, pode-se constatar que o trauma age como parasita, criando suas amarras, dominando e controlando o sujeito afetado, como o caso de Isabel. Ela viveu o trauma pela primeira vez ainda na infância, entre os seus 8 e 11 anos de idade, apresentou os sintomas de rejeição e vergonha, sendo estes internalizados,

manifestando-se no corpo e na mente, externando feridas físicas e emocionais, tornando-se público os danos causados pelo trauma.

Coadjuvando com o bem-estar emocional e social do indivíduo que precisa ascender-se para o presente, o tratamento contra o TEPT faz-se urgente no intuito de confiar investidas positivas no futuro.

2. O transtorno bipolar – descompasso no cotidiano

Segundo Tung (2007), constatado como doença mental e reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como tal, o transtorno de bipolaridade apresenta em sua peculiaridade a instabilidade, abarcando dentre elas a instabilidade cerebral, corporal, hormonal, de humor, variações no excesso ou redução de energia. Além disso, alternâncias temporais extremas, apresentando dificuldades de adaptação como tempo biológico e o seu contexto externo.

O transtorno de bipolaridade traz em sua esteira ocorrências de depressão em muitas fases da doença. Mas, ao pensar a depressão como quadro que abrange diversos sintomas como tristeza, cansaço, insônia e outros, exige-se um olhar atento e cuidadoso sobre o seu diagnóstico, fazendo com que se compreenda o seu alastramento dissimulado, lesando silenciosamente o indivíduo despercebido de suas estratégias, apropria-se deste. Segundo Tung (2007) a depressão precisa ser compreendida na sua essência como uma doença, algo que abala o indivíduo de forma geral. Muitas vezes, sem denotar evidências, avança feito rizoma, inibindo ou procrastinando suas ações, com o propósito de se apropriar do estado emocional do sujeito.

Ainda sobre o transtorno de bipolaridade, compreende-se que a doença está relacionada a questões hereditárias. No entanto, se percebe que outros motivos além deste provoquem hesitações sobre o assunto. Para Tung (2007), contextos familiares e sociais conturbados, o uso abusivo de substâncias psicoativas, assim como o álcool, podem estar relacionados a esses fatores. Sublinhando a sua complexidade, o autor suspeita que inúmeros fatores possam indicar que o transtorno de bipolaridade seja uma variedade de doenças análogas, sugerindo diferentes causas.

Ao concordarmos que os contextos sociais e culturais são inerentes ao ser humano, percebe-se que “problemas graves da vida”, em destaque o TEPT, congregam fatores relevantes ao transtorno de bipolaridade, uma vez que, como aponta Van Der Kolk (2020) o trauma não assume uma forma corpórea no momento que se instala, tão pouco desaparece na mesma velocidade com que chegou. Sua presença sugere cuidados e atenção com as cicatrizes evidentes e ocultas que vão se apropriando do ser arbitrariamente.

Variando de pessoa para pessoa, o TEPT fomenta o transtorno de bipolaridade, considerando que nas palavras de Conti (2022), o trauma altera o nosso estado emocional

fazendo com que o sujeito obscureça contínua e arduamente a sua memória de fatos ocorridos, empenhando-se em deletar episódios e dados vividos, resistindo em deparar-se com tal situação, mesmo que para isso, redirecione o seu ciclo vital. É sensato afirmar que, no que diz respeito aos contextos familiares “[...] o estresse grave não seria uma causa direta do transtorno bipolar, embora possa ser um elemento fundamental” (TUNG, 2007, p. 93). Com relação a tudo que “possa ser um elemento fundamental”, considera-se que sua natureza seja capaz de se tornar tóxica e até funesta à saúde mental do sujeito, podendo o TEPT desencadear perturbações emocionais e psíquicas tão prejudiciais ao transtorno bipolar, deixando marcas visíveis ao estado emocional e estigmas inscritos na sua dor. Isso pode ser observado no caso de Isabel que na adolescência, entre os seus 14 anos de idade, já evidenciando um quadro depressivo, deu sinais ao transtorno de bipolaridade apresentando sintomas de mania, como irritabilidade, diminuição do sono, falta de foco e ouvir vozes, fazendo que fosse internada diversas vezes.

Embora sejam realizadas diferentes intervenções no tratamento do transtorno bipolar – uma doença crônica e sem cura –, destaca-se o compromisso cuidadoso, genuíno e fidedigno, reconhecendo a sua legitimidade, bem como a idoneidade dos profissionais que se debruçam sobre o assunto.

Assim, por meio das propostas arteterapêuticas avaliadas a partir da anamnese realizada com Isabel foram constituídas as sessões que deram início ao estágio, trazendo demandas individuais da atendida em relatos pessoais, familiares e profissionais como forma de proximidade. A partir disso, foi feita uma reflexão sobre o caso dando atenção às propostas posteriores e contemplando as demandas exibidas por Isabel.

3. A Arteterapia como subvenção ao tratamento

A Arteterapia contribui para o autoconhecimento, acessando questões singulares, existentes em cada indivíduo. Conforme a Portaria 849/2017,

A Arteterapia estimula a expressão criativa, auxilia no desenvolvimento motor, no raciocínio e no relacionamento afetivo. Através da arte é promovida a ressignificação dos conflitos, promovendo a reorganização das próprias percepções, ampliando a percepção do indivíduo sobre si e do mundo. A arte é utilizada no cuidado à saúde com pessoas de todas as idades, por meio da arte, a reflexão é estimulada sobre possibilidades de lidar de forma mais harmônica com o stress e experiências traumáticas (BRASIL, 2017, p. 2).

Acolhendo modalidades artísticas distintas durante o processo, sem considerar a estética como aliada para sua análise, o processo arteterapêutico atenta ser objeto de mediação, abrangendo temáticas relevantes como transtornos emocionais e mentais, visando o bem-estar individual e coletivo.

Na arteterapia, fruição e interação são centrais, para dar significado às imagens criadas e observadas, que devem interagir, dialogar e ser manipuladas, levando o *artista* a reconhecer-se no processo de produção visual, essas imagens podem ser mediadas pelas palavras, a explicação oral geralmente é posterior à criação e se insere na leitura da imagem (XAVIER DA COSTA, 2012, p. 67-68).

Durante o processo arteterapêutico, constata-se o testemunho das imagens projetadas, revelando aspectos do consciente e também do inconsciente. Elas atravessam nossas memórias, dialogando com o nosso interior, expondo-nos a nós mesmos, decorrendo indagações ainda encobertas. As imagens, encasuladas, efetuam-se durante o processo, distendendo-se enquanto se constituem, ressoando algo a ser considerado. Como aponta Kast (1997), as imagens que exteriorizam e revelam o ser em si, evidenciam anseios constituídos por desejos e angústias, apontando inquietações refletidas de si, reverberadas no mundo e edificadas por nós.

Sublinhamos aqui a relevância do método, “quando falamos da relação entre a psicologia e a arte, estaremos tratando apenas daquele aspecto da arte que pode ser submetido à pesquisa psicológica sem violar a sua natureza.” (JUNG, 2013. p. 66), em razão de que a análise sobre a projeção da imagem antes de tudo parte do próprio autor, refletindo sobre o elemento simbólico em sua exibição, pois “O símbolo é um veículo para trazer a visão periférica para o foco, auxiliando o movimento dos conteúdos psíquicos de um nível inconsciente para a consciência.” (FURTH, 2004, p. 42). O símbolo norteia a visão sendo um facilitador durante o processo, indicando para a consciência o que está disperso.

Método

Realizado em concordância com Isabel, citada neste estudo, a pesquisa se deu de acordo com o Código de Ética dos Arteterapeutas, Capítulo II, Artigo 13, sendo concedido o uso de imagem e voz por escrito e verbalmente, em concordância com o documento exigido pela instituição, permitindo a publicação do material e de informações constituídas durante o estágio.

O método estudo de caso, conforme a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), versa sobre uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, tendo sido o atendimento individual realizado na sua maioria de forma *on-line*, com uma mulher negra, migrante, solteira e mãe monoparental.

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. (...) Seus resultados, de modo geral, são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões (GIL, 2002 p. 54).

Como sugere o autor, o estudo de caso aponta para hipóteses a serem investigadas, tornando a pesquisa uma continuidade de estudos sobre o tema. Concebendo que uma pesquisa qualitativa,

[...] trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (...) entendido aqui, como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2009, p. 21).

Desse modo, feita uma análise sugerindo também a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2007, p. 44), oferece conteúdos científicos e literários que alavancam a pesquisa, contribuindo com o conhecimento do sujeito pesquisador, o artigo propõe um maior aprofundamento das demandas surgidas durante os atendimentos, percebendo que por intermédio da pesquisa de estudo de caso efetivou-se a relevância das diversidades e singularidades do sujeito em questão, constituídas em diferentes contextos e tempos históricos, podendo assim, ser apurada com mais perceptibilidade com base em análises e estudos.

As práticas expressivas aqui selecionadas foram evidenciadas a partir de uma análise dos atendimentos que pudessem evidenciar as questões mais pertinentes sobre o caso de Isabel.

Análise e discussão dos resultados

Como mencionado anteriormente, as 25 sessões foram realizadas de forma *on-line*, entre 2022 e 2023, com exceção de dois encontros presenciais. Isabel, aceitou prontamente participar dos atendimentos, atendendo as expectativas do estágio supervisionado. Nesse período, foi concebida uma análise sobre as demandas surgidas durante os atendimentos, providas das projeções imagéticas constituídas por Isabel.

As práticas projetivas se deram após as sensibilizações realizadas no início das sessões. Diferentes materialidades foram entregues à atendida, bem como atividades heterogêneas que qualificavam a proposta.

Conforme orientação de Franklin Vieira, coordenador do curso, e Sérgio Henrique da Rocha, supervisor de estágio, as práticas expressivas realizadas ao longo do processo foram sendo apresentadas gradativamente, seguindo uma proposta que contemplasse as demandas de Isabel. As propostas que seguem abaixo referenciadas, foram indicadas pelos mesmos, tendo em vista que o curso dispõe de um banco de atividades expressivas que foram aplicadas e supervisionadas para serem referenciadas como proposta inaugural dos atendimentos, tornando a prática mais efetiva.

1. Construção do autorretrato – Corpo e Mente - Referente à proposta do Prof. Franklin Jones Vieira.

1.1 Proposta

Olhar para si e pensar sobre.

1.2 A cabeça

“Superação por tudo aquilo que vivi. Por ter vencido o que era impossível. A minha história é um bocado assim, muito triste. Desde os meus 17 anos, eu fui diagnosticada com essa doença. Mas, no meu país, não tinha cuidado para saúde mental. Eu não podia trabalhar. Não podia fazer nada! Para os olhos da sociedade, eu era maluca. Eu não tinha futuro! Eu era impossível! Minha vida era só remédio e dormir. Então eu vi que realmente eu posso. Eu não era aquilo que falavam.” (Isabel)

1.3 O que o coração sente

“Gratidão. Já passei por vários centros de reabilitação e fui internada várias vezes. Então, sou grata por Deus ter me dado a capacidade de aceitar o tratamento.” (Isabel)

1.4 O que os olhos veem

“Vejo que sou uma mulher capaz como qualquer outra mulher. Vejo que antes eu era uma doente, uma doida da cabeça e, hoje, estou trilhando meu caminho e enxergo uma mulher guerreira. Olha o que ela lutou para chegar onde ela está.” (Isabel)

1.5 O que os ouvidos ouvem

“Você vai conseguir! Estar aqui sozinha e sempre alegre.” (Isabel)

1.6 O que a boca fala

“Eu vou conseguir!” (Isabel)

1.7 O que as mãos fazem

“É minha força, minha ferramenta de trabalho, que me dá sustento. Como tomo muitos remédios sedativos, preciso sempre ter força de vontade para ir atrás dos meus direitos e mais tarde a aposentadoria por invalidez. Sei que tenho esse direito, mas não quero. Eu estou viva! Quando não estou bem, eu respeito o meu limite. Eu já me conheço!” (Isabel)

1.8 Para onde os teus pés te levam

“Os meus pés me levam para o impossível. Então meus pés me levam para muito longe. Meu pai costuma dizer assim: ‘Essa minha filha é destemida; os pés dela caminham aonde ela quer!’ Também sou grata.” (Isabel)



Figura 1. Construção do autorretrato – Corpo e Mente. Desenho com lápis de cor e grafite. Fonte: Isabel.

Relato de Isabel sobre o desenho: “Então desenhei duas vezes. Eu quis me desenhar assim. Antes de iniciar a terapia e depois como me senti. Relaxada! Quando estou relaxada, eu me deito no sofá, na cama. Por isso estou deitada. Quis trazer para o desenho esse sentimento de como eu me senti. Também fiz um sol.”

A paleta revelada na imagem projetiva traz as cores e a alegria de seus contextos culturais. Ter que se deslocar de seu país de origem lhe causou consternações ao não compreender que precisou migrar, por falta de recursos e políticas públicas que lhe garantissem tratamento no tocante a sua saúde mental, conferindo assim a sua permanência.

Sua admiração em efetuar seu desenho, dialoga com a sua fala sobre as partes do seu corpo. Existe certa tenacidade em se ver conquistando a sua vitória. Mesmo tendo experienciado momentos muito difíceis por conta da doença, dedica-se diariamente a vencer cada obstáculo, persistindo em reescrever sua história com suas dores, suas alegrias e seus conteúdos vividos e variados como sugere a autora.

A palavra é viva porque é encarnada, não é vazia de sua pulsação energética, nem destituída de sua emocionalidade e quando assim se apresenta o trabalho terapêutico atua integrando esses aspectos em desconexão. (...) as marcas que se inscreveram em cada corpo singular, continuam sendo gravadas sobre a “pele” invisível que é a psique. Essa história inscrita de tempos em tempos exigirá novas reformulações, inversões, desaparecimentos, invenções, permanecendo aberta a novos trabalhos de reconstrução e reorganização. (KAIUKA, 2008, p. 6 e 7)

Seus desenhos, comunicam fases distintas em que se erguer ou se entregar fazem parte da sua rotina. Declaram o limite do corpo, o reconhecimento do transtorno e um chamado para sua condição. O cabelo, simbolicamente, faz referência ao seu estado emocional, como as tranças soltas que lhe concedem liberdade. A sua imagem projetiva,

resume sua trajetória entre as inúmeras ausências de si, as inabilidades, as internações, as sedações e suas conquistas diárias que vêm ocorrendo após o diagnóstico, resultante de sua perseverança e do tratamento que segue diariamente. A imagem do corpo em posições distintas talvez seja uma expressão de suas instabilidades, tendo em vista que ora se sente revigorada e disposta, ora cansada e sonolenta.

2. Tear da infância - Referente à proposta de Franklin Jones Vieira.

O tear da infância revela tessituras constituídas durante a sua vida. Sobre os bons e maus momentos, eles sempre se entrelaçam, testemunhando oscilações do cotidiano que se pronunciam em diferentes fases vividas por Isabel, que parece considerar esta, a fase em que consegue compreender o tratamento, bem como os limites do corpo e da mente.



Figura 2. O tear da Infância. Desenho com lápis de cor. Fonte: Isabel.

Os traumas ocorridos durante a sua infância, adolescência e juventude lhe causaram pensamentos suicidas, decorrentes das dores trazidas pela falta de recursos e conhecimento sobre o assunto. Muitas vezes, contida fisicamente por seus familiares devido aos seus picos de agressividade consigo e com os outros, sendo internada em seguida, foi discriminada por suas ações e vista como maluca por amigos/as e vizinhos/as. Ainda que tenha sofrido muito, compreende a sua ignorância e desconhecimento sobre a doença, bem como das pessoas que a machucaram verbalmente lhe causando danos, físicos e psicológicos. Atenta e vigilante ao pensamento suicida que teve que lidar muitas vezes, tendo em conta os seus picos de mania ao ouvir vozes e a depressão, Isabel reconhece seus limites em razão de hoje entender a ameaça dos pensamentos que servem ao seu inconsciente. Segundo a APA,

O risco de suicídio ao longo da vida em indivíduos com transtorno bipolar é

estimado em 20 a 30 vezes maior do que na população em geral. Estima-se que 5% a 6% dos indivíduos com transtorno bipolar morrem por suicídio. (...) Um histórico anterior de tentativa de suicídio e a porcentagem de dias passados deprimido no último ano estão associados a um maior risco de tentativas ou conclusões de suicídio. (...) Os prejuízos cognitivos persistem ao longo da vida, mesmo durante os períodos eufímicos, e podem contribuir para dificuldades profissionais e interpessoais (APA, 2022, p. 149, tradução livre).

Sobre os prejuízos cognitivos, Isabel assume que algo tenha afetado a sua memória e que isso faz parte das várias medicações que consome diariamente.

A respeito das cores escuras, elas representam os momentos com o ex-marido e a luta pela guarda do filho. Surgindo de amarelo, o SUS se sobrepõe a qualquer momento infeliz, tentando evocar o desaparecimento das cores escuras. Radiante, devolve-lhe a esperança de viver e a proximidade de uma vida normal. O dourado, precioso, cobre o seu filho de luz, configurando também a sua gratidão ao país em que vive. Assim, entende-se que, segundo Duchastel (2010), construir outros cenários e olhar para outros horizontes, pode oferecer novas possibilidades de cura, nos distanciando do medo que impossibilita criar ações efetivas, evidentes e explícitas aos nossos olhos que se abrem para o novo. O respeito aos seus limites, são acolhidos pelo seu consciente que se esmera como protetor dessas fronteiras, captando suas fraquezas. E, como a frase que ouviu em um programa de TV *“O melhor paciente é aquele que se conhece”*, tenta protagonizar o discurso para si.

3. Quem eu sou? - Referente à proposta de Luciene Barros Lima.

A infância marcada pelo trauma e pela vergonha colocaram Isabel em uma luta interna. A discriminação, rejeição e humilhação que foram presentes no espaço físico e emocional da escola lhe causaram sofrimentos, que também foram impressos em seus familiares, que acompanhavam a sua angústia. Durante a infância, a mudança de vida provocada por conflitos vividos pelo pai e a guerra civil, período em que ele precisou se ausentar durante muitos anos, fez com que a família mudasse bruscamente de padrão de vida, testemunhando o cenário constituído por uma família amorosa e unida desmoronar diante de seus olhos. Um trauma que deixou marcas em seu corpo, causando-lhe uma irritação na pele provocada pela coceira, descamação e ardência, devido ao seu abalo emocional e psicológico. Visível em seu corpo, essas marcas, denominadas por Isabel como pele de jacaré, eram vistas com repulsa pela sua professora que a conduzia para se sentar no chão no fundo da sala. Importante salientar que em seu país, as escolas são desprovidas de cadeiras e carteiras para todos/as. Era preciso chegar cedo para conseguir um lugar, mas mesmo que Isabel se colocasse de guarda no primeiro horário, era conduzida ao fundo.



Figura 3. Quem eu sou. Pintura com tinta Guache. Fonte: Isabel.

Seu trauma se estende silencioso, manifestando no corpo memórias ácidas, hoje reveladas na pele. De acordo com Conti (2022), o trauma nos causa constrangimento, timidez e embaraço e no convívio entre os demais, reverberando de forma mais acentuada nos que convivem conosco. Isso fez com que compreendesse o posicionamento de cada um sobre a sua doença.

A prática sobre dores do passado, conduzidas pelas materialidades escolhidas, trouxeram-lhes recordações de fases prazerosas e desagradáveis. Em sua projeção imagética, a imagem atesta que, segundo Brasil (2013), o desenho abarca as demandas do cotidiano refletidas nas ações entre si e o outro, com o propósito de fazer-se visível ao seu autor e configurar a lógica de suas práticas.

A imagem traz o significado de sua cultura, expostas em suas cores, expondo memórias dolorosas e afetivas; pois a sua família, em especial, a sua mãe, garantiu-lhe uma resistência emocional positiva sobre a vida. Sua mãe nunca desanimou. Durante as suas internações, sempre esteve ao seu lado. Segundo Isabel, sua mãe dormia no chão do hospital, ao lado da sua cama, pois o hospital não oferecia leito para acompanhante.

4. Linha do tempo – tessituras e arremates - Proposta de autoria própria.

Em sua escrita criativa, elencando positivamente os elementos do passado, como forma de sustentar o presente, tenta garantir uma estrutura resistente e saudável para o futuro.

Em seus relatos descreve a sua linha do tempo compreendendo que:

“Passado – Vivi coisas inimagináveis. Dei os primeiros passos sobre a vida. Nasci num lar de amor e de paz.”

“Colecionei memórias que jamais apagarei.”

“Tive também momentos tristes de muitas dificuldades, que eu preferi encerrar essa página. Mas em suma, o passado me ensinou”.

“Presente – Deus foi muito generoso comigo quando me presenteou com esse presente.”

“Melhor fase da minha vida estou vivendo!”

“Agora, me sinto uma mulher 90% realizada.”

“Almejei coisas que no passado jamais constava.”

“Esse presente é de realização e gratidão.”

“Futuro – Dizem que a Deus pertence asas.”

“Sobre o meu futuro eu espero ter realizado todos os meus sonhos, ao menos espero ter concluído a graduação”.

“No meu futuro sonho ter minha mãe aqui no Brasil.”

“Nunca fui de muitas ambições, por isso meu futuro são apenas essas coisas.”

Isabel.

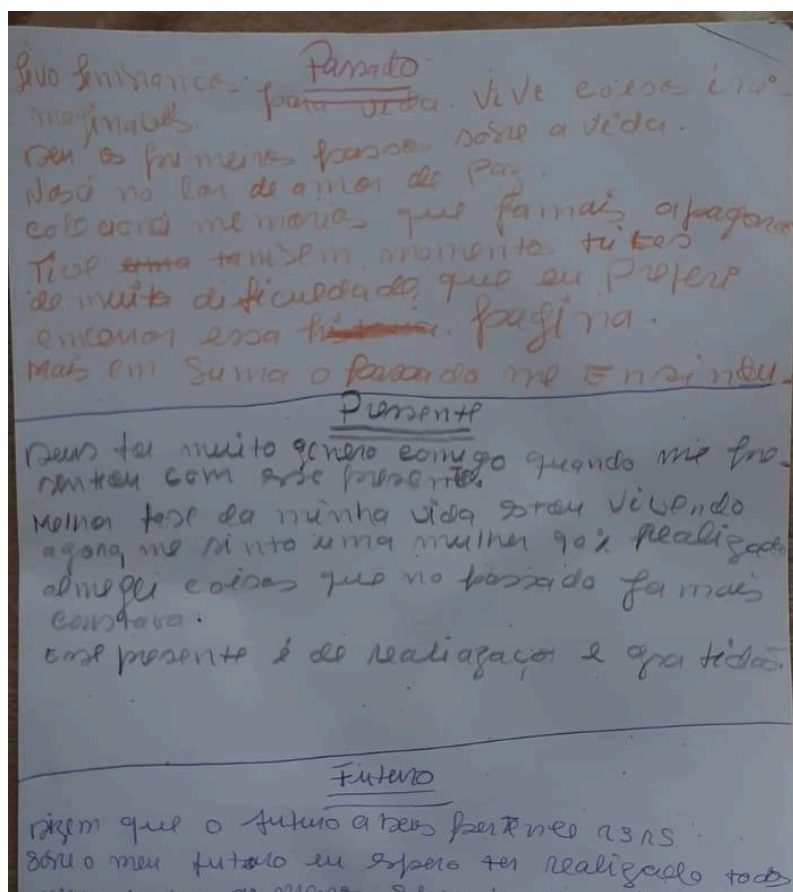


Figura 4. Linha do tempo – Tessituras e arremates. Escrita criativa com grafite e lápis de cor. Fonte: Isabel.

Segundo seu relato sobre o futuro, continua dizendo “espero realizar todos os meus sonhos e ter minha mãe ao meu lado”. Ademais, as dificuldades surgiram de experiências vividas ainda na infância, trazendo dores e traumas, abrindo fissuras entre as suas

diferentes faixas etárias, comprometendo fases futuras. Ao se referir à criança interior que cada um tem dentro de si, nas palavras de Sthal (2022), essas experiências continuam vivas dentro de nós, no nosso inconsciente. Sendo elas boas ou ruins, acompanham nossa trajetória. Rememorações de traumas, encobertas na infância e, geralmente, vividas na fase adulta, apontam para questões não curadas, que precisam de cuidado e diligência.

A doença do transtorno bipolar aponta para difíceis trajetórias até então. O mesmo Deus que diz ser guardião de seu futuro é o que confia a sua doença, na fé do encontro com a cura, em conforto psíquico, pois compreende a importância do tratamento.

[...] é uma doença crônica, com componentes genéticos bem estabelecidos, e com forte relação com componentes ambientais. Portanto, não tem cura, e precisa de tratamento todos os dias, para o resto da vida. Vendo assim, parece um castigo, como se fosse uma guilhotina, algo de que não se pode escapar. (...) Saber que existem medicamentos que podem controlar uma situação que vinha causando um sofrimento grande e consequências graves na vida do paciente deve ser visto como um fator de saúde, e não lembrança de uma doença. Tomar remédio não é ter a doença, e sim ter saúde. (TUNG, 2007, p. 97)

A sua crença lhe traz tranquilidade para lidar com o diagnóstico, a saudade da família e o reencontro com sua mãe. Além disso, diariamente, exerce a força feminina regida por sua família, tornando-se mais segura de si, visto que “o *self* é fator ordenador e arquetípico no mundo imagético da alma. Esse *self* se nos apresenta sob inúmeras formas pictóricas e simbólicas de expressão” (HARK, 2000, p. 108).

Isabel ainda atribui a Michelle Obama, além de sua mãe, uma grande admiração por sua força e postura feminina, exibindo a sua persona como representatividade da mulher negra e independente na sociedade atual.

5. Eu e meu medo - Proposta de autoria própria.

Na história do livro *Eu e o Meu Medo*, da autora Francesca Sanna, uma garotinha nova na cidade precisava conhecer a escola e os amigos; porém o seu medo foi-se tornando cada vez maior, até que descobriu que as outras crianças também possuíam medos, mas com o tempo passaram a dominá-lo, vivendo em harmonia com ele.



Figura 5. Eu e meu medo. Pintura com tinta guache. Fonte: Isabel.

Assim, Isabel se identificou com a protagonista da história e foi compreendendo que o medo está presente em todos nós. Ainda hoje ela tem medo de não cumprir horário com o trabalho por conta dos sedativos que causam sono, correndo o risco de ficar desempregada. No entanto, ela relata que: “Eu não posso dar voz ao medo! Devo seguir”!

Segundo Santos (2003), o medo, prenúncio de algo alarmante e temeroso, faz parte de nossa história, considerando que, de forma situada, foi culturalmente inserido na sociedade como forma de proteção e cautela sobre aquilo que nos torna vulneráveis. Dessa forma, fomos socialmente educados ao medo.

O medo pode nos paralisar, conforme a mesma autora aponta,

Os tempos sombrios em que vivemos, de violência e globalização, que apresentam um quadro social em constante mudança, sem garantias, geram um universo de insegurança e de medo. (...) Uma possível busca de segurança hoje em dia consiste nos mecanismos de medicalização, de estudos do cérebro para encontrar fontes materiais para a origem dos males psíquicos, com o desenvolvimento da indústria farmacológica, entre outros. (SANTOS, 2003, p. 53)

Em sua projeção imagética, tendo como material expressivo a tinta guache, o medo ressalta uma enorme mancha escura, com generosas pinceladas sob o verde que se exhibe em uma imagem estrutural, como árvores saudias, fortes, resistentes e esperançosas, não se intimidando diante da tempestade. Porém, o medo como protetor aponta para o que chamamos de limite e prudência.

Segundo Stahl (2022), a criança interior que habita o nosso inconsciente é quem rege nossas ações em detrimento das percepções do que foi vivido, atribuindo ao adulto que nos tornamos atuações ponderadas, tendo em vista que enquanto adulto nos ausentamos de percepções desmedidas.

É como se os medos se modificassem e se apresentassem com outra intensidade, em outra história, no decorrer de nossas vidas.

6. Mandala de sua árvore pessoal - Referência à proposta de Elêusis da Luz.

Sobre o seu relato,

“Foi impossível não recordar a minha árvore. Essa sensibilização me levou para minha infância, onde na escola, sentávamos embaixo do embondeiro, uma árvore única no mundo. Essa espécie só existe no meu país.”

“Ela tem muito significado e é muito importante pra mim. Ficava no centro da minha escola e tínhamos aula de 2ª a 4ª série. Era ali que muitas vezes eu chorava. Minha mãe ficou sozinha e, quando ia trabalhar, me deixava na escola. Eu me sentava na lata e assistia aula de frente para o professor.”

“Eu nunca irei esquecer dessa árvore!”

“Essa árvore tem história, poesia, tem livro... Tem os seus mistérios.”

“Tem uma coisa muito especial no meu país, nós somos muito unidos! Se damos uma festa, um vem com o açúcar, outro vem com a farinha...”

“Temos muito de comunidade. Na nossa cultura, os tios e avós participam da educação de nossos filhos.”

“Nossa! Essa árvore representa força.”

“Ela é imensa. Tem muitos galhos.”

“Foi nessa árvore que dei os meus primeiros passos na educação”.

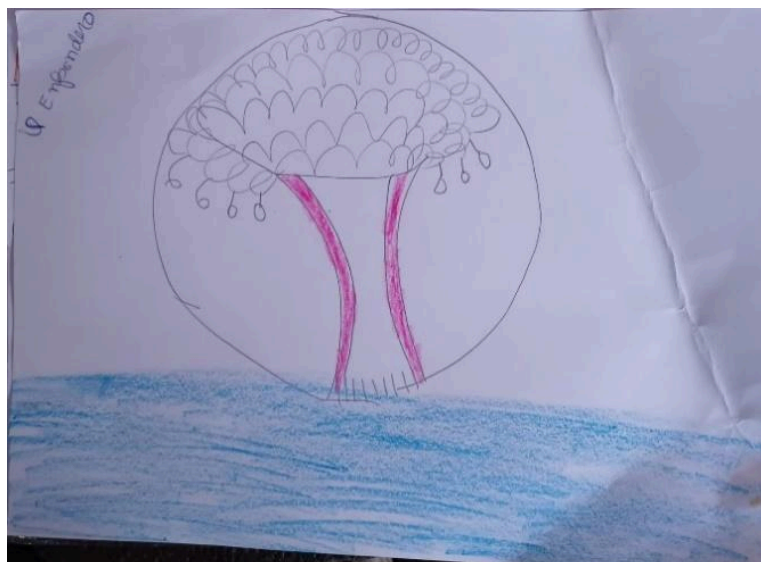


Figura 6. O Embondeiro. Desenho com lápis de cor e grafite. Fonte: Isabel.

Os embondeiros, também conhecidos como baobás, são árvores imensas. Lembrando um momento histórico de sua vida, marcado pela acolhedora estrutura

ramificada de significados latentes, o embondeiro assistia sua infância carente da presença da mãe que lhe deixava na escola para nunca a abandonar, assinalando uma cultura embebida em forças e mistérios, que esculpe na terra aquecida o ventre que abriga memórias afetivas de um passado bem longe de ser distante. Reconhecendo a abrupta condição precária em que se encontravam com a ausência de seu pai, hoje entende que sua mãe não teve escolha naquela época. O embondeiro, forte e poderoso, nutriu-lhe de sua força e vitalidade, oferecendo-lhe guarida emocional.

A árvore, para Jung (1964), tem um significado simbólico que abarca o poder de decisão sobre as nossas escolhas. Comparada ao processo de individuação, ela declara a relevância de se perceber a si mesmo em percepção profunda de um eu ainda não conhecido por nós.

A semente lançada em solo fértil conta com a germinação, que apresenta em seu potencial o que a árvore se tornará. Não diferente de nós, ergue-se forte e sadia a depender da sua origem e do meio em que vive. As condições climáticas, bem como a rega, são elementos que lhe tornarão aquilo que o meio lhe proporcionará. Vejo aqui um bom exemplo sobre os traumas vividos após a primeira infância e as adversidades de uma “muda” bem germinada. A sua memória afetiva insiste em colocar-lhe de pé sempre que ventos contrários venham a soprar. Nas palavras de Kast (1997), vista também como um elemento simbólico, a árvore, de certa forma, dialoga com a nossa identidade, conferindo evoluções fronteiriças entre os seres inseridos na mesma natureza. Suas energias se entrelaçam. Contemplada por aquele/a que a elegeu, pode apontar concepções periféricas ainda adormecidas a partir das percepções singulares.

Atentando para o que aponta a autora acima citada, percebe-se que a árvore, forte e corpulenta, resiste às adversidades encontradas. Suas raízes lhe estruturam sob a terra. O tronco firme, resistindo às dores e aos traumas, vai sendo marcado, assim como o corpo. Por vezes, a sua mente, assim como a árvore, enfrenta momentos desafiadores quando se depara com mudanças climáticas nem sempre pronunciadas.

Considerações Finais

O efeito do trauma, sendo ele o TEPT evidenciado neste artigo, trouxe uma reflexão sobre o seu fomento ao transtorno de bipolaridade, entendendo que o seu desencadeamento afeta emocional e mentalmente o sujeito, concedendo ao transtorno de bipolaridade um significativo agravo para a doença.

No decorrer do processo, obteve-se um maior conhecimento sobre o assunto, desenvolvendo estratégias para acolher as suas demandas, reveladas com maior intensidade durante as sessões, tendo em vista a magnitude dos conteúdos que foram

surgindo durante os atendimentos, trazendo em seus relatos dores e traumas, expostos em um corpo marcado pela doença.

Sobre os atendimentos de pessoas com TEPT e transtorno de bipolaridade, apontam-se a ética e a integridade em sua relevância, contribuindo no processo de um diagnóstico preciso, bem como as avaliações e os estudos sobre o indivíduo atendido e seus contextos. Assim, por meio de práticas e escutas conscientes, obtém-se continuidade a intervenções mais claras e objetivas, buscando maior confiabilidade no recurso terapêutico relacionado à saúde mental e emocional, refletidas na saúde física das pessoas que buscam um tratamento seguro.

A Arteterapia, ao revelar a criatividade e o autoconhecimento, apresenta recursos para que questões ocultas evidenciadas mediante intervenções de projeções imagéticas e desprovidas de apreensões estéticas exibam omissões interiores, além de potencializar o encontro consigo, enquanto a prática projetiva se constitui em formas, gestos, cores e sons, desvelando narrativas silenciadas. A Arteterapia reverbera o interior pulsante de forma verbal e não verbal, favorecendo o diálogo e contribuindo no processo de cura individual e coletiva.

Dessa forma, a relevância dos contextos culturais e sociais de cada indivíduo e suas tessituras emocionais tencionam uma análise complexa em constante investigação e reflexão que denotam um maior investimento sobre os tratamentos arteterapêuticos com pessoas afetadas pelo trauma, promovendo um abarcamento das projeções e demandas trazidas pelo sujeito, articulando recursos que favoreçam no processo de cura, vindo, além do mais, a assistir o tratamento do transtorno de bipolaridade.

Data de recebimento: 25.08.2023

Data primeiro aceite: 09.02.2024

Data segundo aceite: 26.02.2024

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. DSM-5-TR. Fifth Edition, Text Revision. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

BRASIL, C. **Cores, formas e expressão: emoção de lidar e arteterapia na clínica junguiana**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

- CONTI, P. **Trauma: a epidemia invisível**. 1 ed. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2022.
- COSTA, R. X. Arteterapia & artes visuais: aproximações contemporâneas. **Cartema – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB**, v. 1, n. 1 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/251699/39304>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- DESLANDES, S.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DUCHASTEL, A. **O caminho do imaginário: o processo de arteterapia**. São Paulo: Paulus, 2010.
- FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Amor e Psique)
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HARK, H. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: a partir dos originais de C. G. Jung**. São Paulo: Loyola, 2000.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5 ed. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1964.
- KAIUCA, D. Inscrições no corpo. *In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, Convenção Brasil/Latino América, XIII, VIII, II, 2008. Anais Curitiba: Centro Reichiano, 2008.* Disponível em: <https://docplayer.com.br/122825042-Inscricoes-no-corpo-denise-kaiuca-resumo.html>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- KAST, V. **A imaginação como espaço de liberdade: diálogo entre o ego e o inconsciente**. São Paulo: Loyola, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde (BR), Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 849, de 27 de março de 2017**. Dispõe sobre a inclusão da Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União. 27 de março de 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 18 dez. 2023.
- SANTOS, L. O. **O Medo Contemporâneo: Abordando suas Diferentes Dimensões**. Revista Psicologia Ciência e Profissão - CFP, 23 (2), p. 48-55. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PKJbg7xGtChHVLschHfVyb3S/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- STAHL, S. **Acolhendo sua criança interior**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- TUNG, T. C. **Enigma bipolar: consequências, diagnóstico e tratamento do transtorno bipolar**. 3 ed. São Paulo: MG Editores, 2007.

ESTUDO DE CASO**Arte-reabilitação de funções cognitivas: um estudo de atenção e memória em adulto com deficiência intelectual****art rehabilitation of cognitive functions: a study on attention and memory in an adult with intellectual disability**

Iara Simonetti Racy¹
Ana Carmen Nogueira²
Tania Cristina Freire³

Resumo: Baseado na concepção de Vygotsky sobre a deficiência intelectual, que soma o desenvolvimento da pessoa em sua relação com o meio ao fator biológico, este artigo traz um estudo em Arte-reabilitação da atenção e memória com um adulto com deficiência intelectual não alfabetizado. Nos encontros houve atividades de engajamento cognitivo, tais como traçar estratégias de leitura de calendário e fazer releituras das obras **Autorretrato**, **Abaporu** e **Composição**, de Tarsila do Amaral. Os resultados alcançados demonstram que a Arte-reabilitação contribuiu com o processo de aprendizado e com a melhora do desempenho e sugerem reflexões sobre possíveis encaminhamentos para que novas propostas de intervenção em arte possam surgir e contribuir para o reconhecimento de potencialidades, o fortalecimento de funcionalidades e melhor qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Arte-reabilitação; atenção; deficiência intelectual; funções cognitivas; memória.

Abstract: Based on Vygotsky's idea of intellectual disability, which adds to the biological factor the relationship of individuals with their environment, this article brings a study on art rehabilitation of attention and memory in an illiterate adult with intellectual disability. Meetings with this individual resorted to cognitive engagement activities such as strategizing calendar's

¹ Pesquisadora; psicóloga, arteterapeuta e arte-reabilitadora; graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae e em Arte-reabilitação pelo Instituto Faces em convênio com ArteReab; pós-graduada em Cultura e Meios de Comunicação pelo SEPAC em convênio com a Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4599820343979422>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 367/1016; e-mail: iara@iarasimonetti.com.br.

² Ana Carmen Nogueira - orientadora do artigo; artista; educadora e arteterapeuta; graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado; pós-graduada/especialista em Educação Especial pela UNICID; arteterapeuta pelo Centro Universitário FIEO; mestre e doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2897035663387610>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 200/11. AATA INTERNACIONAL PROFESSIONAL; e-mail: anacarmenn@gmail.com.

³ Tania Cristina Freire - orientadora da prática clínica; arte educadora; arteterapeuta; arte-reabilitadora; neuropsicopedagoga; mestre em Distúrbios do desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Neuropsicologia pelo Centro de Diagnóstico em Neuropsicologia; graduanda em Psicologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0551025862550400>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 053/0305; e-mail: artereab@gmail.com.

reading and rereadings (with different artistic languages) of the works of Tarsila do Amaral “Autorretrato”, “Abaporu” and “Composição”. The achieved results demonstrate improvement in the cognitive functions and point out reflections about possible forwardings in new art intervention proposals, in contributions to potentialities’ acknowledgment, in functionalities strengthening and better quality of life of individuals with intellectual disability.

Keywords: art rehabilitation; cognitive functions; intellectual disability; attention; memory

Introdução

"A arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível."
Leonardo da Vinci

Neste artigo, trago um estudo de caso realizado como prática clínica na formação de arte-reabilitadores do Instituto Faces em parceria com ArteReab. O objetivo é analisar a contribuição da arte na reabilitação da atenção e memória de um adulto com deficiência intelectual em atendimento domiciliar.

Desde a minha formação na faculdade de Psicologia (1999-2004), tenho como foco o trabalho nas áreas da Gerontologia e da Deficiência Intelectual e o meu maior motivador para essa escolha foi poder ouvir o que as pessoas pertencentes a esses públicos tinham a dizer e como eu poderia ajudá-las no fortalecimento da sua autonomia, do seu protagonismo, das suas habilidades, da sua autoestima e de qualquer outra questão que envolvesse sua individualidade. A partir das relações que criei nos atendimentos, encontrei na arte uma potente ferramenta para expressão de vozes que ecoavam por qualquer parte dos corpos e, assim, auxiliavam a sua escuta.

No geral, as artes, em qualquer circunstância, oferecem meios de realização no sentido de procura de experiências novas e ricas, ampliando o campo dos valores e dando um cunho mais dinâmico à existência individual. (FIGUEIRA, 2021, p. 101)

E foi na intenção de oferecer novas experiências através da arte e de observar como ela poderia impactar na reabilitação cognitiva que cheguei ao Marcelo⁴ para a realização deste trabalho. Marcelo tem 48 anos e tem diagnóstico de deficiência intelectual (CID F.71). Sua mãe informou que sua memória teve um prejuízo significativo no período de isolamento social em consequência da pandemia da Covid-19. Esse dado foi um dos que norteou a intervenção proposta que descrevo mais adiante.

Ainda que estudos mais aprofundados sobre o impacto desse isolamento social estejam em processo, Fonseca, Sganzerla e Enéas (2020, p. 33) afirmam que consequências socioemocionais, cognitivas e de aprendizagem podem deixar marcas

⁴ Nome fictício.

difíceis de apagar, com gaps de desenvolvimento social e acadêmico, com prejuízos ainda desconhecidos.

Diante das consequências apresentadas, acredito na importância do arte-reabilitador para auxiliar no desenvolvimento funcional e na qualidade de vida daqueles que, por qualquer motivo, tiveram algum prejuízo cognitivo. Segundo Francisquetti (2016, p. 29), “a essência da arte reabilitação está no cuidado para tornar a vida das pessoas menos incapacitante e mais digna, mais interessante”.

E é na procura desta essência, de buscar formas para que as deficiências cognitivas não impeçam que as pessoas reconheçam suas habilidades e potencialidades e tenham melhor qualidade de vida, que trago o trabalho realizado.

Fundamentação Teórica

A arte é um exercício experimental de liberdade.
Mário Pedrosa

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009,

peças com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Segundo a Associação Americana de Deficiências Intelectuais e de Desenvolvimento (AAIDD), a deficiência intelectual é uma condição que se origina antes dos 22 anos e é caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual (capacidade mental geral, como aprendizado, raciocínio, resolução de problemas, entre outros) quanto no comportamento adaptativo. Por comportamento adaptativo entende-se habilidades conceituais (linguagem e alfabetização; conceitos de dinheiro, tempo e número; autodireção), sociais (habilidades interpessoais, responsabilidade social, autoestima, credulidade, ingenuidade, resolução de problemas sociais e a capacidade de seguir regras/obedecer leis e evitar ser vítima) e práticas (atividades da vida diária, habilidades ocupacionais, saúde, viagens/transporte, horários/rotinas, segurança, uso do dinheiro, uso do telefone).

Ainda segundo a AAIDD, as causas podem estar relacionadas a fatores de riscos biomédicos, sociais, comportamentais e educacionais e podem acontecer nos períodos pré, peri ou pós-natal.

Diante dessas informações, para que um diagnóstico seja realizado adequadamente, faz-se essencial uma avaliação cuidadosa que deve envolver uma equipe multidisciplinar e um olhar individualizado e ampliado para as questões médicas, sociais, ambientais, comportamentais, que fazem parte da vida da pessoa.

Em meu trabalho final da especialização em Arteterapia (2016) mencionei a perspectiva teórica de Vygotsky sobre a deficiência e não poderia deixá-lo de fora deste artigo. Para ele, a deficiência não é somente limitação, mas também, potencialidade. A superação das dificuldades orgânicas relacionadas à deficiência encontra no desenvolvimento pessoal a compensação, ou seja, através de mediações e interações com o meio, podem ser encontradas e estimuladas habilidades que estejam íntegras e, dessa forma, explorar possibilidades de ser. Coelho, Barroco e Sierra (2011) definem a compensação de Vygotsky como

o processo substitutivo que garante o desenvolvimento, ou seja, quando uma ou mais vias de apreensão do mundo e de expressão não estão íntegras ou não podem ser formadas, o indivíduo pode eleger outras que estejam íntegras. Isto lhe permite estar no mundo e com ele se relacionar. (p. 7)

Uma das formas de minimizar déficits e potencializar a relação consigo e com o mundo pode ser a arte. As linguagens artísticas possuem propriedades e características próprias que dialogam conosco e despertam o nosso corpo físico, emocional, biológico, psicológico, social, mental.

A arte possui um potencial curador. As atividades criativas são estimuladoras de todo sistema cerebral e mobilizam o sujeito por inteiro. Falar, desenhar sobre o sofrimento possui um papel reabilitador. Desenvolve capacidades e potencialidades do indivíduo depois de uma doença ou trauma. (FRANCISQUETTI, 2016, p. 28).

Ao oferecermos espaços de contato e criação com diversas linguagens artísticas às pessoas com deficiência intelectual, oferecemos, também, segundo Figueira (2021, p. 84), a oportunidade de “expressão, autoafirmação, livre exploração, bem como de incentivar a criatividade de cada um, permitindo compartilhar o conhecimento obtido por meio desta experiência”.

É importante ressaltar, assim como afirma Reily (1986), que as atividades propostas devem ser adequadas ao nível motor e à compreensão de quem vai executá-las. Também declara que a repetição pode fortalecer a confiança, pois ao refazer uma atividade, o nível de elaboração e domínio das dificuldades podem aumentar. A repetição de atividades também é importante quando falamos em reabilitação.

A Sociedade Britânica de Medicina de Reabilitação (BSRM) e o Royal College of Physicians (RCP), no reino unido, definem reabilitação como “um processo de mudança ativa pelo qual uma pessoa que se tornou deficiente adquire os conhecimentos e habilidades necessárias para obter melhores condições físicas, psicológicas e de função social” e, em termos de prestação de serviços, isso implica “no uso de todos os meios para minimizar o impacto de condições incapacitantes e ajudar as pessoas com deficiência a alcançar o nível desejado de autonomia e participação na sociedade.” (WILSON, 2020, p. 197)

Na reabilitação cognitiva, que é o foco do estudo aqui apresentado, esse processo pode englobar atividades para melhorar ou prevenir declínios das funções cognitivas. Para este artigo, o meu olhar estará nas funções da memória e da atenção.

A memória, segundo Wilson (2011), é

a habilidade de adquirir, armazenar e evocar informações. Essas são as três etapas necessárias para o sistema de memória funcionar. A aquisição de informações é a *etapa de codificação*, a retenção da informação é a *etapa de armazenamento* e o acesso à informação quando necessário é a *etapa de evocação*. (p. 28 – grifo do autor)

Neste processo vivenciado pela memória, as emoções intensificam a retenção das informações e há algumas habilidades que o auxiliam, tal como a atenção.

A atenção é o fenômeno pelo qual processamos ativamente uma quantidade limitada de informações do enorme montante de informações disponíveis através de nossos sentidos, de nossas memórias armazenadas e de outros processos cognitivos. (STERNBERG, 2000, p. 78)

Recebemos constantemente estímulos externos e internos e cabe a nós organizar e direcionar a atenção a partir dessas percepções dos sentidos. Lima (2005) nos apresenta quatro tipos de atenção: seletiva (privilegia estímulos em detrimento a outros), sustentada (manter o foco em um estímulo por determinado tempo para realizar uma tarefa), alternada (desengajar de um foco para engajar em outro) e dividida (desempenhar mais de uma tarefa simultaneamente).

Alinhando todos os olhares acima citados, a Arte-reabilitação chega como uma potente área de atuação para que possamos trabalhar as demandas específicas de cada pessoa. Francisquetti (2016, p. 42) diz que “é explorando o universo da arte, com as possibilidades do fazer artístico, que podemos desenvolver a cognição.” Vivenciando o processo e a experiência com arte nos conectamos com nossos sentidos, sentimentos, pensamentos, nossas potencialidades e nossa criatividade, reconhecendo, assim, a nossa própria forma de se expressar.

A arte-reabilitação trabalha através de várias formas de expressão artística, desenvolvendo as potencialidades sensório-motoras, perceptivas, cognitivas e simbólicas. A arte favorece ainda a expansão do pensamento, dos sentimentos, dos valores e toma-os patentes, presentes nas formas mais variadas de representação: pintura, música, dramatização, escultura, poesia. (FRANCISQUETTI, 1992, p. 34)

Em todo o trabalho em Arte-reabilitação, devemos atentar ao objetivo das linguagens artísticas escolhidas para o processo para evitar situações frustrantes e desmotivadoras. Elas devem considerar as particularidades de cada pessoa atendida, o que Anauate (2020, p. 493) diz ser “o sentido real do fazer artístico”.

Método

A expressão reta não sonha
Não use o traço acostumado
Manoel de Barros

O estudo de caso qualitativo foi realizado com Marcelo, adulto de 48 anos, não alfabetizado (reconhece as letras e escreve por meio do ditado de cada uma delas), diagnosticado com deficiência intelectual, consequência de falta de oxigenação no parto. Até o momento anterior à pandemia da Covid-19, em março de 2020, Marcelo tinha autonomia e independência para transitar pela cidade de São Paulo sozinho, andava de ônibus, passava o dia em atividades pela cidade. Em decorrência do isolamento social, ele passou a ficar 24h por dia em sua residência. Marcelo trabalha como artesão, faz peças de sisal e de palito de sorvete para vender. Antes da pandemia, também vendia sorvetes pelo bairro.

Em março de 2022, entrei em contato com a mãe de Marcelo que informou que sua memória e percepção estavam alteradas e que passou a escutar vozes frequentemente, o que alterava seu comportamento. Informou, também, que teve prejuízo na organização das encomendas que recebe das peças de sisal e que, diferente do que acontecia antes da pandemia, ele passou a não andar mais sozinho pela cidade, pois essas alterações o deixaram muito dependente.

Diante do quadro apresentado, Marcelo esteve em consultas psiquiátricas e teve algumas alterações em suas medicações durante o processo que vivenciamos. Acredito que este seja um dado importante ao observarmos os resultados, pois interferiu diretamente em seu estado durante os encontros.

Foram realizados 12 encontros entre março e julho de 2022 que tiveram duração entre 1h30 e 2h.

Cabe ressaltar que a proposta inicial - com o uso de alguns jogos cognitivos – foi alterada a partir do 6º encontro, visando maior motivação para a realização das atividades. Optei por inserir Tarsila do Amaral no processo. Pintora brasileira, um dos principais nomes do movimento modernista, apresenta composições com elementos bem destacados e cores fortes em algumas de suas obras, o que possibilitaria direcionamento das atividades com o objetivo de contribuir com a melhora da atenção de Marcelo. As obras escolhidas para o processo possuem uma composição que pode facilitar a percepção das formas e dos elementos ali expressos assim como as cores vivas oferecem contrastes que auxiliam no rastreamento e na localização desses elementos no espaço.

No 1º encontro, foi realizada uma avaliação inicial. Para isso, apliquei o teste de rastreamento cognitivo Miniexame do Estado Mental⁵ (MEEM), que nos indica uma avaliação

⁵ MEEM é o teste mais utilizado para avaliar a função cognitiva por ser rápido (em torno de 10 minutos), de fácil aplicação, não requerendo material específico. Deve ser utilizado como instrumento de rastreamento não substituindo uma avaliação mais detalhada, pois, apesar de avaliar vários domínios (orientação espacial,

prévia de funções como orientação (temporal e espacial), memória, atenção e cálculo, praxia e linguagem. Também foi realizada uma atividade de observação e pintura da obra “Composição com vermelho, amarelo e azul” (MONDRIAN, 1921) para auxiliar no meu olhar clínico. A atividade consistia em observar a obra e pintar um modelo preto e branco conforme as cores apresentadas na versão original. Dessa forma, também poderia indicar uma avaliação prévia de funções e habilidades como a atenção, o rastreo visual, a orientação espacial, a habilidade visuo-perceptiva, a coordenação motora. Apresentou prejuízo na orientação temporal, atenção e memória. As propostas foram pensadas a partir deste rastreamento das funções.

O 2º e 3º encontros tiveram como objetivo compreender e estruturar o calendário de maio/2022 para que Marcelo pudesse organizar melhor a sua rotina. Para isso, ele fez o calendário em cartolina com a minha ajuda (figura 1). Traçamos as linhas, ele escreveu os dias da semana através de um ditado de letras e colocou os dias do mês sem dificuldade. Para que ele pudesse reconhecer as atividades no calendário, escolhemos e colamos em seus respectivos dias algumas imagens que as representassem.

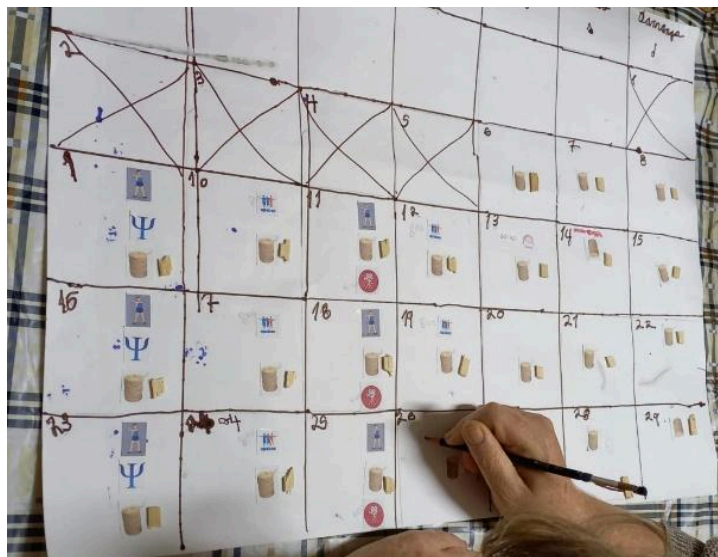


Figura 1. Calendário maio/2022 que Marcelo produziu no 2º e 3º encontros.

Marcelo tem dificuldade em reconhecer os dias do mês no calendário. Elaboramos a estratégia de marcar com um “x” em cada dia ao acordar. Com essa proposta, o objetivo era que conseguisse, por meio das imagens, organizar sua rotina e se localizar no tempo. Fizemos a leitura do calendário em todos os dias de atendimento.

No 3º encontro, Marcelo estava inquieto e se queixando de ardência no rosto. Precisou sair em determinado momento para pedir ajuda à sua mãe.

temporal, memória imediata e de evocação, cálculo, linguagem-nomeação, repetição, compreensão, escrita e cópia de desenho), não serve como teste diagnóstico, mas sim para indicar funções que precisam ser investigadas. É um dos poucos testes validados e adaptados para a população brasileira. Disponível em: <<https://aps.bvs.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

No final do processo, orientei sobre uma atividade para fazer em casa. Dei a ele 6 folhas com 7 quadrados. A atividade era pintar os quadrados de cada folha com a cor correspondente (havia um quadrado já pintado em cada uma delas). Após, recortar os quadrados e guardar em caixas correspondentes (cada caixa tinha sua cor específica permitindo pareamento).

Marcelo repetiu os passos da tarefa e demonstrou agitação no final deste encontro, dizendo que faria tudo naquele momento. Ao tentar explicar que já havíamos feito muitas atividades naquele dia, ele foi gradativamente ficando mais agitado até que saiu com as folhas.

Iniciamos o 4º encontro com a leitura do calendário. Marcelo fez parcialmente as marcações com “x” para identificar os dias do mês, e o restante fizemos juntos para que ele pudesse reforçar estratégias através das imagens.

Após esse processo, solicitei que mostrasse a atividade feita em casa e verifiquei que os quadrados estavam pintados e guardados nas caixas de forma aleatória e desorganizada (reconheceu que estava nervoso quando fez).

Utilizamos 3 cores para fazer a atividade do dia (figura 2): montar uma sequência de 3 linhas e 3 colunas nas quais as cores não podiam se repetir em cada uma delas. Fizemos uma vez juntos, outra vez com a minha ajuda para reforçar o objetivo e ele fez uma vez sozinho. Ao realizar a atividade sozinho, ele não colocou adequadamente a última linha e foi necessário o meu auxílio para reconhecer as cores repetidas.



Figura 2. Atividade de sequência de cores realizada no 4º encontro.

Como tarefa de casa, passei a mesma apresentada anteriormente, porém deixando apenas 3 folhas. Marcelo verbalizou o procedimento, demonstrando saber como executar, e disse que faria com atenção dessa vez.

No 5º encontro, ele deixou de fazer todas as marcações no calendário novamente. Com minha intervenção, foi lembrando a estratégia de identificar o dia do mês através das imagens representadas.

Marcelo não fez a tarefa de casa, então, fizemos juntos. Retomamos o processo (pintar, recortar, colocar nas respectivas caixas) e assim o fez em um ritmo mais lento, porém adequadamente. Durante a execução, apresentava algumas crises de ausência e repetição de movimentos por um longo período durante a pintura.

Na leitura do calendário do 6º encontro, verifiquei que ele havia feito marcação em todos os dias do mês, inclusive os que ainda não vieram. Diante disso, pedi que lembrasse a estratégia e ele respondeu adequadamente e identificou o dia com a minha ajuda.

A partir deste dia, começamos a trabalhar com obras de Tarsila do Amaral inserindo materiais que ele utilizava em seu cotidiano, como palito e sisal, com o objetivo de minimizar a ansiedade diante das atividades e fortalecer a motivação e confiança por serem materiais que ele possui familiaridade. A escolha por Tarsila surgiu a partir da observação das cores vivas, as formas geométricas e dos elementos bem marcados que ela utiliza em algumas de suas obras e que poderiam ser adequadas para a execução de atividades.

Apresentei a artista, a obra “Autorretrato” e a atividade que faríamos: uma pintura no palito de sorvete e ele demonstrou ficar bastante animado.

Essa atividade foi organizada em algumas etapas: juntar os palitos de acordo com o tamanho da imagem, colocar o papel carbono sobre os palitos, colocar a imagem da obra sobre o papel carbono, prender a imagem com fita adesiva para que não saísse do lugar, passar o lápis sobre as linhas da imagem, retirar a imagem e o carbono de cima dos palitos, pintar os palitos com canetinha de acordo com a obra original.

Marcelo foi seguindo as etapas com o auxílio de algumas pistas para lembrar a sequência. Durante o processo, ele apresentou novamente crises de ausência, especialmente na hora da pintura. Então, começamos a fazer pausas para poder retomar com foco no que estava fazendo. Algumas intervenções foram necessárias para identificar a pintura como, por exemplo, “Que cor é o casaco?”, “Que cor é o fundo?”, “Que cor é o cabelo?” Essas perguntas levavam a sua atenção para esses espaços da obra.



Figura 3. Releitura da obra **Autorretrato**, de Tarsila do Amaral, pintada no palito de sorvete por Marcelo.

Ao finalizar (figura 3), ele demonstrou intenso contentamento, dizendo que a pintura estava igual.

No 7º encontro, fizemos o mesmo procedimento realizado no 1º encontro, porém para o calendário de junho. Levei as linhas traçadas na cartolina e Marcelo preencheu os espaços.

Eu o observei bastante confuso, especialmente na hora de escrever os dias da semana. Mantive as pausas entre uma tarefa e outra e esse processo pareceu ajudá-lo. Também fui fazendo junto a colagem das imagens para encorajá-lo.

No 8º encontro, apesar de não ter feito as marcações no calendário, ele mesmo retomou dizendo que, para reconhecer o dia, era preciso marcar com um “x” sempre que acordasse. Disse que o dia de hoje teria a minha foto e, com a minha intervenção, conseguiu identificar.

Na sequência, apresentei a obra **Abaporu** e a proposta de trabalho: reconhecimento da obra, montagem da base em palito, pintura dos elementos da obra impressos em um papel (cacto, sol, corpo), recorte e colagem sobre o palito.

Marcelo fez a base com palitos, atento e cuidadoso com o alinhamento. Durante a pintura, observei novamente uma repetição de movimentos sobre um mesmo espaço por um longo período.

Na colagem, pedi que observasse atentamente a versão original para fazer a montagem no palito. Percebi que já apresentava cansaço e não respondia tanto aos comandos, mas verbalizava o desejo de terminar a tarefa. Ao terminar (figura 4), novamente demonstrou muita satisfação com o resultado.



Figura 4. Releitura da obra **Abaporu**, de Tarsila do Amaral, com colagem de palito de sorvete feita por Marcelo.

No 9º encontro, fui informada que Marcelo precisou tomar uma dose extra da medicação. Na leitura do calendário, observei que, mesmo ainda precisando de minha intervenção, o tempo para chegar à resposta do questionamento “Que dia é hoje?” estava cada vez menor.

A atividade do dia foi passar a obra **Abaporu** para o palito de sorvete, assim como fizemos com a obra **Autorretrato** (6º encontro).

Ao chegar o momento de passar o lápis sobre as linhas da imagem, observei que Marcelo ficava sobre uma mesma linha repetidas vezes. Em determinado momento, ele adormeceu e sugeri que fizéssemos a atividade em outro dia. Ele insistiu em continuar e, por acreditar que uma interrupção naquele momento poderia trazer um sentimento de ansiedade e frustração, optei por acolher o seu desejo em dar continuidade à proposta. Mesmo com o cansaço, manteve-se motivado e ficou contente com o resultado (figura 5).

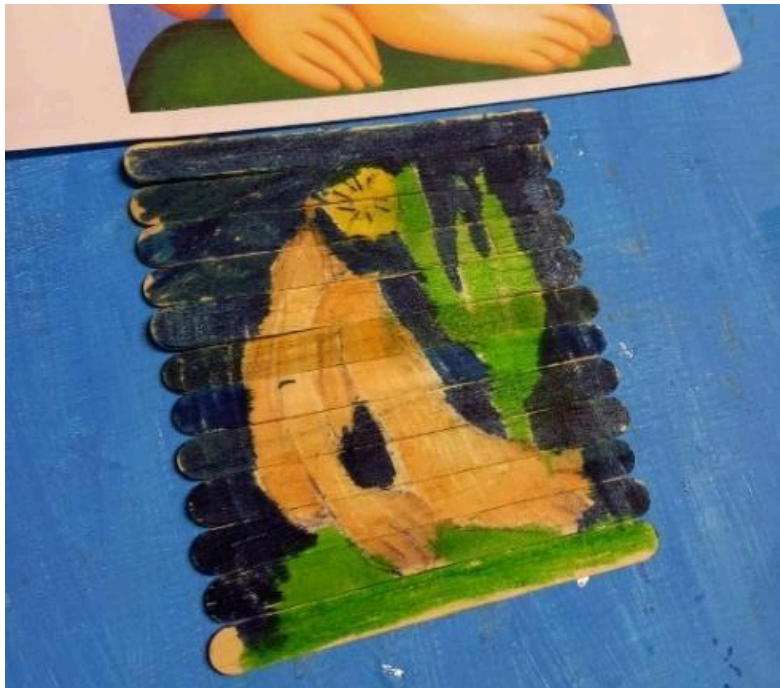


Figura 5. Releitura da obra **Abaporu**, de Tarsila do Amaral, com pintura sobre palito de sorvete feita por Marcelo.

O 10º encontro foi o dia que apresentou maior disposição e atenção durante todo o processo. Na leitura do calendário, logo identificou as minhas fotos e buscava atentamente reconhecer o dia. Ao perguntar qual era o dia mais próximo do último “x” que ele fez, identificou.

Nesse encontro, levei como proposta a obra **Composição**, com colagem de diferentes materiais para representá-la: palitos, EVA, feltro e sisal (figura 6). Marcelo fez o molde e recorte do EVA e sisal, porém, precisou de ajuda com o feltro.

Na montagem, estava bastante atento, não teve dificuldade em alinhar os palitos no tamanho adequado à imagem, mas precisou de minha ajuda para perceber o limite entre os palitos para colar os elementos. Sempre intervi com perguntas que focassem a sua atenção à obra original.



Figura 6. Releitura da obra **Composição**, de Tarsila do Amaral, com colagem sobre palito feita por Marcelo.

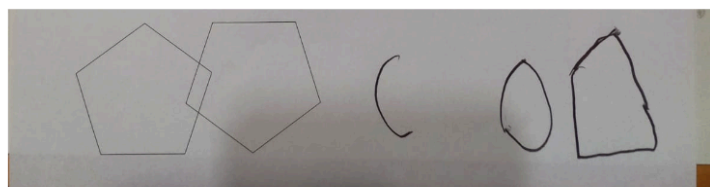
Em nosso último encontro antes da avaliação final, Marcelo apresentava um quadro gripal, mas não queria deixar de fazer o encontro. Apesar de motivado, demonstrava pouca disposição física para realizar alguma atividade. Dessa forma, a proposta foi conversarmos sobre todos os trabalhos feitos (figura 7) e perguntei se ele lembrava do processo de cada trabalho. E ele lembrou da maior parte.



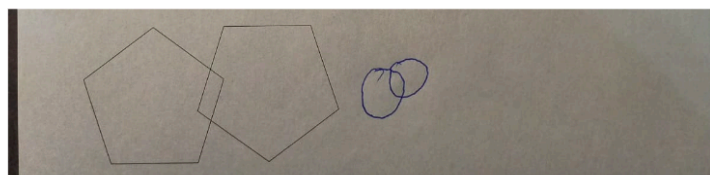
Figura 7. Trabalhos realizados por Marcelo a partir das obras de Tarsila do Amaral.

Na avaliação final, foram aplicadas as mesmas atividades propostas no encontro inicial: o MEEM e a atividade de observação e pintura da obra de Mondrian.

Marcelo não havia respondido às questões referentes à orientação temporal do MEEM (mês, dia da semana e dia do mês) em nossa avaliação inicial. Em nosso último encontro, deu uma resposta aproximada, esclarecendo a sua estratégia. Estávamos no dia 8 de julho e ele respondeu que estávamos em 10 de junho porque teve festa junina. Ele disse que era sexta-feira porque é o dia que eu ia encontrá-lo, porém, nesta semana excepcionalmente, fui encontrá-lo na quarta. Esses dados demonstram que Marcelo tem buscado fazer associações e relações para se lembrar, o que, segundo WILSON (2011) é uma estratégia que ajuda a memória. No mesmo teste, na avaliação da memória evocada, alterou a resposta: de nenhuma palavra lembrada para 2 das 3 indicadas. A construção do desenho também apresentou alteração na habilidade visuo-perceptiva e visuo-construtiva, observando imagens que se interconectam como demonstra a figura 8.



Avaliação Inicial



Avaliação Final

Figura 8. Comparativo na construção de imagem (atividade que consta no MEEM).

Análise dos encontros

Já na avaliação inicial, Marcelo demonstrou disposição para os encontros. Percebi, no decorrer dos encontros, que Marcelo fazia uma atividade já pensando nas próximas e esse fator impactava na sustentação de sua atenção, pois, assim como relata Tanaka (2018), se não selecionamos os diversos estímulos perceptivos (atenção seletiva) que nos são apresentados, acabamos tendo uma grande quantidade de informações que nos desorganiza e impossibilita a realização organizada de qualquer atividade. “A atenção sustentada refere-se à manutenção da atenção seletiva sobre determinado estímulo ou objeto, permitindo a execução das tarefas específicas e obtenção de objetivos fixados.” (TANAKA, 2018, p. 64).

Para auxiliar no foco, a estrutura dos encontros começou a ser informada no início de cada dia para que ele soubesse exatamente tudo como seria. Dessa forma, quando ele solicitava algo fora da estrutura, era possível reforçar o que havíamos combinado para voltar a sua atenção.

Trabalhando a temporalidade através da repetição da leitura do calendário, pude observar que Marcelo foi precisando cada vez menos da minha intervenção, chegando à resolução em tempo cada vez menor, apesar de ainda apresentar dificuldade. Dessa forma, avalio que ele possui habilidade de aprendizado quando a intervenção é realizada sistematicamente, possibilitando o aumento da confiança, do nível de elaboração e domínio das dificuldades (REILY, 1986).

Durante o processo, pude também observar que Marcelo compreendia as orientações e as etapas propostas, mas apresentava dificuldade em sua execução, tanto nas atividades realizadas durante os encontros, demonstrando possível prejuízo na memória de trabalho (armazenamento das informações enquanto realiza uma determinada tarefa), quanto na atividade diária de marcação dos dias no calendário (apresentando possível prejuízo na memória prospectiva). Em ambas as situações, mesmo sabendo o que era preciso ser feito e as respectivas etapas das tarefas, apresentou dificuldade em realizá-las sem que tivesse uma dica.

A memória prospectiva é definida como a capacidade de recordar uma ação que se pretende realizar no futuro (intenção), num determinado momento ou local específico, sem nenhuma instrução permanente que nos recorde a realização da ação. (EINSTEIN & MCDANIEL, 2014, p. 189)

Para Marcelo, a memória da tarefa do calendário era somente (re)ativada na minha presença, assim como lembrar da estratégia para identificar o dia que estávamos também necessitava da minha intervenção.

Ao perceber que, mesmo indisposto, mantinha-se motivado a realizar as tarefas, pude observar que a falta de atenção sustentada também poderia estar relacionada a uma ausência de descanso dos estímulos, pois havia uma necessidade de estar sempre em função de alguma atividade. Fazer muitas coisas de uma vez, não fazer intervalos regulares, não manter o foco, entre outros aspectos, prejudicam a memória (WILSON, 2011). As pausas que começamos a fazer durante os encontros para descansar apontaram uma melhora no desempenho, mesmo que durasse pouco tempo. Também observei essa alteração no desempenho e disposição ao começar a oferecer atividades que utilizavam materiais do seu cotidiano. As atividades começaram a ter uma sequência mais estruturada e um sentido de realização, influenciando, assim, na sua motivação em realizá-las.

Com a avaliação final, mesmo em um curto espaço de tempo de trabalho, pude observar melhora na atenção, o que ocasionou melhora nas habilidades temporal,

visuo-construtiva, visuo-perceptiva e de memória. A figura 9 traz o comparativo da atividade de observação e pintura da obra de Mondrian nas avaliações iniciais e finais. Observamos que a reprodução final apresenta maior fidedignidade com a obra original, demonstrando melhora na atenção, no rastreo visual e na habilidade visuo-perceptiva.



Figura 9. Comparativo da atividade de observação e pintura da obra de Mondrian (avaliação inicial e avaliação final).

Os ajustamentos de medicação ocorreram durante todo o processo, o que avalio poder ter influenciado no seu comportamento e desempenho durante as atividades.

Considerações finais

A observação cuidadosa das obras de Tarsila do Amaral e o fazer artístico foram fundamentais para estimular a atenção e, conseqüentemente, auxiliar na manutenção de outras funções, tal como a memória. É importante destacar que oferecer alternativas mediadas por outra pessoa pode contribuir para o desenvolvimento das áreas potenciais da pessoa com deficiência intelectual (TRANCOSO, 2020), pois buscam auxiliar na organização e realização de propostas focadas nas questões que demandam atenção. Tais alternativas devem levar em consideração a totalidade da pessoa atendida. Trazer repetidamente a leitura atenta do calendário através das imagens nele representadas buscando memorizar a estratégia de identificação dos dias também foi importante para que Marcelo pudesse trabalhar o raciocínio.

Segundo Barbosa, Jardim e Santos (2020, p. 261), “a atenção é um fenômeno complexo, não unitário, cujos limites se interseccionam com a percepção, memória, motivação, afeto e nível de consciência dentre outros”, sendo essencial para o funcionamento cognitivo. Em vigília, recebemos diversos sinais sensoriais do meio e do

próprio corpo. São as percepções dos sentidos que despertam a atenção para que ela, ainda segundo as autoras, possa codificar as entradas sensoriais e armazenar essas informações na memória.

Há fatores que precisariam ser melhor avaliados por diferentes profissionais para compreender os prejuízos cognitivos e as alterações de comportamento que Marcelo começou a apresentar. Pensando em alguns fatores que podem estar relacionados, cito o isolamento social intensificado pela pandemia (que tem afetado a saúde mental de grande parte da população), e o próprio processo de envelhecimento cujas perdas cognitivas são naturais e que, em pessoas com deficiência intelectual, podem se manifestar a partir dos 40 anos. Por meio dessa avaliação mais cuidadosa, um programa de intervenção individualizado e multidisciplinar seria o tratamento adequado.

A reabilitação cognitiva tem dois objetivos: restauração funcional – reforçamento e fortalecimento de padrões de comportamento cognitivo aprendidos; e *medidas compensatórias* – aprendizado de novos padrões que permitam ao paciente lidar com as disfunções persistentes. (SANTOS, 2004, p. 41)

É importante que os objetivos sejam realistas e potencialmente alcançáveis considerando o período e recursos disponíveis e que permita que a pessoa atendida fique confortável e sinta-se também responsável por eles (WILSON, 2011). Com um objetivo estabelecido, buscando sistemas de apoio eficazes e direcionando a prática profissional para os comportamentos funcionais da pessoa com deficiência intelectual (TRANCOSO, 2020), a Arte-reabilitação tem uma forte contribuição no processo dentro da equipe multi e interdisciplinar de atendimento, pois, como nos diz Francisquetti (2016), busca criar um programa de estimulação afetiva e cognitiva e elementos de motivação utilizando diversas linguagens artísticas.

É importante notar que todo processo criativo caracteriza-se por processos mentais específicos, tais como: análise, abstração, habilidades de redefinir e rearranjar, flexibilidade, eficiência, coerência de organização espacial, originalidade e síntese. (FRANCISQUETTI, 2016, p. 34)

Levando em consideração as habilidades e os interesses de Marcelo e o breve período que tínhamos de trabalho, o foco das sessões foram intervenções mais diretivas objetivando o exercício de sua atenção e memória. Vale ressaltar que atividades livres intercaladas durante o processo têm grande importância para potencializar o protagonismo, a motivação, a criatividade e a autoestima das pessoas atendidas. Pude oportunizar algumas atividades para Marcelo fazer em casa, deixando as obras de Tarsila do Amaral como inspiração para livre expressão. Estas atividades não fizeram parte deste texto por entender que não houve acompanhamento no processo de criação, porém Marcelo demonstrava muita satisfação em recebê-las.

Com este artigo, espero contribuir para a reflexão das possibilidades de intervenção em Arte-reabilitação e da sua potencialidade em tratamentos que envolvam prejuízos cognitivos.

Data de recebimento: 31.03.2023

Data primeiro aceite: 04.02.2024

Data segundo aceite: 27.04.2024

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS E DE DESENVOLVIMENTO (AAIDD). Disponível em: <<https://www.aaidd.org/intellectual-disability/faqs-on-intellectual-disability>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ANAUATE, M. C. A arteterapia na intervenção neuropsicológica das demências frontotemporais. *In*: ALVARES F. Q. L.; WILSON B. (orgs). **Reabilitação neuropsicológica dos transtornos psiquiátricos**: da teoria à prática. Belo Horizonte: Artesão Editora, 2020.

BARBOSA, J. S.; JARDIM M. L.; SANTOS M. F. R. Neuropsicologia da atenção: da avaliação à estimulação. *In*: **Revista Transformar**, Itaperuna, v. 14, n. 2, p. 258-271. Ago./Dez.2020. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/494>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

COELHO, T. P. C.; BARROCO, S. M. S.; SIERRA, M. A. O conceito de compensação em L.S.Vygotsky e suas implicações para educação de pessoas cegas. *In*: X CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2011, Maringá – PR. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://doczz.com.br/doc/625515/o-conceito-de-compensa%C3%A7%C3%A3o-em-l.s.vigotski-e-suas>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

FIGUEIRA, E. **A Pessoa com Deficiência Dialogando com a Arte** – Dos fatos históricos à educação escolar, rumo ao mercado de trabalho. São Paulo: Edição do Autor/AgBook, 2021.

FONSECA, R. P.; SGANZERLA G. C.; ENÉAS L. V. Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. *In*: **Debates em Psiquiatria**. Rio de Janeiro - RJ, nº 4, vol. 10, p. 28-37. 2020. Disponível em <<https://revistardp.org.br/revista/article/view/23/14>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FRANCISQUETTI, A. A. A arte em um centro de reabilitação. *In*: **Psicologia: Ciência e Profissão**, Volume 12 Nº 1, Porto Alegre: CFP, 1992. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/b8GwN586KPGD5GKcq36HWXm/?lang=pt>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

_____. (org.). Arte-Reabilitação: um caminho inovador na área da arteterapia. *In*: FRANCISQUETTI A. A. **Arte-Reabilitação**: um caminho inovador na área da arteterapia. Rio de Janeiro: Wak; 2016.

LIMA, R. F. Compreendendo os Mecanismos Atencionais. *In: Ciências e Cognição*. vol. 6, nº 1, Rio de Janeiro – RJ, nov. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212005000300013#:~:text=Outra%20subdivis%C3%A3o%20da%20aten%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,que%20subsidi%C3%A1%20o%20mecanismo%20atencional>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MATOS, P.; ALBUQUERQUE, P. B. Modelos Explicativos da Memória Prospectiva: Uma Revisão Teórica. *In: Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 30, nº 2, p. 189-196. Brasília, Abril-Junho 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/dPF3SNn9m5hcG8RX6yYwVDq/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

RACY, I. S. **Arteterapia e desenvolvimento pessoal: um estudo qualitativo com pessoas com deficiência intelectual**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Arteterapia) Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.sophia.com.br/5876/>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

REILY, L. H. **Atividades de Artes Plásticas na Escola**. São Paulo, SP: Pioneira, 1986.

SANTOS, F. H. Sistemas de memória: funcionamento típico, atípico e reabilitação. *In: CLEMENTE FILHO, Antonio S; GROTH, S. M. (orgs.). Envelhecimento e Deficiência Intelectual - uma Emergência Silenciosa*. São Paulo: Instituto Apae, 2004.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

TANAKA, P. J. Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico. *In: Construção Psicopedagógica*. v. 16, nº 13, p. 62-76. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100004>. Acesso em: 19 ago. 2022.

TRANCOSO, B. S. **Deficiência Intelectual – da eliminação à inclusão**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.

WILSON, B. A reabilitação neuropsicológica e os modelos complementares. *In: ALVARES F. Q. L.; WILSON B. (orgs.) Reabilitação neuropsicológica dos transtornos psiquiátricos: da teoria à prática*. Belo Horizonte: Artesão Editora, 2020.

WILSON, B. **Reabilitação da Memória: Integrando Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2011.



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações. Ela é um periódico semestral destinado à divulgação da produção científica na área da Arteterapia. Os artigos encaminhados são submetidos à avaliação de pares (dois pareceristas) por especialistas na área que compõem o nosso conselho consultivo. As opiniões e conceitos emitidos pelos autores são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial da Revista.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

sobre as modalidades

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos espontaneamente submetidos pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigo científico **original/inédito** (amplia consideravelmente o conhecimento ou a compreensão de um dado problema), artigo científico de **revisão teórica/bibliográfica** (no qual há o levantamento das informações a respeito de um determinado tema). Podem também ser submetidos **relatos de experiência** (prioriza a descrição do método/experiência), **estudos de caso** (prioriza a exposição, descrição e discussão de casos), **resenhas** de livros e **resumos** (de monografias, dissertações e teses).
2. A fim de que os nossos pareceristas não tomem conhecimento do texto e de sua autoria, quebrando a regra básica da avaliação cega, os trabalhos enviados devem ser **inéditos**, ou seja, não podem ter sido publicados em qualquer outro meio: livros, outros periódicos, redes acadêmicas, redes institucionais privadas ou públicas e anais de congressos.
3. Trabalhos de cunho teórico que apresentem interfaces com outras áreas do conhecimento são incentivados.
4. Os trabalhos enviados devem estar de acordo com o Código de Ética do Arteterapeuta disponível no site da AATESP
<https://www.aatesp.com.br/aatesp/codigoetica>

sobre os autores

5. É de responsabilidade do autor cumprir as datas acordadas para entrega das revisões solicitadas ao manuscrito. O não cumprimento dos prazos implicará em não publicação do trabalho.

6. Em hipótese alguma o autor deve estar identificado no trabalho, seja a partir de nome próprio, filiação institucional (nome da instituição na qual se formou) ou explicitar que é o autor de determinada referência bibliográfica através de pronomes pessoais (ex. ~~meu~~ trabalho de...).
7. Todas as modalidades, exceto as resenhas e os resumos, apenas podem ser submetidas por profissionais arteterapeutas credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
8. Trabalhos que fizerem uso da Arteterapia podem ter como autores principais profissionais não filiados ou advindos de outras áreas do conhecimento *desde que* apresentem ao menos um co-autor arteterapeuta associado que valide as intervenções arteterapêuticas envolvidas.
9. Serão aceitos artigos com no máximo três autores (um autor e dois co-autores). Lembrando que a coautoria pressupõe *envolvimento importante* na realização do artigo, conhecimento de seu conteúdo e participação na sua redação, ou seja, o co-autor é corresponsável pelo trabalho e responde por ele. Apenas os autores receberão o certificado de aprovação do Artigo quando aceito.
10. Colaboradores não são considerados autores e podem ser reconhecidos, desde que permitam, em nota de rodapé, serem citados como: contribuição; orientação; supervisão, revisão crítica; coleta de dados; participação em inquérito clínico.
11. Acima de três autores, tomando por base as recomendações da ICMJE (1985), deve-se descrever na **Introdução** do material a efetiva contribuição de cada autor nos seguintes termos: se concepção e delineamento do tema; se análise e interpretação dos dados; se redação do manuscrito, se revisão do manuscrito com crítica intelectual importante. A revisão sem crítica intelectual importante ou a simples participação na coleta de dados não justifica autoria.

sobre o formato

12. É imprescindível que o trabalho enviado tenha sido submetido à revisão da língua escrita por um profissional habilitado e que atenda às orientações de diagramação aqui descritas. Não cabe à Revista AATESP ou seus pareceristas a revisão ortográfica dos trabalhos.
13. É considerada uma página aquela formatada da seguinte maneira: folha tamanho A4, fonte Arial tamanho 11, margens (superior, inferior, direita e esquerda) igual a 2,5 cm, espaçamento entre linhas igual a 1,5 e com recuo de primeira linha igual a 1,25 cm.
14. Considerando todas as informações incluídas, os **artigos científicos** (original/inédito ou de revisão teórica/bibliográfica), **relatos de experiência** e **estudos de caso** devem conter no máximo 25 páginas; as **resenhas** 4 páginas; e os **resumos**, 1 página.
15. Os **artigos científicos**, **relatos de experiência** e **estudos de caso** devem

apresentar: título e subtítulo, resumo (de 100 a 200 palavras) de 3 a 5 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês. O corpo do texto deve apresentar: introdução, método, desenvolvimento, considerações finais, e bibliografia referenciada. [Template1](#)

16. Da “bibliografia referenciada” deve constar **apenas e exclusivamente** as obras efetivamente referidas no texto *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar a bibliografia referenciada*
17. Desaconselhamos o uso de notas de rodapé. Se necessárias, devem ser digitadas **utilizando a ferramenta “inserir/ nota de rodapé”** que consta nos editores de texto, fonte Arial tamanho 09, espaçamento de parágrafo simples e tabulação justificada.
18. As citações podem ser feitas de forma direta ou indireta. Citações diretas com menos de 3 linhas devem estar no corpo do texto entre aspas. Citações diretas com mais de três linhas, devem estar recuadas à esquerda em 4 cm, sem aspas ou recuo de primeira linha, com tamanho da fonte 11 e espaçamento entre linhas simples. *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar citações*
19. As figuras (imagens de trabalhos, fotografias ou gráficos) devem estar centralizadas na folha e inseridas no texto **sem qualquer tipo de margem ou moldura**. Cuidar para que as figuras estejam nítidas. Sob a figura deve constar em fonte Arial tamanho 10 as seguintes informações: *Figura nº. breve descrição/legenda* (número da figura, um ponto, uma breve descrição). A figura deve estar referenciada no texto a fim de explicitar em que momento da leitura ela se faz importante à compreensão dos argumentos. No caso de gráficos estes devem estar acompanhados de *título e fonte utilizada*.
20. As imagens utilizadas nos artigos devem possuir licença de uso CC (Creative Commons) e/ou serem imagens de domínio público. A url da imagem deve constar na legenda da mesma.
21. Registros fotográficos feitos pelo autor do artigo podem ser usados desde que não apareçam pessoas ou espaços com uso de imagem restrito. Neste sentido, recomendamos fortemente que o enquadramento (ou a pós edição) das imagens seja feito de tal forma a não revelar a identidade dos pacientes.
22. Registros fotográficos feitos pelo autor do artigo nos quais aparecem pessoas e espaços, devem vir acompanhados de um termo de *Autorização de Uso de Imagem* para publicação sem fins lucrativos. No caso de menores de idade esta autorização deve estar assinada pelo responsável legal.
23. A **página de rosto** deverá ser elaborada em arquivo separado na qual devem constar: título, e autores. Para cada autor fazer constar: créditos acadêmicos e profissionais (de 3 a 5 linhas), se filiado à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição, link do currículo na Plataforma Lattes, endereço completo, telefone e e-mail. Este arquivo pode ser enviado em formato “pdf”. [Template2](#)

24. Nos artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso **não deve constar** identificação de autoria ao longo do trabalho, ou seja, não deve haver qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como nome do autor, filiação profissional, papel timbrado ou dados de autoria no menu “propriedades” do Word.

submissão

25. O autor deve submeter o trabalho mediante envio de e-mail somente ao endereço eletrônico revista@aatensp.com.br, explicitando a intenção de publicação na Revista Arteterapia da AATESP.

26. Deste e-mail devem constar os seguintes arquivos, na forma de anexo, conforme já anteriormente descritos:

1. **arquivo do trabalho** (formato “doc”) *Template1*
2. **página de rosto** (formato “pdf”) *Template2*
3. **carta de intenção e ética** (formato “jpg” ou “pdf”) *Template3*

ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE CITAÇÕES E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

As orientações abaixo atendem às normas estabelecidas pela ABNT NBR-14724 (Informação e Documentação - Trabalhos Acadêmicos), NBR-10520 (Informação e documentação - Citações em documentos) e NBR-6023 (Informação e documentação - Referências).

1. CITAÇÃO

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas. A forma de citação adotada pela Revista de Arteterapia da AATESP será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte deve ser feita seguindo as orientações abaixo.

- No caso de **CITAÇÃO INDIRETA**, estas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original sem se configurarem como uma transcrição literal do texto original. Elas geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceitos do autor. São livres de aspas, sem indicação de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou

Os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Estas se configuram como uma transcrição literal

do texto original. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Ou

Allessandrini (1996) aponta que “...a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com mais de três linhas**, e que nunca devem exceder 10 linhas, devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento 1,0 com letra 10 e sem aspas. Exemplos:

Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Ou

O autor anteriormente referido problematiza que

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (GOSWAMI, 2000, p. 67)

2. BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

São as referências dos livros e materiais consultados para a elaboração do trabalho. **Apenas** devem constar os materiais **efetivamente referidos** no texto (ou seja, mesmo que interessante, materiais não referidos no corpo do texto não devem constar).

- Livro Completo.
SOBRENOME, Nome Abreviado. **Título:** subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local de publicação: Editora, data de publicação da obra.

RHYNE, J. **Arte e Gestalt:** padrões que convergem, 1.ed. São Paulo: Summus, 2000.

- Capítulo de livro
SOBRENOME, Nome abreviado. Título do capítulo: subtítulo. *In:* SOBRENOME, Sigla do nome. **Título do livro:** subtítulo. Local: editora, ano, intervalo de páginas do capítulo.

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. *In:* CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004, p. 219-223.

- Tese, dissertação

SOBRENOME, Nome. Título negrito. Ano de depósito. total de folhas ou páginas.
Tipo (grau) - Instituição, local, ano de defesa.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. 2002. 258p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

- Artigos em periódicos

SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação.

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

- Artigo em periódicos online
com autoria

SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação. Disponível em <URL>. Acesso em: dia mês abreviado ano.

sem autoria

Título da matéria. Nome do site, ano. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

- Trabalho de Congresso (publicado online)

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: UFPE, 1996. Disponível em <<http://www.prospeq.ufpe.br/anais>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

- Resumos em eventos (impresso)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR MINI CONFERENCE, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.